

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“MANDA RESPONSAR”

UM REGISTRO DA
PRÁTICA DO
“RESPONSO” EM
MOSTARDAS/RS

SABRINA MACHADO ARAUJO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO
CULTURAL



Dissertação de Mestrado

“MANDA RESPONSAR”: um registro da prática do “Responso” em
Mostardas/RS

Sabrina Machado Araujo

Pelotas, 2023

Sabrina Machado Araujo

**“MANDA RESPONSAR”: um registro da prática do “Responso” em
Mostardas/RS**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero

Coorientadora: Profa. Dra. Olivia Silva Nery

Pelotas, 2023

Sabrina Machado Araujo

“MANDA RESPONSAR”: um registro da prática do “Responso “em Mostardas/RS

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Data da defesa: 17/07/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero – UFPel/UNIPAMPA (Orientador)

Prof. Dra. Olivia Silva Nery - UFPel (Coorientadora)

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro - UFPel

Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos - UFG

À memória de meu pai e de minha vó Hilma.

E a todos que mantêm viva a tradição de
“mandar responder”.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente à CAPES pela bolsa concedida, essencial para a viabilização deste trabalho. Agradeço à Universidade Federal de Pelotas por proporcionar a educação pública, gratuita e de qualidade, e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, por promover uma formação interdisciplinar ímpar e um ambiente acolhedor. Agradeço ao professor Ronaldo Colvero, meu orientador, pelas contribuições, pela parceria ao longo do mestrado e por confiar em mim e nesta pesquisa.

Agradeço especialmente à Olivia Nery, minha coorientadora, por me ensinar tanto sobre ser pesquisadora, por acompanhar a escrita de cada página desta dissertação, pelos valiosos direcionamentos, dicas, conselhos, sugestões e correções. Muito obrigada pelo tempo que dedicastes a mim e a esta pesquisa, por me ajudar a dar vida a este trabalho e por todo carinho e gentileza neste processo, por ter sido uma amiga. Tu me inspiras!

Agradeço às professoras Carla Gastaud e Carmem Schiavon, pelas contribuições e apontamentos feitos durante a banca de qualificação. Profa. Carmem, além disso, obrigada pelas aulas de patrimônio no curso de História da FURG, nas quais tive mais certeza de que quero seguir nessa área.

Não poderia deixar de mencionar meu orientador da graduação em História Bacharelado, e agora também da licenciatura, professor Daniel Prado, quem primeiro acreditou e incentivou a realização desta pesquisa.

Com muito carinho agradeço à Aline Rochedo e ao Campo de Escrita. Participar desse espaço que acolhe nossas angústias, travas e medos e os transforma em escrita foi muito importante e essencial para mim durante o desenvolvimento desta dissertação. Aline, obrigada pelas dicas, indicações de leitura, por encorajar que escrevamos “do nosso jeito” e mostrar que podemos ser autores. Agradeço também a todas e todos que participaram das mesmas edições do Campo de Escrita que eu, pelos parágrafos compartilhados, pelo apoio, incentivo e risadas de cada encontro. Foi incrível compartilhar um pouco dessa pesquisa com vocês.

Agradeço a cada um que cedeu parte do seu tempo para conversar comigo e compartilhar suas vivências com o Responso. Aos responsáveis Nilo, Terezinha, Irma, Jurema, Vera Marta e Iolanda, agradeço imensamente por terem aberto um pouco de suas vidas para mim e por me contarem sobre suas práticas de responder. Às pessoas da comunidade adepta Alberi, Salete, Ana Lucia, Hilma (*in memoriam*), Raissa, Julia, Dinara, Márcio, Magda, Silamar, Gladimir e Aura, meu profundo agradecimento por terem se disponibilizado para colaborar com este trabalho através das suas percepções e experiências com o Responso. A todos os entrevistados, muito obrigada por confiarem em mim e dividirem comigo suas memórias acerca do Responso em Mostardas. Vocês viabilizaram a realização dessa pesquisa e enriqueceram essa jornada!

Agradeço muito a todas as pessoas que responderam o formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” e que compartilharam seus relatos de experiência com o Responso. Agradeço também a todos que ajudaram a compartilhar e divulgar essa pesquisa. Vocês foram essenciais para este trabalho!

Aos amigos Jean e Rafael, muito obrigada por me ajudarem com as transcrições das entrevistas, devo aquela cerveja pra vocês! Rafinha, acima disso, obrigada por ter estado aqui quando as coisas ficaram mais difíceis.

Meus amigos, Breadelyn, Joyce, Michele e Samara, unidos desde a escrita do TCC em 2018, muito obrigada por serem vocês e por compartilharem as conquistas e as dificuldades do meio acadêmico. Em especial, agradeço ao Bread por estar sempre pronto para responder infinitas mensagens, para ler, opinar, me ouvir reclamar e, principalmente, por ser meu *best*, o melhor do mundo.

Às minhas amigas, todas, as de infância e as que fiz em Rio Grande, obrigada por me apoiarem, incentivarem e acreditarem em mim sempre! Por me ouvirem compartilhar as coisas boas e também os surtos. Amo vocês! Um obrigada especial para Marina e Renata, que acompanharam mais de perto esse ciclo e me ouviram falar muito sobre o Responso.

À minha família, por sermos nós, por todo amor, por sempre incentivarem os estudos e por nunca medirem esforços para que eu chegasse até aqui, amo vocês! Obrigada também por terem transmitido a mim a fé no Responso. Mãe e Isa, desculpem estar longe a maior parte do tempo. Vó Dodó, exemplo de força. Dinda, minha primeira referência de alguém que saiu de casa para estudar e sempre perguntava que curso eu queria fazer na faculdade. Melissa, obrigada por ser minha parceira e me acompanhar em tudo desde sempre, por ser a melhor companhia, por estar aqui. Pai e vó Hilma, que saudade! Não há um dia em que eu não pense em vocês, obrigada por terem sido as melhores pessoas que eu podia ter tido em minha vida e por terem me ensinado mais do que palavras podem traduzir. Amo-os para sempre.

Agradeço também a Santo Antônio, a quem recorri muitas vezes para que me ajudasse a encontrar o foco e a inspiração por vezes perdidas, e também as melhores palavras para dar vida a este trabalho.

Agradeço imensamente aos professores Diego Lemos Ribeiro e Yussef Daibert Salomão de Campos, por aceitarem compor minha banca de defesa e pelos valiosos apontamentos, considerações e reflexões propostas, que enriqueceram a versão final deste trabalho.

Meu muito obrigada carinhoso a todos que de alguma forma contribuíram e se fizeram presentes durante a realização desta pesquisa.

“[...] eu vou sempre procurar e vou passar isso aí também pros meus filhos procurarem e espero que sempre tenha um responsador e uma benzedeira.”

(Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022)

Resumo

Esta dissertação propõe investigar e registrar o Responso em Mostardas/RS. Trata-se de uma prática cultural tradicional no município, que implica em encontrar coisas perdidas. Para isso, é necessária a figura do(a) “responsador(a)”, uma pessoa que, através da sua fé, intercede para que outra pessoa encontre um objeto ou animal perdido. O Responso, e a crença na sua eficácia enquanto meio de encontrar bens perdidos, é transmitida através das gerações, a prática é heterogênea, plural e dinâmica, dotada de singularidades e possui relação de afetividade com a população local, fatores que permitem pensar o Responso como um Patrimônio Imaterial do município. O Responso é um patrimônio vivo, vivido pela comunidade de Mostardas, individual e coletivamente. O objetivo principal da pesquisa é construir um registro do Responso em Mostardas, produzindo uma espécie de inventário da prática. Atravessam a pesquisa os conceitos de memória, patrimônio imaterial, cultura e tradição, sendo a História Oral a principal metodologia utilizada na coleta e análise de dados.

Palavras-chave: Responso. Mostardas. Patrimônio Imaterial. História Oral.

Resumen

Esta disertación propone investigar y registrar el Responso en Mostardas/RS. Se trata de una práctica cultural tradicional en el municipio, que consiste en encontrar cosas perdidas. Para ello, es necesaria la figura del "responsador(a)", persona que, a través de la fe, intercede para que otra persona encuentre un objeto o animal perdido. El Responso, y la creencia en su eficacia como medio para encontrar bienes perdidos, se transmite de generación en generación, la práctica es heterogénea, plural y dinámica, dotada de singularidades y tiene una relación afectiva con la población local, factores que permiten pensar en el Responso como un Patrimonio Inmaterial del municipio. El Responso es un patrimonio vivo, vivido por la comunidad de Mostardas, individual y colectivamente. El objetivo principal de la investigación es construir un registro de Responso en Mostardas, produciendo una especie de inventario de la práctica. Cruzan la investigación los conceptos de memoria, patrimonio inmaterial, cultura y tradición, siendo la Historia Oral la principal metodología utilizada en la recogida y análisis de datos.

Palabras-Clave: Responso. Mostardas. Patrimonio Inmaterial. Historia Oral.

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 1 | Mapa da Pesquisa | 27 |
| Figura 2 | Oração do Responsório de Santo Antônio em latim e português | 34 |
| Figura 3 | Responso de San Antônio de Pádua (1848) | 42 |
| Figura 4 | Print de tweet recomendando a prática do Responso. | 43 |
| Figura 5 | Mapa da localização da prática do Responso no Brasil. | 45 |
| Figura 6 | Localização de Mostardas no estado do Rio Grande do Sul. | 48 |
| Figura 7 | Conjunto de imagens de Mostardas (RS) | 50 |
| Figura 8 | Cobertor Mostardeiro | 51 |
| Figura 9 | Igreja Matriz São Luiz Rei | 59 |
| Figura 10 | Calçadão Chico Pedro | 61 |
| Figura 11 | Oração do Responso de Sant Antônio | 79 |
| Figura 12 | Capa do livro orações e santos populares | 79 |
| Figura 13 | Iolanda Bandeira | 82 |
| Figura 14 | Livro de orações de Iolanda | 83 |
| Figura 15 | Irma, Sabrina e Jurema | 85 |
| Figura 16 | Nilo Chaves | 88 |
| Figura 17 | Interpretações sobre o “dom” no Responso | 117 |
| Figura 18 | Visão e Percepção | 125 |
| Figura 19 | Mapa da localização da comunidade adepta | 133 |

dentro e fora de Mostardas, segundo o formulário
“Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

| | | |
|-----------|--|-----|
| Figura 20 | Mapa da localização da comunidade adepta dentro do território de Mostardas, segundo o Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” | 134 |
| Figura 21 | Mapa da localização da comunidade adepta dentro da sede de Mostardas, segundo o formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” | 134 |
| Figura 22 | Nível de instrução da população de Mostardas | 135 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|---|-----|
| Gráfico 1 | População dos municípios em que a prática do Responso foi localizada. | 45 |
| Gráfico 2 | Qual sua idade? | 132 |
| Gráfico 3 | Qual sua escolaridade? | 135 |
| Gráfico 4 | Você conhece a prática do Responso? | 137 |
| Gráfico 5 | Como você conheceu o Responso? | 137 |
| Gráfico 6 | Qual seu nível de proximidade com o Responso? | 139 |
| Gráfico 7 | Você acredita em Responso? | 140 |
| Gráfico 8 | Você já mandou responsar objetos/animais perdidos? | 140 |
| Gráfico 9 | Você conhece a Lei nº 2.744 de 2010 que institui o Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas? | 166 |
| Gráfico 10 | Você concorda com os elementos citados? | 166 |
| Gráfico 11 | Pensando nas manifestações culturais imateriais do município, acredita que o Responso também é uma delas? | 167 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 15 |
| Capítulo 1 - “Essa história de responder pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos” | 30 |
| 1.1. “Mas outros <i>lugar</i> pro interior, pra fora... tem lugar que tem” | 32 |
| 1.2. “Gosto muito de Mostardas, é um lugar abençoado, sabia?” | 46 |
| 1.3 “O pessoal que vive no interior, eles acreditam muito nessas coisas” | 63 |
| Capítulo 2 - “[...] quando perdia uma coisa pedia pra ela responder pra mim” | 70 |
| 2.1. “O Responso não é pra qualquer um” | 74 |
| 2.2. “[...] porque o Responso é feito para o Santo Antônio, né...” | 95 |
| 2.2.1 “Eu acho que são duas culturas que mais ou menos se <i>uniu</i> ” | 108 |
| 2.3. “Isso eu faço com fé, e o pessoal vem com fé, né, dá tudo certo” | 112 |
| 2.4. “Eu acho que o responso é um dom de natureza que a pessoa tem” .. | 115 |
| 2.5. “[...] dá geralmente uma visão, <i>aonde</i> é que tá as coisas” | 119 |
| 2.6. “O responsador não cobra, a gente dá o que quer” | 125 |
| Capítulo 3 - “Na minha família sempre acreditamos na prática do Responso, sempre funcionou” | 129 |
| 3.1. “Não tem um perfil [...] tá meio parelho a coisa” | 131 |
| 3.2. “Foram muitas coisas respondidas e encontradas” | 147 |
| 3.2.1 “[...] algumas vezes deram certas outras não” | 156 |
| 3.3. “É um patrimônio [...] é algo cultural nosso daqui” | 159 |
| Conclusões | 172 |
| Referências | 178 |
| APÊNDICES | 198 |
| APÊNDICE A | 199 |
| APÊNDICE B | 202 |
| APÊNDICE C | 203 |

Introdução

Todos nós, em algum momento da vida, provavelmente em muitos, perdemos algo. Por mais cuidadosa, cautelosa e atenciosa que uma pessoa seja, vai acontecer. Essa situação envolve, muitas vezes, um sentimento e sensação angustiantes: o de perder algo que nos é importante, dar-se por conta, quando menos se espera, que uma coisa não está onde deveria. E procurar, procurar e não encontrar.

Imagine não saber onde foi parar uma joia de família, um documento, um cartão bancário, um objeto de valor, seja material ou afetivo, um animal de estimação que fugiu. Independentemente do que seja, ninguém quer perder um bem que lhe pertence e lhe é valioso, seja esse valor simbólico, afetivo ou monetário. Quando perdemos algo, logo pensamos em maneiras de recuperar, procurando exaustivamente e refazendo os nossos próprios passos, buscando o momento da distração. Mas quando a procura não leva ao encontro? O que pode ter acontecido? Alguém roubou? Onde está?

Imagine agora que alguém possa oferecer essas respostas, informações que ajudem a encontrar o que está perdido ou que pelo menos possa interceder em favor do seu encontro. No município de Mostardas/RS, *locus* da pesquisa, existe um ofício tradicional ao qual se pode recorrer para auxiliar na busca pelas coisas perdidas. Trata-se do Responso, prática que constitui uma forte expressão da cultura imaterial local. Ele é praticado por pessoas chamadas aqui de responsadoras e responsadores que, através da sua fé, intercedem para que outra pessoa encontre algo que está perdido. Nos responsadores entrevistados nesta pesquisa existe, em geral, a presença de uma “visão”, que os permite descrever o local onde está o objeto ou animal perdido e identificar casos de roubo.

Em caso de objetos perdidos ou animais desaparecidos, é costume entre os moradores de Mostardas “mandar resposar”, ou seja, aquele que tem algo perdido, se dirige até a casa de uma responsadora ou responsador, ou faz uma ligação por telefone, e pede que este faça o Responso. Os responsadores têm, cada um, seu próprio ritual, ligado à sua religiosidade e crenças pessoais e é comum que eles não “responsem” na presença de quem procura. Após feito o

Responso, aqueles responsadores que não possuem a visão pedem que a pessoa procure o bem perdido, confiando na intercessão divina. E, como dito anteriormente, aqueles que possuem a visão, poderão dar dicas sobre o paradeiro do objeto ou animal, ou fazer descrições do local em que se encontra o bem perdido, para que a pessoa saiba onde procurar, e poderão também identificar se for um caso de furto.

Enquanto o Responso está sendo feito, a pessoa aguarda com expectativa o retorno do responsador. A resposta leva embora a tensão e a angústia da perda, e do não saber, na medida em que traz o alívio da informação sobre onde está ou sobre o que aconteceu, e a esperança da possibilidade de encontrar o que está perdido. Na grande maioria das vezes o Responso “dá certo” e em casos nos quais a responsadora ou responsador possui a “visão”, o que é dito por eles se confirma correto, e o objeto ou animal é encontrado em um local condizente com a descrição dada. São muitos os relatos alcançados, através desta pesquisa, de Resposos bem-sucedidos em oposição a um número muito reduzido de relatos com desfecho negativo em relação ao Responso.

Entretanto, tendo ou não “funcionado” o Responso, a validação da prática já está dada em virtude de sua permanência no tempo e no espaço. Assim, a popularidade, a adesão da comunidade de Mostardas à prática e a forte transmissão intergeracional, permitem que ela seja entendida como uma tradição cultural local e como um patrimônio.

Pensar no Responso é pensar em misticismo. É ser levado a um lugar envolto em uma bruma de questionamentos que só é possível ser atravessada por meio da fé. Tendo nascido e passado minha vida/infância em Mostardas, lembro, desde criança, ouvir falar sobre “mandar responsar” e conforme o passar do tempo, o Responso tornava-se cada vez mais curioso aos meus olhos. Eu pensava: “mas, como é feito?”, “de onde isso vem?”, “como é possível que eles nos digam onde está o que está perdido?”, “É um dom?”

Eu imaginava que se tratava de algo mágico, de um grande segredo misterioso. Quando iniciei a pesquisa e fiz as primeiras entrevistas, ouvi dos responsadores que não existia “nada demais”, que não tinha segredo nem nada sobrenatural. A resposta para essas questões, de modo geral, era a fé. E por

fim, me dei conta de que imaginei certo, pois não seria, a fé, mágica? A fé, manifestada na figura da responsadora e responsador, bem como naqueles que os procuram, é a grande responsável pela magia de responsar e também pela legitimidade que esse ofício carrega.

A curiosidade provocada pelo aspecto místico inerente ao Responso é compartilhada por muitas pessoas e percebo que é ainda mais forte entre aqueles que desconhecem a prática. Tentar compreender “como” se dá o Responso é uma tarefa que foge um pouco do nosso domínio, pois, por mais que tentemos racionalizar as coisas para que se tornem mais palpáveis, materiais e compreensíveis, neste caso trata-se de algo movido pela fé, que é completamente intangível.

O ofício de responsar não é homogêneo, existem várias formas de fazer. É uma prática plural e, como toda manifestação cultural, é dinâmica e carregada de particularidades. Entretanto, alguns elementos foram identificados como sendo basilares do Responso, são eles: o responsador/ a responsadora, as pessoas que tiveram seus bens perdidos e buscam o Responso para encontrá-los, aqui chamados de adeptos ou comunidade adepta, e o fator local, aspecto fundamental para que a prática tenha surgido e se mantido ao longo do tempo. Esses três grandes elementos circundam a prática do Responso e tangenciam outros fatores igualmente importantes. O ritual da prática, apesar de ter peculiaridades e características diferentes dependendo de quem a pratica, possui uma estrutura geral, um conjunto de etapas e elementos: a prece e/ou oração do responsório de Santo Antônio, a fé, o dom, a visão ou percepção e, por fim, o pós Responso, que envolve a resposta/resultado do ritual e o agradecimento.

O Responso configura, assim, uma prática peculiar e tradicional que é parte da vida da comunidade mostardense. Reconhecida geração após geração como útil, eficaz e segura, é importante no cenário cultural do município e está presente no imaginário social devido a seu aspecto mágico-religioso. Ainda assim, o Responso em Mostardas até o presente não foi alvo de investigações científicas e não há registros desse ofício que, embora existindo há tanto tempo, não tem garantia de continuidade, tendo em vista a ausência de novos responsadores e o fato de que não é possível “ensinar a responsar”. Essa pesquisa parte, então,

principalmente, do entendimento do Responso enquanto uma prática cultural identificada como patrimônio imaterial e da pretensão de construir seu registro.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, e definiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). O registro é uma forma de reconhecimento e valorização desses bens (FONSECA; CAVALCANTI, 2008), sendo seu instrumento de salvaguarda, do mesmo modo que o tombamento é o instrumento de salvaguarda dos bens materiais. Assim, “tombam-se objetos, edificações e sítios físicos; registram-se saberes e celebrações, rituais e formas de expressão e os espaços onde essas práticas se desenvolvem” (IPHAN, 2006b, p. 22). Segundo o IPHAN, o registro “[...] corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural” (IPHAN, 2006b, p. 22).

É imprescindível citar Aloísio Magalhães ao falar do conceito de referência cultural. Foi ele quem, à frente do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), impulsionou a revisão “dos critérios para a proteção de bens culturais de grande valor histórico e artístico, traçados em 1937” (IPHAN, 2006b, p. 22-24). Promovendo assim, a partir da década de 1970, “a discussão sobre as práticas, expressões e conhecimentos que são referências para grupos e segmentos sociais” (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p. 20). O conceito de referência cultural tornou-se essencial dentro da política de salvaguarda do patrimônio imaterial, e refere-se às “representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e aos objetos, aos ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças e hábitos” (FONSECA, 2000, p. 11). Assim, o Inventário Nacional de Referências Culturais é:

uma metodologia de pesquisa adotada pelo IPHAN, que tem como objetivo produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores, portanto, que constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p. 21).

A metodologia do INRC prevê 3 etapas:

Levantamento preliminar: reunião e sistematização das informações disponíveis sobre o universo a inventariar, produzindo-se, ao final da etapa, um mapeamento cultural que pode ter caráter territorial, geopolítico ou temático.

Identificação: descrição sistemática e tipificação das referências culturais relevantes; mapeamento das relações entre estas referências e outros bens e práticas; e indicação dos aspectos básicos dos seus processos de formação, produção, reprodução e transmissão.

Documentação: desenvolvimento de estudos técnicos e autorais, de natureza eminentemente etnográfica, e produção de documentação audiovisual ou outra adequada à compreensão dos bens identificados, realizadas por especialistas, segundo as normas de cada gênero e linguagem; inclui, ainda, a fundamentação do trabalho de inserção dos dados, obtidos nas etapas anteriores, no banco de dados do INRC. (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p. 22)

Considerando todos esses aspectos, escolhi pesquisar a prática do Responso à luz do conhecimento científico e dos estudos da memória e do patrimônio, sendo o objetivo geral da dissertação o de registrar o ofício do Responso em Mostardas/RS, com base na metodologia do INRC, construindo uma espécie de inventário¹ da prática. A partir disso, a questão-problema se manifesta na seguinte pergunta: **quais são as características do Responso em Mostardas/RS?**

Essa problemática central dá origem a outras, e estas, por sua vez, constituem os objetivos específicos desta dissertação: 1) compreender o que é e como acontece a prática de responsar; 2) mapear os responsadores existentes no município de Mostardas; 3) traçar as semelhanças e diferenças entre a prática dos diferentes responsadores; 4) registrar relatos de pessoas que já “mandaram responsar” objetos e animais perdidos; 5) perceber como a população entende o responso e que importância atribuem a essa prática no cenário cultural mostardense; 6) Analisar o alcance e uso da prática do Responso na cidade de Mostardas e o perfil dos adeptos; 7) entender se o responso constitui uma prática cultural reconhecida/identificada como patrimônio imaterial pela comunidade de Mostardas; 8) investigar a origem do Responso em Mostardas e a existência da prática em outros lugares;

Tendo em vista tais questionamentos e objetivos, saliento que a primeira hipótese desta pesquisa, referente à origem da prática, é a de que o Responso em Mostardas é uma herança açoriana e portuguesa, vinda através dos casais

¹ Cabe ressaltar que foi realizada uma adaptação à metodologia do INRC, dentro das condições de tempo e tecnologia disponíveis durante esta pesquisa. Os registros foram realizados, sobretudo, através da gravação de voz das pessoas entrevistadas e sua transcrição. Algumas fotografias foram feitas para registrar o espaço utilizado pelos responsadores durante a prática, bem como para valorizar tais pessoas.

açorianos que deram início à povoação oficial local. A justificativa dessa hipótese se dá devido à prática do Responso ter, comumente, a Oração do Responso ou Responsório de Santo Antônio como base, tendo assim uma origem católica. Pressupondo que a religião católica se desenvolveu/ganhou força na região a partir da colonização e que Santo Antônio é um santo português e padroeiro de Portugal, tendo grande popularidade neste país, seria concebível que a prática do Responso tivesse se desenvolvido em Mostardas através da presença luso-açoriana. A segunda hipótese é de que o Responso é uma prática identificada pela comunidade mostardense como patrimônio imaterial. Ainda que não oficializado e institucionalizado, é reconhecido pela população como tal.

Reforço que, apesar da significativa presença e importância cultural do Responso em Mostardas, a prática ainda não foi aprofundadamente pesquisada, sendo essa a principal justificativa para o desenvolvimento desta dissertação. Cabe destacar que alguns trabalhos como os de Molet (2018), Marques (2019) e Wedig e Ramos (2020) já mencionavam a presença do Responso na localidade, mas não como foco de seus estudos. Essa lacuna e os meus questionamentos pessoais mencionados anteriormente se aliam à contribuição para o campo do Patrimônio, que procederá do resultado desta pesquisa, para justificar sua realização. Penso que é necessário desburocratizar a ideia de patrimônio, a desvencilhar das amarras institucionais e administrativas, de modo que ganhe espaço a denominada “patrimonialidade”, conceito de Poulot (2009) que diz respeito ao caráter patrimonial de um bem, sem, no entanto, demandar sua patrimonialização. Um bem que possui caráter patrimonial, atribuído pelo grupo no qual se encontra, é, assim, entendido como patrimônio em seu sentido mais genuíno. Conforme aponta Gonçalves (2019, p. 41) “Muito do que podemos entender como “patrimônios” não encontra necessariamente sua realização nas políticas e nas decisões das agências oficiais de preservação”.

Dessa forma, a perspectiva de patrimônio na qual acredito e que defendo nesta dissertação é aquela que entende como patrimônio todos os bens que possuem ressonância e aderência na comunidade a qual pertencem, tendo sua importância para o cenário cultural e identidade do grupo reconhecidas pelas pessoas comuns. Ou seja, sem necessariamente carecer do respaldo das ações de uma agência do Estado, através de decretos, leis ou atos administrativos.

Nessa direção, a presente pesquisa contribui para o campo de estudos patrimoniais ao suscitar uma abordagem de patrimônio que se preocupa menos com a formalização institucional e mais com a validação pela própria comunidade através da efetiva ressonância e atribuição de sentido e afetividade.

Para investigar a prática do Responso, esta dissertação utiliza como principal fonte a oralidade, coletada a partir de entrevistas semiestruturadas com responsáveis e pessoas da comunidade mostardense adeptas à prática. De maneira geral, a História Oral pode ser compreendida como:

[...] uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador e da fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005, p. 155).

A escolha desta metodologia justifica-se na medida em que só é possível atender aos objetivos da pesquisa, principalmente o de identificar as características do Responso, através de relatos dos envolvidos, sobretudo dos responsáveis, detentores do saber ou dom necessários para realizar a prática. Alberti (2005, p. 169) declara que o trabalho com a entrevista de História oral, também compreendida como “documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais”, reforça o conceito de “indivíduo como valor”, compreendido, dentro da cultura ocidental moderna, como “único e singular, ser psicológico,” que “dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo” (ALBERTI, 2004, p. 20).

Joël Candau (2005, p.163), por sua vez, diz que “os testemunhos orais adquiriram um forte valor patrimonial para as coletividades territoriais que veem neles peças essenciais da cultura local: histórias da vida cotidiana, antigos ofícios, festas de aldeia, práticas religiosas [...]”. Essa ideia vem ao encontro da pesquisa e da concepção de indivíduo como valor, visto que os responsáveis são figuras locais relevantes e suas narrativas constituem a principal maneira de compreender a complexidade, diversidade e características da prática do Responso. Pois, conforme será desenvolvido ao longo deste trabalho, os responsáveis, são detentores dos conhecimentos e saber-fazer deste ofício, e suas vivências, experiências e narrativas, demonstram as singularidades da

prática, bem como o exercício memorial e identitário envolvido no Responso e nas narrativas a seu respeito.

Nessa direção, Verena Alberti (2005, p.165) pontua que “uma das principais riquezas da História Oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências” e como as viveram, as interpretam e as recordam. Aqui, entramos no domínio da memória, fator elementar no trabalho com narrativas orais pois, como dito por Meihy e Seawright (2020, p. 21), “a História Oral é dimensão prática e organizada de projetos que exploram nuances da memória”. As narrativas dos indivíduos são pautadas no trabalho da memória, que por sua vez possui caráter subjetivo, porém, “hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico” (ALBERTI, 2005, p.163). Como afirma também Alberti (2004, p. 09) “a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis”. Assim, a memória constitui a matéria-prima da história oral e é através dela que os sujeitos adquirem e expressam a consciência de si mesmos, da sua existência e da temporalidade.

Nesse sentido, a História Oral foi a metodologia utilizada durante o processo de coleta e análise dos depoimentos, juntamente com a análise de conteúdo. Foram coletados 6² depoimentos de responsáveis de Mostardas, com o objetivo de registrar e compreender a prática do Responso, suas particularidades e características e 12³ depoimentos com pessoas da comunidade mostardense adeptas à prática do Responso. Foram realizadas entrevistas presenciais e também na modalidade *online*, principalmente porque esta última age em favor da “potencial redução dos custos da pesquisa: nem sempre é possível dispor de financiamentos que permitam transpor barreiras geográficas” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 2). Embora ainda seja comum que história oral e a pesquisa em meio digital sejam vistas como rivais, e por esse motivo as entrevistas *online* sejam tratadas com cautela ou mesmo

² Foram 5 entrevistas, mas 6 depoimentos considerando que uma entrevista foi realizada com duas responsáveis simultaneamente (Irma e Jurema).

³ Foram 9 entrevistas, mas 12 depoimentos considerando que 3 entrevistas foram realizadas com duas pessoas simultaneamente (Alberi e Salet; Silamar e Gládimir; e Márcio e Magda).

descartadas, esse paradigma vem mudando, principalmente, a partir da pandemia de Covid-19.

Relações sociais, pessoais ou institucionais vêm mudando substancialmente com os relacionamentos online ou mediados por máquinas. A presença física não é mais um critério de definição do que se considera uma relação social (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 2).

A entrevista *online* foi um recurso utilizado nesta pesquisa de forma bastante natural, visto que no cenário pandêmico as relações sociais aconteceram amplamente em formato digital. Esse contexto permitiu que mesmo as pessoas pouco propensas ao uso de chamadas de vídeo e outros recursos nesse sentido, se vissem condicionadas a utilizá-los, vindo a familiarizar-se com estes formatos de interação. De modo que a entrevista *online* foi, em muitos casos, sugestão do próprio entrevistado.

Além das fontes orais, essa investigação também utiliza depoimentos escritos, coletados através de um formulário criado especialmente para essa dissertação. O formulário⁴ sob o título “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*” foi criado através do Formulários Google e publicado no dia 08 de março de 2022, e reuniu 181 respostas. Esses depoimentos são relevantes, sobretudo, para conhecer a versão dos adeptos à prática.

Embora presente no meu cotidiano enquanto mostardense, o Responso sempre foi visto por mim como algo peculiar, alvo de curiosidade. Dessa forma, é importante destacar que a pesquisa surge como fruto de um conjunto de inquietações pessoais que amadureceram junto com minha trajetória acadêmica, permitindo que eu olhasse como pesquisadora para essa prática, que é comum no município, e que eu conheço e tenho contato desde criança. Assim, minhas percepções permeiam a pesquisa, tornando a autoetnografia uma ferramenta metodológica oportuna a ser utilizada. Como dito por Ellis, Adams e Bochner (2015):

Los autoetnógrafos reconocen las innumerables maneras en que la experiencia personal influye en el proceso de investigación. [...] La autoetnografía es uno de los enfoques que reconoce y da lugar a la subjetividad, la emocionalidad y la influencia del investigador en su

⁴ O formulário pode ser visto no Apêndice A.

trabajo, en lugar de ocultar estas cuestiones o pretender que no existen (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2015, p. 251-252)⁵.

Pelas seguintes razões aqui citadas: meu pertencimento ao local da pesquisa, minha proximidade com o tema e com alguns dos entrevistados, por ter minhas próprias experiências com o Responso, individuais e familiares, que escolhi escrever esta dissertação em primeira pessoa. Dessa forma, é essencial demarcar o espaço que ocupo no contexto da pesquisa ao invés de tentar escondê-lo, pois ele determina diversas questões dentro do trabalho, inclusive a própria escrita. Entretanto, é a aplicação da metodologia da História Oral, da Análise de Conteúdo e da Autoetnografia, juntamente com a leitura teórica e conceitual da prática, que possibilita que essa relação não afete o desenvolvimento desta pesquisa e o olhar crítico e científico para o Responso.

Sendo assim, em termos teóricos e conceituais essa pesquisa está baseada no eixo patrimônio imaterial - memória - cultura - tradição. Conceitos e definições que serão aqui apresentados com o intuito de situar o(a) leitor(a) do ponto de partida que esta pesquisa vem sendo realizada. No que tange à cultura, utilizarei as definições de Geertz (2013, p. 66), para o autor o conceito de cultura “denota um padrão de significados transmitido historicamente” [...] expresso “em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. Assim, na concepção antropológica, o conceito de cultura

[...] compreende os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em suas coletividades (VIANNA, 2016).

O Responso é uma prática cultural e também pode ser entendido como um costume, no que se refere ao “mandar responsar”. Dessa forma, a proposta da pesquisa de registrar a prática do Responso em Mostardas/RS se dá a partir da sua importância cultural nesse local e de seu caráter patrimonial, ou seja, sua patrimonialidade. Este conceito de Poulot (2009) mencionado anteriormente, designa o potencial de patrimonialização de um bem percebido por indivíduo ou

⁵ “Os autoetnógrafos reconhecem as inúmeras maneiras em que a experiência pessoal influencia no processo de pesquisa. [...] A autoetnografia é um dos enfoques que reconhece e dá lugar a subjetividade, a emocionalidade e a influência do pesquisador em seu trabalho, em lugar de ocultar essas questões ou pretender que não existam.” Tradução livre da autora.

grupo. A patrimonialização, por sua vez, é a efetivação/legitimação dessa patrimonialidade por meios oficiais de reconhecimento. Em Mostardas, a prática do Responso é dotada de patrimonialidade, pois é uma tradição e faz parte da identidade cultural do município, mas não é reconhecida como patrimônio formalmente. Entre os grupos nos quais dividem-se o patrimônio, a prática do Responso estaria no chamado Patrimônio Imaterial, que “opondo-se ao chamado “patrimônio de pedra e cal”, [...] visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais” (GONÇALVES, 2003, p.28). Segundo a UNESCO (1993), integram o Patrimônio Cultural Imaterial “[...] as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais” (ABREU, 2003, p. 83). Contudo, cabe argumentar que a dicotomia entre material e imaterial é utilizada muito mais para facilitar, do ponto de vista didático e prático, a diferenciação das legislações de salvaguarda (FONSECA, 2007). Pois, do ponto de vista ontológico, material e imaterial estão constantemente mesclados (RIBEIRO, 2023), no caso do objeto desta pesquisa, tratamos o Responso como um bem imaterial por ser uma prática cultural, que, no entanto, é atravessada por diversas materialidades, como o objeto ou animal perdido, os demais objetos utilizados no rito como as velas, o responsador e seu corpo, bem como os adeptos.

A noção de tradição empregada nesta pesquisa é aquela que entende tradição como ato de transmitir, ou seja, “como representação daquilo que perdura socialmente em determinado grupo” (SILVA, 2021, p. 437). Assim, entendo a prática do Responso como tradicional devido à sua longevidade no município de Mostardas e à sua contínua procura e utilização pela comunidade adepta. Entendendo que uma tradição só faz sentido se vivida no presente, e que isso implica inevitável dinamicidade e renovação, as contribuições de Arévalo (2004) também se tornam importantes e serão utilizadas. A ideia de tradição carrega ainda maior complexidade quando pensada dentro do que se entende por “tradições inventadas”, desse modo, serão também abordadas as concepções de Hobsbawn e Ranger (1997) e de Candau (2009, 2011).

Para além do conceito de tradição, esta pesquisa se utiliza de estudos do campo da memória, tanto por ter como temática uma manifestação cultural

entendida como patrimônio quanto por ter a oralidade utilizada como fonte de pesquisa. Nesse sentido, algumas concepções de Candau (2011) são muito importantes, pois o autor aborda a memória a partir da Antropologia, num esforço de

[...] compreender, a partir de dados empíricos, como os indivíduos chegam a compartilhar práticas, representações, crenças, lembranças, produzindo, assim, em uma determinada sociedade, aquilo que chamamos de cultura (CANDAU, 2011, p. 11).

Além deste autor, a pesquisa também utiliza Bosi (1994), Halbwachs (2004) e Frentress e Wickham (2003), que trazem abordagens da memória em contextos distintos e essa pesquisa as utilizará para analisar a prática do Responso, sobretudo o exercício memorial, identitário e narrativo presente na fala dos colaboradores entrevistados. Mas também, para analisar a construção da memória social e cultural em torno dessa prática.

Tendo apresentado os principais conceitos, e suas definições, para elaboração desta pesquisa, destaco que tais leituras estarão costuradas ao longo do texto, sendo base para as análises realizadas sobre a prática. Partindo da problemática central e seus objetivos, a dissertação está estruturada em três capítulos, cada capítulo se constitui na análise aprofundada de um dos três elementos que sustentam a prática do Responso, apresentados anteriormente: local em que a prática é realizada (Mostardas); as responsadoras(es) e as pessoas que buscam o Responso para encontrar seus objetos perdidos, chamadas de comunidade adepta. Será a partir dessa percepção e delineamento que a pesquisa será apresentada, bem como foi desenvolvida, no decorrer desta dissertação. Para melhor ilustrá-la, apresento o Mapa da Pesquisa (Figura 1), que apresenta os três elementos, seus fatores complementares, e aspectos que serão desenvolvidos em cada respectivo capítulo.

Figura 1 - Mapa da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Dessa forma, cada elemento será desenvolvido no decorrer dos capítulos. Ressalto que, buscando dar protagonismo para as falas dos(as) depoentes, e colocando as experiências do Responso em evidência ao longo deste trabalho, todos os capítulos e subcapítulos são trechos extraídos das entrevistas realizadas. Assim, o elemento local será apresentado no primeiro capítulo, titulado: **1) “Essa história de responder pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos”**, nesse capítulo será abordado o contexto geográfico e espacial da pesquisa: o município de Mostardas/RS. Analiso como a questão local está relacionada com a presença da prática. Para isso, identifiquei outras cidades em que o Responso é praticado no Brasil, e como essa prática se diferencia ou se assemelha com o de Mostardas. Pretendo, ainda, buscar traçar a origem e a história do Responso em Mostardas. Conforme dito anteriormente, a hipótese inicial é que esta origem está ligada à colonização portuguesa e açoriana e à religião católica.

O segundo elemento, os responsadores e responsadoras, está desenvolvido no segundo capítulo: **2) “[...] quando perdía uma coisa pedia pra ela responder pra mim”**. Nele apresento as características fundamentais do Responso em Mostardas a partir, essencialmente, das entrevistas realizadas com os responsadores. Após a análise das entrevistas, foi possível identificar categorias que se repetiam nas narrativas dos responsadores e que se constituem como elementos fundamentais da prática. Nesse momento da dissertação, pretendo abordar esses elementos que dão forma e sentido ao Responso, os descrevendo e analisando. Assim, o capítulo está dividido em 6 subcapítulos que abordam, cada um, esses elementos essenciais do Responso. Neste capítulo, a ênfase recai sobre os responsadores, os sujeitos detentores do saber, da fé e do dom necessários para realizar o ofício de responder, tendo como pretensão maior, caracterizar a prática do Responso em Mostardas de dentro para fora, atingindo o objetivo geral da pesquisa. Deve ser possível, após a leitura do capítulo, compreender como acontece o Responso, o que é necessário para que ele seja feito, as singularidades de cada responsador entrevistado em relação ao seu modo de fazer, e perceber o quanto se trata de um ofício plural, heterogêneo e dinâmico.

Por fim, o terceiro elemento, a comunidade adepta ao Responso, está aprofundado no terceiro capítulo: **3) “Na minha família sempre acreditamos na prática do responso, sempre funcionou”**. Nesse terceiro, e último, capítulo da dissertação o destaque incide sobre o “outro lado” da prática do Responso, o da comunidade adepta. Aqui, serão analisados os dados obtidos através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”, voltado à população de Mostardas e também as entrevistas realizadas com pessoas da comunidade mostardense adepta à prática do Responso.

Este capítulo contempla as memórias da comunidade adepta em torno do Responso de seus bens perdidos, através do compartilhamento de relatos que abordam experiências e vivências envolvendo a prática, bem como a transmissão e entendimento sobre o Responso em Mostardas. Ao fim do capítulo será desenvolvida a discussão sobre Patrimônio Imaterial, identidade e pertencimento. Assim, encerro a dissertação abordando as discussões que

envolvem a prática enquanto manifestação cultural imaterial que faz parte da memória local, sendo transmitido e vivido através das gerações.

Capítulo 1 - “Essa história de responsa pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos”⁶

O Responso, conforme apresentado na introdução, constitui uma prática notória no cenário cultural do município de Mostardas, Rio Grande do Sul, principalmente aquele pautado na oração à Santo Antônio, também conhecido como Responsório de Santo Antônio. A prática de responsa é entendida pela comunidade mostardense como uma tradição cultural local, tendo em vista que “essa história de responsa pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos”. Essa frase, escolhida para dar nome ao primeiro capítulo desta dissertação, é um trecho retirado da entrevista de Terezinha de Jesus Machado Araujo, responsadora conhecida na cidade, e que retrata a longevidade da prática em Mostardas.

Por existir “há tanto tempo”, que se torna difícil precisar sua origem, e ser muito utilizado pela população enquanto meio de encontrar objetos e animais perdidos ou roubados, o Responso se consolidou na cultura mostardense, sendo classificado pela própria população como uma tradição. Como entende Silva (2021, p. 437), a tradição como ato de transmitir “é vista como representação daquilo que perdura socialmente em determinado grupo”, assim, a contínua transmissão entre gerações garante a continuidade da prática na comunidade mostardense que, desse modo, adquire caráter tradicional.

No entanto, é preciso ressaltar que a transmissão social inerente à uma tradição implica na sua permanente dinamicidade, dessa forma, a noção convencional de tradição, que remete à ideia de algo que não sofre alterações, vem se modificando. Como esclarece Arévalo (2004, p. 926): “Si la tradición es la herencia colectiva, el legado del pasado, lo es también debido a su renovación en el presente. La tradición, de hecho, actualiza y renueva el pasado desde el presente⁷”. Dessa forma, uma tradição só faz sentido se existe e é vivida no presente, sendo apropriada por cada geração a que é transmitida, com todos os movimentos que isso provoca - que não devem ser temidos. Candau (2011, p.

⁶ Terezinha de Jesus Machado Araujo (01/09/2019).

⁷ “Se a tradição é a herança coletiva, o legado do passado, o é também devido a sua renovação no presente. A tradição, de fato, atualiza e renova o passado a partir do presente.” Tradução livre da autora.

121) também sinaliza essa questão ao dizer que a tradição “para viver e não apenas sobreviver”, “deve estar de acordo com o presente, de onde obtém sua significação”.

No decorrer da pesquisa, através da realização das entrevistas e leituras, percebi que o Responso não é uma tradição gaúcha, ou presente em toda a região litorânea, e sim uma tradição em Mostardas. Quando escolhi o Responso enquanto objeto de estudo, um dos aspectos que me chamou atenção foi o desconhecimento da prática para além do município de Tavares, que faz limite ao sul com Mostardas. Apesar de ser evidente, para mim, que o Responso é característico e tradicional dentro da cultura de Mostardas, não imaginava que se tratava de algo tão restrito ao município e localidades ao redor. Ao mencionar o Responso em conversas com amigos, colegas e professores da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e, posteriormente, da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, me deparei com o fato de que a grande maioria deles nunca havia tido contato com o Responso e nem sequer tinha ouvido falar a respeito. Frente à tal estranheza, percebi que se tratava de algo bastante localizado, talvez raro e incomum.

Tendo em vista que um dos objetivos desta pesquisa é compreender a prática do Responso, e analisar como ela se caracteriza em Mostardas, um dos primeiros passos da pesquisa foi a procura pelo Responso em outros lugares. O objetivo dessa busca era identificar onde a prática também existia, e como ela se assemelhava ou diferenciava da mostardense. Sobre a recorrência do Responso em outros locais, apenas o entrevistado Alberi Araujo mencionou já ter visto a prática em cidades como Guaíba e Butiá, e que em “outros *lugar* pro interior, pra fora... tem lugar que tem”. O material localizado, ainda que escasso, formado sobretudo por matérias publicadas em jornais locais, veio a confirmar a peculiaridade da prática de *responsar* e reforça a necessidade e importância de que esses registros, como o que resultará deste trabalho, sejam produzidos.

1.1. “Mas outros *lugar* pro interior, pra fora... tem lugar que tem”⁸

Para melhor compreensão da prática do Responso em Mostardas, busquei localizar a existência de responsadores em outros locais, dentro e fora do país. Essa busca teve por objetivo possibilitar traçar análises comparativas e identificar singularidades, ou semelhanças, entre tais práticas com o Responso mostardense, conforme exposto anteriormente. Entretanto, tal identificação foi dificultada em virtude da escassez de material bibliográfico a respeito, e da difícil localização de pesquisas científicas nos portais de periódicos e banco de teses e dissertações. Frente a isso, optei por procurar notícias em sites de busca, para conseguir localizar indícios da prática em outros locais. Ainda que tenha encontrado poucas matérias e notícias, apresentadas a seguir, é possível afirmar que o Responso é uma prática rara e incomum, fato descrito tanto por moradores de Mostardas, quanto pelas notícias de outras cidades.

O primeiro texto encontrado é titulado “*Você sabe o que é responsar? O responso de Joaquim de Azevedo era tiro e queda*”, escrito por Liberato Póvoa e publicado no jornal *Diário da Manhã*, da cidade de Goiânia-GO, em 17 de dezembro de 2017. O autor conta que já havia falado anteriormente sobre o Responso e, por pedido dos leitores, estava reescrevendo a respeito. A matéria relata um caso protagonizado pelo “afamado responsador” Joaquim de Azevedo, residente no município de Taipas do Tocantins, no interior do estado de Tocantins. Havia acontecido o sumiço de uma quantia em dinheiro, a qual Joaquim de Azevedo “responsou”. Ele informou onde estava escondido o dinheiro, que foi encontrado exatamente onde havia sido descrito. Ele utiliza o termo “poder especial e inexplicável” para se referir à prática de “fazer o responso”. O autor indica que o Responso é coisa do interior, procurado quando “uma pessoa perdia alguma coisa e já estava desenganada [...] principalmente dinheiro ou coisa valiosa, e as orações para os santos não davam certo”. Aí então se recorria a um responsador, “que, através de orações específicas (que eles não ensinavam a ninguém)”, fazia o Responso do objeto perdido, no entanto, “não era qualquer rezador que tinha o “magnetismo” e o poder de responsar”. Ele define Responso como:

⁸ Alberi Santos Araujo (20/09/2019).

[...] uma forma de oração popular muito antiga, em que as pessoas, em momentos de desespero, rezam para obter uma resposta do Céu que as ajude a resolver o que tanto as preocupa. O responso é uma oração dita para encontrar um objeto perdido ou roubado; deve ser dita em voz alta e com a firme convicção que vamos encontrar aquilo que tanto procuramos (PÓVOA, 2017, s/p.).

Uma passagem do texto diz que “o povo tinha mais fé num bom responsador do que propriamente em São Longuinho e Santo Antônio”, demonstrando que os responsadores são legitimados enquanto figuras capazes de ajudar a encontrar os bens perdidos. Assim, muitos acabam confiando mais num bom responsador do que na sua própria fé nos santos.

O responsador descrito no jornal, Joaquim de Azevedo, era também farmacêutico, ortopedista e médico prático, rezador para quebranto, fechador de corpo e até desmanchador de feitiço. Tais atividades podem ser comparadas e guardam similaridades com a prática da benzedura, também muito comum nos Responsadores de Mostardas, como será abordado no próximo capítulo.

Outra matéria encontrada *online* foi a intitulada “*Ver objetos perdidos é ‘dom’ que caminha para a extinção*”, escrita por Adilson Camargo no JCNNet - Jornal da Cidade de Bauru, São Paulo, em 21 de junho de 2009. O texto traz o Responso no interior de São Paulo e diz que já foi mais fácil encontrar pessoas que fazem o Responso ou Responsório para encontrar objetos perdidos, e a tendência é que essas pessoas desapareçam com o tempo, pois “atualmente, as pessoas que têm esse “dom” passam dos 40 anos e estão restritas às pequenas cidades ou atuam discretamente nos bairros das grandes e médias cidades” (CAMARGO, 2009).

Dona “Rosinha”, de 42 anos, é uma responsadora em atividade na cidade de Bauru/SP, ela diz que faz esses “trabalhos” desde muito jovem, ainda com 17 anos de idade, no entanto, sua prática mudou com o tempo:

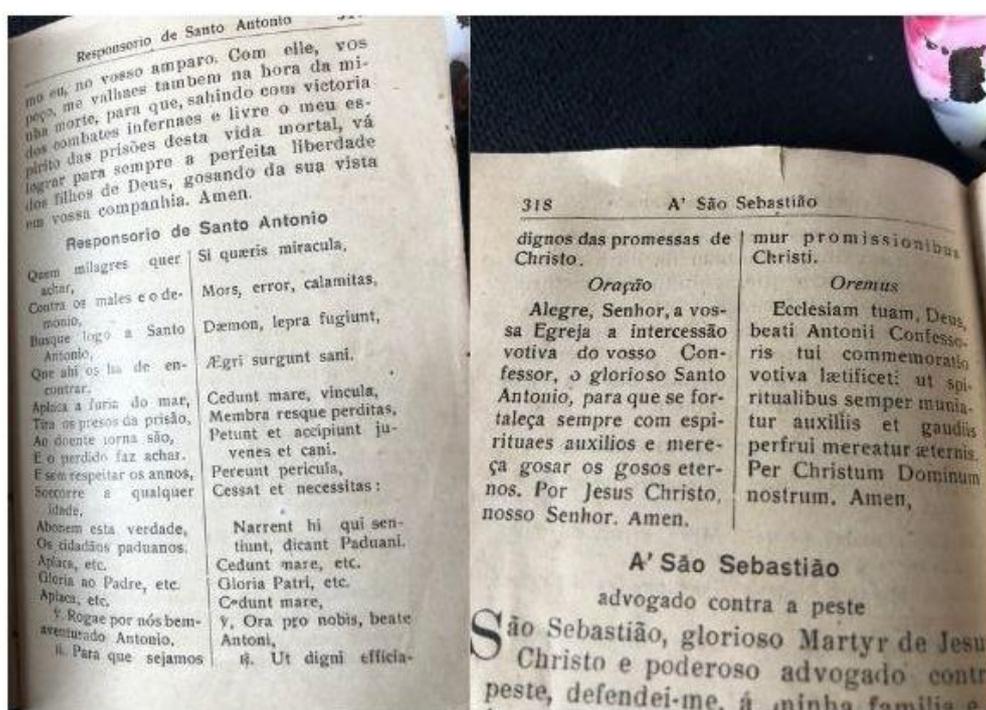
[...] ela diz que a oração de Santo Antônio não estava surtindo o efeito desejado. Foi então que aprendeu e depois passou a usar a oração na linha do caboclo Vira Mundo. Segundo ela, a partir daí a coisa mudou de figura (CAMARGO, 2009).

Percebemos, a partir da mudança na prática de dona Rosinha, que o Responso não é homogêneo, havendo distintas formas de se fazer e de se chegar aos resultados e respostas pretendidas, com auxílio de diferentes santos ou entidades espirituais. A matéria menciona que Rosinha possui um “dom” que

não se limita a fazer com que as coisas apareçam de repente, com o poder da oração, ela tem o dom da vidência, ou seja, consegue ver onde está o bem perdido. A fama de Rosinha não se restringe ao bairro ou município onde reside, ela conta que já recebeu ligação de brasileiros residentes no Japão. Ela afirma que “Nada é cobrado por isso”, pois “segue a recomendação dada por Jesus: ‘de graça recebestes, de graça dai’”.

Mais próximo de Mostardas, temos registro do Responso em Flores da Cunha/RS, a matéria intitulada “*Esqueceu onde está? Reza o “siqueris”!*” foi escrita por Camila Baggio e veiculada no jornal *O Florense*, em 28 de setembro de 2014. A tradição do Responso de Santo Antônio na cidade de Flores da Cunha é conhecida como “Siqueris”⁹ (Figura 2) ou “Responsório de Santo Antônio” e, de acordo com o jornal, foi trazida pelos imigrantes italianos, constituindo elemento essencial na cultura local.

Figura 2 - Oração do Responsório de Santo Antônio em latim e português



Fonte: Acervo pessoal de Aura Maria Teixeira Stephanou

⁹ A palavra é em referência ao primeiro trecho da oração em latim “*Si quaeris miracula, Mors, error, calamitas...*”. A figura 2 mostra a oração do Responsório de Santo Antônio em português e latim.

O texto menciona que o “Siqueris” é “uma antiga tradição popular cristã passada de geração em geração, marcando uma autêntica e forte fé”, sendo bastante usual em municípios enraizados na cultura italiana, mas que, no entanto, hoje é menos popular do que já foi. Sobre essa forte fé característica dos imigrantes italianos, Gissely Vailatti, historiadora florense, acredita na hipótese de que o isolamento geográfico e cultural, assim como a mata e animais selvagens com que eles se depararam ao chegarem ao Brasil, motivaram o desenvolvimento mais veemente da espiritualidade: “em meio ao desespero só havia uma saída: trabalhar e rezar”. Assim como na Itália, em Portugal, Santo Antônio também possui grande popularidade, por isso a hipótese inicial é que a origem do Responso em Mostardas esteja ligada à colonização portuguesa e açoriana e à religião católica.

Dona Tarcila Gazzi, de 90 anos, moradora do interior de Flores da Cunha, conta que ganhou aos 10 anos um pequeno livro de orações onde aprendeu a oração do “Siqueris”. Segundo ela, “As pessoas ligam pedindo para rezar o Siqueris e sempre encontram. O mais importante: é preciso ter fé, apenas pedir para rezar não basta, a pessoa precisa acreditar também”. A filha de Tarcila também faz a oração, incentivada pela mãe. A senhora conta que perdeu um terço e após rezar o Siqueris, o encontrou no bolso de uma roupa que ela nem mesmo estava usando no dia da perda, e afirmou “muitas coisas parecem não ter explicação, mas Santo Antônio é quem nos traz as coisas”. Além do Siqueris, dona Tarcila é devota da Santíssima Trindade e faz orações para cura de verrugas, calos e até manchas na pele.

A matéria traz como referência José Clemente Pozenato, bacharel em Filosofia com pós-graduação em Literatura Brasileira e mestrado em Educação, em entrevista ao jornal, ele reforça que a tradição do Siqueris em Flores da Cunha foi herdada dos imigrantes italianos pois, Santo Antônio, ainda que nascido em Portugal, viveu e morreu na Itália, onde estão seus restos mortais, e no país como um todo existe grande devoção ao santo. Segundo ele, o Siqueris existe desde a Idade Média e era comumente ensinado em latim. A florense Fabiana Vieira, de 36 anos, conta que aprendeu a rezar o Siqueris em latim com a avó paterna aos 15 anos de idade, ouvindo-a rezar em voz alta. Após o

falecimento da avó, as pessoas passaram a pedir que ela rezasse, Fabiana diz que “é incrível, mas as coisas sempre aparecem”.

Para Fabiana, o Siqueris é “uma oração muito forte, de uma espiritualidade gigante”, ela acredita que “as pessoas que sabem rezar têm um dom, é como uma profissão da qual nos identificamos e desde pequenas vamos talhando o talento, que na verdade é a pura fé”. Ela compartilha que aprendeu com a avó que o Siqueris deve ser rezado por 3 pessoas diferentes e que quando se trata de algo roubado, “o dono da ação não sentiria paz até encontrar uma maneira de devolver o objeto”.

Ainda nessa matéria, é mencionada outra cidade onde o Siqueris é encontrado: Nova Pádua, que faz fronteira entre Sul e Leste com Flores da Cunha. Lá, duas agricultoras, Gema Zampieri, de 62 anos, e Odila Zampieri, de 70 anos, contam que “são solicitadas quase que semanalmente na ajuda para descobrir um objeto perdido”. Odila diz que “as pessoas acreditam na oração e nos confiam essa função”, e que quando reza, o faz com muita fé e acredita muito. Elas não sabem dizer quantas pessoas já ajudaram ou quantas vezes tiveram prova de que a oração é milagrosa, tendo sido encontrados desde objetos variados a animais.

O fim da matéria questiona o futuro de tradições como essa. Pozenato acredita que tais manifestações culturais se mantêm principalmente em comunidades do interior onde se preservam os costumes e as tradições familiares, como em Flores da Cunha, onde quase todas as famílias tinham alguém que sabia a oração do Siqueris. A suposição de Pozenato vem se mostrando assertiva através dos textos encontrados em jornais online exibidos até o momento, pois relatam a prática de encontrar coisas perdidas sempre em pequenas cidades ou bairros.

Para além da busca em jornais nacionais, na dissertação de Cátia Simone da Silva Chaves intitulada “*Lago do Segredo: Saberes e práticas educativas de uma rezadeira de Responso da Amazônia Bragantina (Segredinho-PA)*”, defendida no ano de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, é encontrado um estudo a respeito dos processos educativos de construção e transmissão de saberes culturais a partir

das práticas rituais de uma rezadeira de Responso. No trabalho de Cátia, o Responso se trata de uma oração a determinado santo, não apenas Santo Antônio, rezada a fim de obter a realização de pedidos variados, tais como curas físicas e espirituais. Mas, responder, “também é uma prática ritual, geralmente, realizada por um (a) rezador (a) com o intuito de encontrar objetos, animais perdidos ou roubados”, e envolve um dom divinatório. Assim, mesmo que entendido de forma um pouco mais ampla, o Responso aqui também se assemelha ao existente em Mostardas.

Dona Maria, a rezadeira, benzedeira e responsadora que protagoniza a pesquisa de Cátia Chaves, conta que herdou muitos dos seus “conhecimentos mágicos” do avô rezador, demonstrando que os saberes populares são transmitidos, principalmente, através das gerações no âmbito familiar. Ainda na introdução, Chaves escreve que:

Inicialmente, acreditava que o responso consistia em um ato de adivinhação realizado por pessoa com poderes sobrenaturais com o intuito de achar somente objetos perdidos ou roubados, como máquinas fotográficas, entre outros. Com as leituras e com contato com D. Maria, notei que esse ritual segue tais premissas, mas suas finalidades e usos se dão de acordo com as especificidades locais. Nas áreas rurais amazônicas, por exemplo, além de visar a busca de objetos, responsa-se, principalmente, animais perdidos ou roubados, como gado (CHAVES, 2014, p. 16-7).

A associação da prática de responder à adivinhação é algo recorrente num primeiro momento, eu mesma também já associei o Responso à adivinhação e poderes sobrenaturais. No meu caso, essa ideia veio a mudar após as primeiras entrevistas com responsadores de Mostardas, que me explicaram que o Responso não se trata de adivinhação, pois tem como base a fé, seja em Santo Antônio, somente em Deus ou em outros santos e Orixás. Assim, falar em adivinhação ou algo sobrenatural é, de certa forma, reduzir o Responso a algo que não necessita de esforço do responsador, quando na verdade, demanda dedicação, concentração, a existência de um dom e o exercício da fé.

Chaves (2014) analisa a questão moral relacionada à não-cobrança pelas curas e rezas realizadas, tendo em vista que Dona Maria diz que não se deve ganhar dinheiro com algo que não lhe pertence, pois, já que o dom foi dado por Deus, estaria pecando. Essa afirmação vai ao encontro da fala de Dona Rosinha, responsadora localizada no interior de São Paulo, apresentada anteriormente.

Dona Maria, no entanto, afirma que não há problema se a pessoa quiser presenteá-la com “um agrado”. A rezadeira pontua a preocupação com o preconceito referente às suas práticas, especialmente ao Responso, devido ao dom divinatório que envolve a prática, ela fala que teme que as pessoas duvidem, critiquem e associem à “macumba”. Chaves (2014) fundamenta, principalmente a partir de Souza (1989), que faz um estudo sobre a feitiçaria e a religiosidade no contexto colonial brasileiro, que as práticas mágicas como o dom divinatório existente no Responso, foram reprimidas por meio da Inquisição, entrando no grupo das feitiçarias. Isso pode explicar o receio, ainda hoje, do julgamento e má interpretação do exercício de práticas mágico-religiosas como o Responso. Além disso, Chaves (2014) também identificou uma forte influência da cultura indígena, africana e afro-brasileira na região e nas suas práticas.

Dona Maria conta um caso no qual pediram a ela que responsasse um gado e descreve como se dá seu ritual de Responso:

Pedi pra eles voltarem no outro dia que eu ia vê o que fazia por eles. Depois que saíram, fiz o ritual. Entrei pro meu quarto, pra ficar sossegada, em silêncio. Me concentrei, acendi uma vela branca e fiz minha prece inicial. Pedi ajuda do meu guia, o anjo. Peguei a bíblia sagrada e o terço. Como sempre, abri numa passagem da bíblia que não me lembro qual, agora. E então, ouvi a voz do anjo me dizendo onde o gado estava. Depois disso, pra finalizar o ritual rezei um pai nosso e uma ave-maria. No outro dia passei as informações pro pessoal que *encontraro*, eu soube depois, as vacas (Entrevista).

O ritual de dona Maria contempla a voz de um anjo, que é seu guia em todas as práticas, do Responso às “garrafadas”. Pelo que se entende, o dom divinatório e a voz do anjo se complementam, e ela consegue dar indícios de onde está o objeto ou animal perdido. Na dissertação, Chaves (2014) também entrevista pessoas que procuram dona Maria para pedir Responso, entre os depoimentos, está o de Jorge Mesquita:

Certa vez sumiu uma bermuda minha que eu gostava muito. A última vez que vi ela *tava* dentro de uma gaveta no guarda-roupa. Um belo dia fui procurar ela e cadê? Cacei por tudo quanto foi canto e não achei, daí maldei que tinha sido roubada, pois estava com pouco tempo de uso. Daí então, me disseram que dona Maria responsava. Fui bater na casa dela. Conteí sobre a bermuda. Ela disse pra eu voltar no outro dia que ia revelar o que aconteceu. E não foi que ela deu todo o parecer do gatuno que morava perto de casa. Eu não fiz nada. Fiquei com raiva. Deixei pra lá. Passou um tempo e um dia fui passando e vi a bermuda já velha estendida na corda de estender do ladrão. Pensei, “a D. Maria é das boas, *mermo*. *Tava certa!*” (Entrevista).

Este relato demonstra o acerto do Responso de Dona Maria, que descreveu o homem agente do furto, e se aproxima dos relatos coletados para esta pesquisa, que serão abordados no terceiro capítulo. Uma observação interessante feita por Chaves (2014), a partir dos relatos, é a de que a comunidade, por vezes, prefere recorrer ao Responso do que à delegacia de polícia, demonstrando a confiança que o povo tem no Responso e o enraizamento da prática no cotidiano. O trabalho de Cátia Chaves contribui para o conhecimento e valorização das práticas socioculturais relacionadas aos saberes tradicionais conservados ao longo do tempo pela transmissão geracional e oralidade.

Por último, encontrei o artigo *“Congados, Capitães e Curandeiros - apontamentos sobre práticas de cura no universo do Congado de Fagundes - MG”*, escrito por Talita Viana e publicado na Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em 2013. O artigo trata das práticas de curandeiros no congado de Fagundes, no município de Santo Antônio do Amparo/MG, com foco no curandeiro Júlio Antônio Filho, conhecido como Seu Julinho ou capitão Julinho.

A autora explica que existem os capitães de Moçambique, que, enquanto lideranças religiosas e espirituais, são responsáveis pela mediação entre o plano terreno e a esfera das causas invisíveis, aos quais é atribuído um poder de se comunicar com espíritos, antepassados ou entidades. Seu Júlio é capitão do terno de Moçambique e capitão-mor do Congado de Fagundes, ele é curandeiro assim como o avô era, e a autora narra duas vezes em que o procurou. Viana (2013) evidencia que as noções de cura, doença e saúde, são melhor entendidas em “termos de desequilíbrios ou perturbações, incluindo não só problemas que pertenceriam ao âmbito da saúde fisiológica ou psicológica (PACHECO, 2004), mas também a perda de objetos, problemas familiares e dificuldades no âmbito do trabalho” (VIANA, 2013, p. 22). Assim, a atuação do curandeiro é bastante ampla.

Os atendimentos de seu Júlio acontecem numa peça lateral à sua casa ou locais improvisados em situações de viagem. Em uma das vezes que procurou seu Júlio, a autora buscava aconselhamento sobre trabalho e relacionamento. Após relatar as situações que a estavam angustiando, Seu Júlio

entrou em uma sala e fechou a porta, retornando em alguns minutos para aconselhar sobre as questões pedidas. Seu Júlio orienta e dá conselhos a partir do seu poder de mediação com a esfera espiritual, também age no sentido de cura física, pois entende de plantas medicinais, e também é procurado para dar bênçãos. Viana (2013) conta que nunca o acompanhou na “salinha”, local onde estão suas imagens de santos e outros objetos, onde ele faz seus rituais, orações e consulta às entidades, coisas que ele não permite que outras pessoas observem. As pessoas também pedem aconselhamentos por telefone, nesses casos, o capitão diz que “vai olhar” e passado um tempo a pessoa retorna a ligação para saber “as respostas e os conselhos do capitão” (VIANA, 2013, p. 26).

Seu Júlio conta sobre um tio que fazia Responso, “prática comum entre os curandeiros mais antigos”, na qual “o curandeiro era procurado para questões de objetos perdidos ou situações em que se fazia necessário saber o autor de determinado ocorrido” (VIANA, 2013, p. 27). Seu Júlio descreve o tio como tendo “um poder fora do comum” e narra um episódio no qual ele foi procurado por uma mulher que perdeu a aliança enquanto tratava os porcos na roça e após fazer o Responso, o homem informou que um certo porco pintado havia engolido a aliança, o que de fato mostrou-se verdadeiro após matarem o porco e encontrarem a aliança no estômago do animal.

Viana ressalta que:

[...] essa capacidade adivinhatória assim como o poder de prever certos acontecimentos constituem atributos considerados por muitos como feitiçaria, em um sentido pejorativo e atrelado às potências do mal. No entanto, o capitão Julinho afirma com veemência que trabalha somente para o bem, cumprindo a missão dada a ele por Deus (VIANA, 2013, p.27).

Essa associação de poderes divinatórios presentes na prática do Responso à feitiçaria, coisas do “diabo” ou macumba, com sentido pejorativo, também aparece no texto de Chaves (2014), discorrido anteriormente. Seu Júlio está inserido em uma lógica de transmissão desses conhecimentos, que envolve o avô, tios e seu pai. Ele acredita ter um dom, que implica em uma missão de ajudar quem precisa. A tradição oral se mostra, portanto, extremamente relevante na prática e é destacada por diversos responsáveis.

Neste artigo aparece também a questão da retribuição ao atendimento do curandeiro, os atendimentos não são cobrados, “mas são muitas vezes retribuídos conforme as vontades das pessoas que o procuram”. Da mesma forma, ocorre em casos expostos nos textos anteriores.

Foi encontrado ainda o E-book “*Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX*”, de autoria de Ismael David Nogueira e Armando Honorio da Silva. Neste material, dentre as 148 páginas de expressões e palavras registradas, está a palavra “responso”, significando “pessoa com dom de adivinhação, premonição ou revelação”.

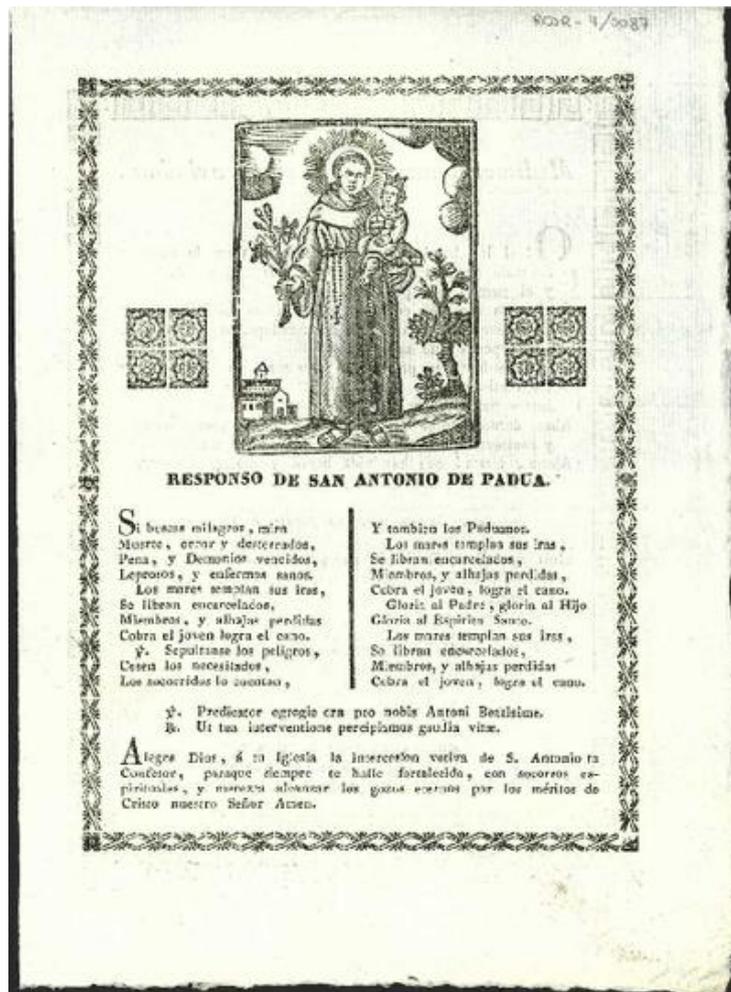
A respeito do Responso em outros países, foi pesquisado indícios da prática na *Red de Repositorios Latinoamericanos*¹⁰; na *Europeana*¹¹; na *African Studies Library*¹² e nos bancos de teses e dissertações de universidades portuguesas, italianas e espanholas. Foram encontrados alguns trabalhos que fazem referência à devoção e à popularidade de Santo Antônio e à oração do Responso (Figura 3), no entanto, nada foi encontrado especificamente sobre a prática de responsar.

¹⁰ Portal de pesquisa que reúne publicações de diferentes repositórios dos países da América Latina desenvolvido pela Universidad de Chile em 2006. Disponível em: <<https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/>> acesso em: 08/02/2023.

¹¹ Repositório cultural europeu que reúne fontes de pesquisa. Disponível em: <<https://www.europeana.eu/pt>> acesso em: 08/02/2023.

¹² Projeto que reúne um catálogo de pesquisa para Estudos Africanos, financiado pela Fundação Alemã de Pesquisa (DFG) e hospedado na Biblioteca da Universidade Goethe em Frankfurt. Disponível em: <<https://africanstudieslibrary.org/en/>> acesso em: 09/02/2023.

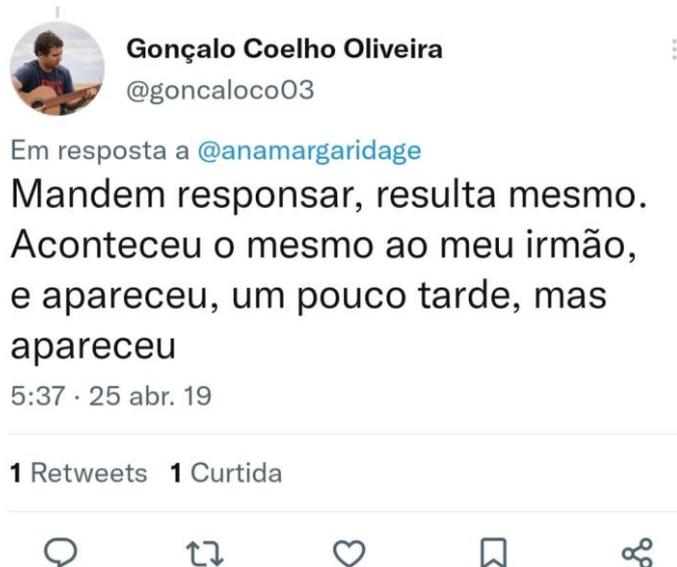
Figura 3 - Responso de San Antonio de Padua (1848))



Fonte: Universitat de Lleida, Catalunya, Espanha. Pesquisa realizada através do repositório Europeana. <http://hdl.handle.net/10459/2272>

Entretanto, através da busca na rede social *Twitter* da palavra “responso”, foi encontrado um *tweet* no qual uma pessoa recomenda à outra que “mande responso”, pois “resulta mesmo”. O contexto é o seguinte: uma moça *tweetou* informando que o namorado havia perdido a carteira com todos os documentos no Estádio da Luz (Lisboa, Portugal) ao assistir o jogo entre Benfica e Marítimo, e pediu que os usuários da rede compartilhassem para que pudesse chegar à quem estivesse com a carteira que assim, poderia ser devolvida. Um rapaz, de nome Gonçalo Coelho Oliveira, então respondeu: “Mandem responso, resulta mesmo. Aconteceu o mesmo ao meu irmão, e apareceu, um pouco tarde, mas apareceu” (Figura 4). O caso data de 25 de abril de 2019.

Figura 4 - Print de tweet recomendando a prática do Responso



Fonte: Twitter

Analisando a forma como Gonçalo se refere à “responsar”, a partir dos termos “mandem responsar”, “resulta mesmo” e “apareceu”, considero que se trata de uma prática semelhante à existente em Mostardas, mas, ressalto que não é possível definir, apenas através deste caso se, de fato, se trata da mesma prática. Ao entrar no perfil, a localização da conta diz “Lisboa, Portugal”, a conta da moça a quem ele responde está sem localização, mas o estádio a que ela se refere fica localizado também em Lisboa. A partir disso, é possível presumir que há indícios da existência da prática do Responso em Portugal, embora não tenham sido encontrados registros mais consistentes.

Após o contato com a prática do Responso em variados lugares, seja sob essa mesma nomenclatura, ou outra como o “Siqueris”, percebe-se que se trata de algo presente em diferentes regiões do Brasil, com semelhanças e singularidades entre si. Tocantins, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pará e Minas Gerais, são estados onde encontrei registro¹³ dessa prática, tornando possível

¹³ Conforme exposto no início deste capítulo, essa pesquisa foi realizada em sites de busca e no repositório de periódicos, teses e dissertações da CAPES, através da procura pelos termos e palavras: Responso; Responsar; Responso para objetos perdidos; Responsório de Santo Antônio. Também em repositórios internacionais com os termos: Responso; Responso para cosas perdidas; Responsório *San Antônio*; *Si quaeris*. Tendo em vista a limitação desta pesquisa, e a falta de registro de tais práticas, saliento que é muito provável que existam outras localidades que também possuam a prática do Responso, mas que não foram encontradas ou abordadas neste trabalho.

que se tenha conhecimento dessa manifestação cultural. A prática do Responso se mostra enquanto um elemento cultural pertinente e significativo a ser pesquisado, pois mesmo sabendo que está presente em vários locais do território nacional, é considerado algo incomum e representa a persistência no tempo de uma prática que, assim como a benzedura - com a qual está bastante ligada -, carrega aspectos únicos e intangíveis associados à saberes tradicionais, fé e ancestralidade.

Joaquim de Azevedo, Dona Rosinha, Dona Maria, Tarcila, Fabiana, Gema, Odila, Seu Júlio e o tio, são mulheres e homens que carregam consigo conhecimentos empíricos e muitos saberes herdados daqueles que os precederam ou adquiridos em dado momento e desenvolvidos até o presente. Eles entendem que possuem um dom que serve para ajudar os outros, e preferem/escolhem não cobrar nada por isso. Eles são conhecidos em seus bairros, suas comunidades ou cidades, afinal, não é qualquer pessoa que tem a capacidade de curar, seja através da benzedura, oração ou garrafada, de aconselhar a partir de contato com o mundo espiritual ou de encontrar o perdido, roubado ou esquecido por meio do ritual do Responso.

Assim também se verifica em Mostardas, onde a figura dos responsadores se destaca, da mesma forma que a dos rezadores citados acima. Mostardas, enquanto um lugar que possui inúmeros e valorosos costumes, que se traduzem na manutenção das manifestações culturais do município, na transmissão de saberes populares, crenças, simpatias e da própria fé, tem muito a ser pesquisado, conhecido e compartilhado.

Durante o processo de localização da prática do Responso no território brasileiro, o fator local e, sobretudo, interiorano, foi ficando ainda mais evidente. Buscando aprofundar em tais análises e aprimorar a observação e possíveis relações entre as práticas localizadas, e a de Mostardas, senti a necessidade de tornar visível tal mapeamento. Assim, elaborei um mapa (Figura 5), através do *Google Maps*, identificando as cidades em que localizei a existência da prática do Responso, ou Siqueris como no caso de Flores da Cunha, anteriormente apresentadas.

Ademais, destaco também que duas das sete cidades mapeadas fazem referência a Santo Antônio, santo que está relacionado com a prática do Responso através da oração e da fé. A cidade de Santo Antônio do Amparo, em Minas Gerais, faz homenagem ao Santo, e a cidade de Nova Pádua, no RS, faz referência à cidade de Pádua, na Itália, que historicamente é lembrada como sendo o local em que Santo Antônio faleceu em 1231. Assim, é possível que a religião católica e, sobretudo, a fé em Santo Antônio, sejam fatores que influenciam na existência da prática.

Ainda que inicial, essa análise demonstra o quanto torna-se necessário analisar o local em que a prática está inserida e compreender seu contexto histórico-cultural. Nesse sentido, me deterei em investigar o município de Mostardas e como seus fatores geográfico, histórico e culturais podem estar relacionados com a prática aqui estudada e registrada.

1.2. “Gosto muito de Mostardas, é um lugar abençoado, sabia?”¹⁴

*Lugar de mar e lagoa
Onde o tempo pelo tempo se perdeu¹⁵*

Nilo Chaves, responsador entrevistado nesta pesquisa, diz em uma fala afetuosa sobre Mostardas - onde nasceu e mora toda a vida -, que é um local abençoado. Bem, antes de dissertar sobre a prática do Responso em Mostardas, se faz necessário apresentar o município. Afinal, como é esse lugar pelo qual moradores e visitantes nutrem tanto apreço? Qual sua história? Que cultura é essa, vivamente percebida? Como as características deste município podem estar relacionadas com a existência do Responso? Como o fator local influencia na crença da prática e nos responsadores?

A análise aprofundada sobre a prática do responso em Mostardas, proposta desta pesquisa, pressupõe a necessidade de compreender o local em

¹⁴ Nilo Ferreira Chaves (21/06/2019).

¹⁵ Letra da canção “Quilombo dos Teixeiras” composta por Marcelo Maresia e gravada por Marco Araujo. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=154186023293660&external_log_id=2043a02d-0e9e-48ff-a1d9-25882d2d3704&q=m%C3%BAAsica%20mostardas%20marco%20araujo> acesso em: 30/01/2023.

que ela é realizada. Isso se dá por dois fatores: primeiro: a raridade da prática - é observável que se trata de uma prática pouco usual, não existindo muitos relatos e pesquisas referentes ao tema, o que aponta um caminho de investigação que vise tentar entender o porquê de em Mostardas o Responso existir de forma expressiva e resistir ao longo do tempo. Segundo: memória e patrimônio - esta pesquisa se desenvolve a partir do viés da memória e do patrimônio, utilizando a oralidade para coleta de dados e análise da prática, assim, é importante entender o contexto local e o compartilhamento social da memória e da própria prática. Considerando essas razões e atentando para o que aponta Campos (2018, p. 109) “Não há como falar em patrimônio sem localizá-lo. O lugar e o território são intrínsecos à própria noção de patrimônio”, trago a seguir um pouco do que é o município de Mostardas, possibilitando ao leitor uma imersão no *locus* da pesquisa antes de partir para a compreensão da prática do Responso.

Seres humanos vivendo em conjunto ocupam um espaço e produzem cultura, que, segundo Brumann (1999), é entendida como o conjunto dos padrões adquiridos socialmente a partir dos quais as pessoas pensam, sentem e fazem. Esses padrões adquiridos socialmente possuem aspectos únicos em cada lugar, pois sofrem influência das características geográficas, históricas, econômicas, sociais etc., diferentes em cada um deles. O conceito de cultura, hoje entendido no sentido antropológico, nem sempre foi amplo e inclusivo. Rodrigues (2013, p.78) clarifica que os ideais iluministas apontaram o entendimento da cultura como letrada, superior, erudita, “reflexo de condições materiais ligadas ao conhecimento científico e ao domínio de determinadas linguagens artísticas”, que perdurou até o século XX. Pelegrini e Funari (2008) demonstram que, embora com mobilizações de países que reivindicavam maior atenção à “cultura tradicional e popular”, foi apenas em 1982 na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, realizado no México, que a cultura passou a ter significado mais abrangente, sendo definida como:

[...] conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que distinguem uma sociedade e um grupo social, abrangendo além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, 1982).

A partir de então, a diversidade cultural humana passou a ser pauta nas Convenções e Conferências Internacionais. Nesse sentido, como defende Barros (2013), o Brasil é um país que nos possibilita pensar incontáveis espaços internos, se referindo às diversidades geográficas e naturais e também às múltiplas alternativas culturais. O “local” nesse sentido, tem se mostrado um âmbito muito rico para a prática de pesquisa, pois permite ao pesquisador se debruçar sobre objetos de estudo singulares relativos a determinados lugares. No caso desta investigação, o objeto é uma prática cultural local, que não pode ser analisada sem antes ser compreendido o local no qual existe: o município de Mostardas.

Figura 6 - Localização de Mostardas no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Wikipedia - imagem de Raphael Lorenzeto de Abreu

Localizada no litoral médio do estado do Rio Grande do Sul (Figura 6), na faixa de terra compreendida entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, estando distante cerca de 200km da capital Porto Alegre, Mostardas tem todas as características de um município do interior: um lugar pacato, onde quase todos se conhecem e as pessoas se dizem hospitaleiras, não existem muitos locais de grande sociabilidade, não acontecem muitas coisas, há pouco movimento e a sensação é de tranquilidade nas ruas. Mostardas possui área territorial relativamente grande, são 1.977,442 km²¹⁶, divididos em quatro distritos: Sede, Rincão de Cristóvão Pereira, São Simão e Dr. Edgardo Pereira

¹⁶ IBGE, 2021.

Velho. São inúmeras localidades rurais dentro desses distritos, incluindo três comunidades quilombolas: Casca, a primeira comunidade quilombola a receber a titulação definitiva de suas terras no Rio Grande do Sul, Teixeiras e Beco dos Colodianos. Em São Simão, há a Pedra de Anita, que embaixo de uma figueira, marca o local de nascimento de Menotti Garibaldi, filho de Giuseppe e Anita Garibaldi¹⁷, em 1840.

A sede, ou seja, o perímetro urbano do município, é pequena. É possível ir de uma extremidade à outra, no sentido do comprimento, em questão de aproximadamente uma hora e meia de caminhada - com base no *Google Maps* são cerca de 4,6 quilômetros de distância. Já na largura, em poucos minutos se atravessa a cidade. As ruas são largas e em determinados pontos, ao se posicionar no fim de uma rua sem saída, no limite leste da cidade, é possível enxergar a Lagoa do Fundo, localizada atrás da RSC 101, que delimita a cidade à oeste. O pôr do sol na faixa (Figura 7), como é chamada a RSC 101, é famoso, reunindo nos dias de céu bonito carros e grupos majoritariamente formados por jovens, que acompanhados de um chimarrão, contemplam a paisagem.

Mostardas é conhecida por suas belezas naturais, é um dos lugares onde se pode amanhecer na praia e ver o sol nascer no mar e ao entardecer, vê-lo se pôr sob as águas calmas da lagoa. Banhados e vastos campos de planície se estendem por quilômetros, há regiões de mata de restinga e mata atlântica e nas praias, Balneário Mostardense, ou Praia Nova - mais próximo à sede -, Praia de São Simão, Praia do Pai João e Praia da Solidão, de poucos veranistas e quase desertas ao longo do ano, chamam atenção as extensas faixas de dunas que beiram as estradas. As praias mostardenses são também um destino muito procurado para pesca e prática de *surf*.

São várias as lagoas no interior do município e a mais turística delas é a Lagoa do Bacupari, também conhecida como Lagoa Azul. Os faróis¹⁸ são atrações turísticas bastante visitadas, sendo eles o Farol da Solidão e o Farol do Cristóvão Pereira (Figura 7). O Parque Nacional da Lagoa do Peixe (Figura 7) abrange parte do território de Mostardas e abriga uma rica biodiversidade que,

¹⁷ Casal conhecido pela participação na Guerra dos Farrapos.

¹⁸ O farol que leva o nome de Mostardas fica localizado nos limites do município vizinho, Tavares, que emancipou-se de Mostardas em 1982.

entre fauna e flora, conta com um grande número de espécies endêmicas e migratórias, sendo um dos mais importantes santuários de aves migratórias encontrados na Unidade de Conservação (GOMES, 2018). Certamente, são incontáveis as paisagens que enchem os olhos nas andanças por Mostardas.

Sobre a economia, se destaca o setor agropecuário, com ênfase no cultivo do arroz e cebola e criação de gado bovino e ovino, bem como pela produção da silvicultura (madeira e resina). As lavouras de arroz (Figura 7) marcam a paisagem rural e empregam muitos trabalhadores, e os produtos de lã locais são muito apreciados, especialmente o famoso “cobertor mostardeiro” (Figura 8), de densa lã cardada e colorida, instituído como Símbolo Cultural do município através da Lei nº 2.559 de 07 de julho de 2009.

Figura 7 - Conjunto de imagens de Mostardas (RS)



Fonte: montagem elaborada pela autora (2023). Pôr do sol na faixa (foto da autora); Farol do Cristóvão Pereira (foto de Jorge Ebert); Parque Nacional da Lagoa do Peixe (foto do instagram @parnalagoadopeixe) e Lavouras de arroz (foto da autora)

Figura 8 - Cobertor Mostardeiro



Fonte: Instagram @cobertor_mostardeiro

Outra Lei cultural, mais relevante para esta pesquisa, é a Lei municipal nº 2.744 de 2010, que institui como Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas: as Cantorias de Ternos de Reis, o Ensaio de Pagamento de Promessa, as Cavalhadas, a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa em louvor a São Luiz Rei de França, o Artesanato e o Culto às Tradições Gaúchas. Partindo do texto dessa Lei, é possível refletir sobre algumas questões, como o fato de apenas um item fazer referência à presença negra no município. As presenças negra e açoriana estão na gênese do povoamento do local, e a cultura mostardense é fruto da fusão dos elementos culturais desses dois grupos. No entanto, a cultura luso-açoriana se estabeleceu e se desenvolveu sendo mais valorizada devido à colonialidade, refletindo a realidade nacional. Desse modo, entendo que, embora a presença negra seja inegavelmente tão importante quanto, as práticas culturais de influência açoriana são mais valorizadas e ostentadas. Visto que, por exemplo, dentre os itens acima citados pela Lei nº 2.744/2010, apenas o Ensaio de Promessas, configura uma prática cultural quilombola, realizada por um grupo de homens negros devotos de Nossa Senhora do Rosário, enquanto o Terno de

Reis, as Cavalhadas e as festas religiosas decorrem da açorianidade (FARINHA, 2016; GRAEBIN, 2007).

A cultura açoriana foi usada oficialmente enquanto única provedora da identidade do município de Mostardas até o muito recente sancionamento da Lei Municipal nº 4.443/2022. A lei, de autoria do vereador quilombola Jorge Amaro, institui o município de Mostardas como Cidade Afro-Açoriana. Alterar a nomenclatura de “Cidade Açoriana” para “Cidade Afro-Açoriana” é importante e carrega um visível impacto ao reconhecer o papel da presença negra na constituição do município e é necessário seguir promovendo ações efetivas que venham a dar visibilidade à cultura negra e quilombola no município. A valorização da cultura açoriana em detrimento às demais, sobretudo as de origem africana e afro-brasileira, não é exclusiva de Mostardas. Tal como indica Thiesen (2009) a busca por uma identidade portuguesa e açoriana também está presente em Rio Grande (RS). A nível nacional, as políticas patrimoniais, desde 1937, também elencaram as heranças europeias como mais importantes e como expressões de uma “identidade nacional” (FONSECA, 2009). O usual reforçamento dessas escolhas, que exprimem a preferência pelo que é europeu, branco e católico, criou uma hierarquização que coloca tais características no topo, ao passo em que marginaliza e leva ao apagamento as demais expressões fora do padrão eurocêntrico. Esse cenário tornou o campo do patrimônio mais um potencial *locus* de exercício do preconceito racial e xenófobo. Por isso, dizemos que o patrimônio é um campo de disputa e expressão política da memória (CANDAU, 2005), pois “a seleção de quais bens serão protegidos é uma escolha política, que se utiliza da dialética presente na relação memória e esquecimento” (CAMPOS, 2021, p. 110).

É perceptível, ainda, que os bens imateriais aludidos pela lei exprimem uma atmosfera de formalidade, foram escolhidos em termos de religiosidade as festas do Divino Espírito Santo e de São Luiz Rei, enquanto as práticas da benzedura e do Responso, tão significativas quanto, porém manifestadas fora de espaços oficiais, foram deixadas de lado. Um adendo que considero pertinente apontar, é de que apesar da legislação patrimonial ser um instrumento importante de reconhecimento, em muitos casos, quando não há efetiva participação popular no processo, os bens definidos são apenas parcialmente

representativos da comunidade. É a comunidade quem deve ditar o que é ou não patrimônio, caso contrário ocorre de haver patrimônios instituídos de cima para baixo, que “situam-se diante do indivíduo como grandes entidades em relação às quais ele se sente como um estranho” (GONÇALVES, 2019, p. 39). O que foge totalmente do sentido de patrimônio.

É relevante, nesse momento, trazer as discussões acerca de tradição e tradições inventadas, construção identitária e seleção memorial no âmbito social. Hobsbawn e Ranger (1997) exprimem que existem “tradições inventadas”, entendidas como

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN; RANGER; 1997, p. 9).

Esses valores e normas inculcados socialmente são induzidos a partir de uma seleção memorial, que promove lembranças e esquecimentos do passado. Essa ação memorial influencia determinados grupos num contexto de construção de uma identidade coletiva. Relacionando o conceito à imposição da identidade açoriana ao município de Mostardas, friso a palavra “apropriado”, pois a cultura açoriana é considerada, dentro de uma lógica geral eurocêntrica, “apropriada”, “bonita”, “cabível de exibição”, sendo selecionada para estampar a identidade mostardense. Segundo Paré, Oliveira e Velloso (2007), a população negra gaúcha, em especial os quilombolas, resistem e buscam sua visibilidade numa cultura local que é altamente europeizada, representada por comunidades de origem alemã e italiana, e como em Mostardas, luso-açoriana. A referida Lei nº 2.744/2010, conforme mencionado anteriormente, reforça essa seleção memorial e a hierarquização eurocêntrica e, junto a ela, cabe mencionar também a Casa de Cultura de Mostardas. Um museu ou centro cultural possui a função de resguardar a cultura e a memória de um lugar e de um povo. Mas, tais lugares, em verdade, atuam na validação e manutenção de discursos oficiais, sendo assim, fortemente atravessados pelas tradições inventadas. Como divulgado no site oficial da Prefeitura Municipal de Mostardas sobre a Casa de Cultura: “Em uma casa colonial construída no século XIX. Lá está abrigada a memória oficial do município de Mostardas. A Casa de Cultura oferece ao visitante a história dos

primeiros habitantes através da Sala Açoriana.”¹⁹ Fica evidente que a casa de cultura, que se autointitula guardiã da memória oficial, exalta e enfatiza a cultura açoriana, excluindo as presenças negra e indígena, que não são representadas no local. Também não há referências de práticas culturais do cotidiano mostardense, como o Responso e as Benzeduras. Esse é um exemplo que ilustra como a memória dita oficial deixa de lado a memória, a história e o patrimônio da gente do cotidiano.

Complementando a ideia de Hobsbawn e Ranger (1997), Candau (2011) diz que as memórias que fazem apelo a uma tradição podem ser construídas ou inventadas com intenção de reforçar essa tradição, sempre no intuito de afirmar uma identidade. Assim, uma tradição é fruto dos aspectos buscados no passado para sustentá-la, legitimando o discurso que ela propaga. Tais aspectos são selecionados para fazer parte de uma identidade, em uma ação memorial sempre feita a partir do presente. Ele explica: “Porque a tradição se remete a um passado atualizado no presente, ele ‘incorpora sempre uma parte do imaginário’” (CANDAU, 2011, p.122). Trazendo para a realidade deste trabalho, do ponto de vista de Candau (2011), o imaginário estaria relacionado à imagem açoriana predominante em Mostardas, pois a cultura açoriana, proveniente da colonização da região, é a parte do passado escolhida para compor a identidade do município e legitimar sua tradição cultural. Candau (2009) diz que para além de se construir uma identidade, é necessário que ela seja considerada “verdadeira” e “autêntica”, em razão disso, torna-se essencial que existam as tradições, pois elas agem no sentido de representar essa veracidade. É preciso reparar no termo “representar”, afinal, “trata-se bem de uma representação, pois o essencial não é que a reiteração do passado seja fiel, mas acreditar que está de acordo com a tradição” (CANDAU, 2009, p. 48).

O autor aponta que no processo de construção identitária, são buscados no passado elementos para serem reivindicados como autênticos e verdadeiros, com objetivo de legitimar algo como tradicional para que, assim, se possa afirmar uma identidade. O importante a ser frisado, é que tais elementos são escolhidos,

¹⁹ Institucional de Mostardas. Disponível em: <<https://www.mostardas.rs.gov.br/pagina/view/25?slug=institucional-de-mostardas>> acesso em: 30/07/2023.

gerando memórias dominantes em contraposição à memórias dominadas (POLLAK, 1989), evidenciando que se trata de um campo de disputas. Candau (2009) considera que:

A tradição pode se dar a ver na religião, festas, comemorações, monumentos, mas sua expressão pública mais moderna é provavelmente o poderoso movimento de patrimonialização. A patrimonialização e a tomada de valor do patrimônio pode ser considerada como narrativas de si, narrativas que inscrevem o objeto patrimonial em uma tradição ou, melhor ainda, que “tradicionalizam” esse objeto e que, em primeiro lugar, são destinados a assegurar em sua essência, a sociedade que é o autor: de onde ela vem, onde vai, etc. (CANDAU, 2009, p. 48).

O autor aponta que a patrimonialização é a forma mais moderna de consolidar os bens culturais elegidos como tradição, que podem estar relacionados à religião, festas, monumentos, etc. Em Mostardas, os bens patrimonializados pela Lei nº 2.744/2010 evidenciam que se tende a buscar a origem tradicional, que por sua vez, é responsável pela atribuição da identidade, sempre na cultura açoriana. Nesse sentido, me questionei o porquê de procurar a origem do Responso, primeiramente, na cultura luso-açoriana e percebi que ela já foi tão utilizada para justificar tradições e a identidade mostardense, que foi onde eu também firmei, automaticamente, minha hipótese inicial. Como se, para ser tradicional, a prática precisasse ter origem açoriana. Desse modo, a hipótese se insere na lógica da busca dessa origem açoriana para legitimar algo como tradicional.

Esse entendimento veio a gerar uma tomada de consciência que me fez identificar o quanto estou inserida nesse padrão de pensamento eurocêntrico, o que alterou meu olhar para a pesquisa e suscitou novos direcionamentos. A partir de então, passei a considerar de maneira mais enfática o lugar que o africano e afro-brasileiro poderiam ter na prática do Responso e cheguei a bibliografias que abordam o culto de povos da África Centro-Ocidental a Santo Antônio. O catolicismo negro e a relação com Santo Antônio serão melhor abordados no próximo capítulo, mas fica manifestada a possível relação da presença negra em Mostardas com a fé em Santo Antônio e com prática do Responso.

Ainda dentro dessa discussão, Candau (2011) fala sobre a “memória das origens” e “mitos de origem”, defendendo que “como todo o ato de memória, a referência às origens se faz sempre selecionando e escolhendo” (CANDAU,

2011, p. 97). Associo essa seleção ao discurso de que as práticas culturais tradicionais em Mostardas vêm do catolicismo e dos portugueses. O trecho abaixo da entrevista de Silamar e Gladimir, ao falarem sobre a origem da prática do Responso, demonstra a reprodução dessa ideia:

Gladimir: E eu acho que tem a ver com a cultura açoriana, né? Veio com os açores.

[...]

Silamar: É, porque o povo açoriano é bem católico (Silamar Antiqueira da Silva; Gladimir da Silva Lopes, 27/12/2022).

Candau (2011, p. 96) aponta que “o discurso feito sobre o acontecimento original terá um papel maior na definição das identidades individuais e coletivas”. Assim, o mito de origem, tal como indica Candau, está presente na história construída e fortalecida nas narrativas de que a origem dessa prática, assim como as demais, teria relação com a religiosidade católica luso-açoriana.

Acredito que conhecer a história de Mostardas, além de permitir entender sobre a constituição da cultura local, leva à indícios de como algumas práticas culturais resistem fortemente há tanto tempo. Dessa forma, em relação ao histórico da região, o pesquisador Heinrich Bunse (1981), realizou uma importante pesquisa entre os anos de 1957 e 1959 para sua tese de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e reuniu aspectos sócio-etnográfico-linguísticos de São José do Norte. Seu trabalho resultou no livro “*São José do Norte - aspectos linguístico-etnográficos do antigo município*”, de 1981. O estudo discorre sobre variados aspectos da extensa península de São José do Norte, incluindo Mostardas, que pertencia ao município de São José do Norte até o ano de 1963, quando reivindicou sua emancipação e tornou-se independente através da Lei nº 4.691 de 26 de dezembro de 1963 (Mostardas/RS), 2001).

Além do trabalho de Bunse (1981), a pesquisa realizada por Júlia Miranda Aloise (2015) para sua dissertação na área de Conservação e Restauo, cujo tema é a preservação do patrimônio histórico e cultural do núcleo histórico do município de Mostardas, também contribuiu muito para o levantamento de informações que possibilitam compreender um pouco da história do povoamento da região, bem como sua cultura. Partindo dessas referências, trago a seguir o

levantamento realizado sobre a constituição histórica do município de Mostardas.

O território do Rio Grande do Sul foi, originalmente, ocupado por indígenas carijós, tendo sido pouco explorado até fins do século XVII, quando foi fundada a Colônia do Sacramento em 1680 (BUNSE, 1981). A partir de então, a faixa litorânea gaúcha tornou-se importante, pois ligava Laguna/SC à Colônia, ficando conhecida como “Caminho do Mar” ou “Caminho da Praia” (MAESTRI, 2021). A história de Mostardas se insere neste contexto de ocupação do litoral.

No Sul dessa rota, visando garantir a ocupação do território, foi fundado em 1737 pelo brigadeiro português José da Silva Paes, o Forte Jesus Maria José na Vila do Rio Grande de São Pedro, futura cidade do Rio Grande, e toda a península foi beneficiada. Nesse contexto, segundo Aloise (2015, p. 50), era necessário “assegurar o domínio, o ordenamento da ocupação da região e a exploração de recursos locais, além de guarnecer às tropas e à população da região”, assim, foram estabelecidos postos de vigilância com guarnições portuguesas ao longo do litoral: a Guarda do Norte e as Guardas do Estreito, do Capão do Meio e de Mostardas” (BUNSE, 1981, p.16). A criação das Guardas estava relacionada também “ao trato do gado, montaria e couro, servindo ao abastecimento e remonta das tropas e submetendo-se às normas da administração militar” (ALOISE, 2015, p. 53), ou seja, sua função, nesse primeiro momento, não era de promover o povoamento do território. Os postos de vigilância, instalados nesse trecho e estando no caminho dos tropeiros, serviam ainda como locais de descanso e entreposto, assim como para defesa, controle, fiscalização e posse do território (GUTIERREZ, 2001). O primeiro posto de vigilância estabelecido no Rio Grande do Sul data da década de 1720, na chamada “Barranca do Norte”, na provável localização da atual cidade de São José do Norte (BUNSE, 1981).

Foram distribuídas na região de Mostardas as primeiras sesmarias²⁰ a partir de 1746. Conforme Aloise (2015), Cristóvão Pereira foi responsável por consolidar o referido caminho da costa litorânea devido ao seu trabalho no

²⁰ Bunse (1981) pontua que tais sesmarias eram, por vezes, apenas a oficialização de uma ocupação já estabelecida.

escoamento de gado, pelo qual recebeu como sesmaria uma estância na região de Mostardas. Por sua fama de primeiro povoador da região de Mostardas, ele dá nome a um dos distritos do atual município, o Rincão de Cristóvão Pereira.

No entanto, segundo pesquisa de Molet (2018) foi Francisco Lopes de Mattos o primeiro sesmeiro da região de Mostardas, parte dessas terras originaram a Comunidade Quilombola de Casca. A autora apresenta uma relação de registro de matrícula de dezoito escravizados de Francisco Lopes de Mattos, em 1787. As idades variam entre 6 meses e 50 anos, sendo nove africanos, oito crioulos e um não consta a nacionalidade. Entre as naturalidades dos africanos, são dois Angola, cinco Benguela, um Moçambique e um Rebolo. Os crioulos eram um de Rio Grande, um de Capitania, um de Laguna, três de Mostardas, um do Rio de Janeiro e um de Viamão. Próxima às terras de Francisco, estava a propriedade dos irmãos Ana Tereza de Jesus, Manoel Teixeira Batista e Rosa Tereza de Jesus, que originaram a Comunidade Quilombola dos Teixeiras. Apenas os escravizados de Roza têm a origem identificada, sendo dois benguelas e três crioulos, mas, Molet (2018, p. 67) diz que “no interior da senzala dos irmãos Teixeira havia, pelo menos, quatro africanos”. Molet, ao pesquisar os laços familiares que se constituíram no litoral negro do Rio Grande do Sul, aponta que

[...] os libertos de Teixeiras constituíram famílias escravas e libertas, marcadas por laços de sangue e de compadrio, possibilitando uma extensa trama em que indivíduos africanos e brasileiros trocaram experiências, tanto no cativeiro, quanto na vida em liberdade. Ao conviverem com sujeitos vindos do outro lado do Oceano Atlântico e com aqueles que nasceram em terras brasileiras, estas famílias foram importantes espaços de resistência negra e de memória africana (MOLET, 2018, p. 72-73).

Ainda conforme Molet (2018), outro proprietário de escravizados em Mostardas foi José Carneiro Geraldês, que no final do século XVIII era dono de pelo menos, dois lotes de terras, um na Fazenda de Mostardas e outro em lugar não determinado de Mostardas. Dos vinte e seis escravizados registrados em 1787, as idades variam de 3 meses a 40 anos e quatorze eram africanos, sendo sete Benguela, três Angola, um Rebolo, um Congo, um Cabunda e um Cassange e doze eram crioulos, sendo dez de Mostardas e dois do Rio de Janeiro. Importante destacar que dos africanos escravizados registrados em Mostardas, a grande maioria veio de Angola, pois além da própria denominação “Angola”

para se referir à naturalidade, “Benguela”, “Cabunda” e “Cassange” também se referem à grupos étnicos que ocupavam regiões de Angola.

Já o início da presença açoriana em Santa Catarina e Rio Grande do Sul se deu a partir da provisão de 09 de agosto de 1747 que “Dá providências para a condução e estabelecimento de casais de açorianos no Brasil” (ROCCA, 2009, apud ALOISE, 2015, p. 54). Assim:

O município de Mostardas contém em si parte da história do Rio Grande do Sul. Sua origem remonta à Guarda de Mostardas no final do século XVIII, fundada pela necessidade de controle das rotas de tropeiros, guardas e de escoamento da produção e da pecuária, que cruzavam o território do Rio Grande de São Pedro entre o Rio da Prata e o restante do Brasil-colônia. Essa importância de situar-se em uma das primeiras rotas da colônia entre Laguna e a Colônia de Sacramento rapidamente garante a prosperidade da nucleação, que consolida sua ocupação e torna-se Freguesia de Mostardas (ALOISE, 2015, p. 26).

Precedida pela existência da Guarda de Mostardas, em janeiro de 1773 foi criada por alvará imperial a Freguesia de Mostardas, a oficializando enquanto local de povoamento. A Igreja Matriz São Luiz Rei (Figura 9) foi erguida também em janeiro deste ano e é uma construção no estilo barroco com altar neoclássico.

Figura 9 - Igreja Matriz São Luiz Rei



Fonte: foto da autora

Segundo Aloise (2015, p. 27), Mostardas, enquanto localidade bastante isolada, tinha ocasional relação com São José do Norte e Rio Grande, mas nunca adquiriu “dinâmica significativa o suficiente para alterar seu caráter original”: de “nucleação isolada em torno de uma praça e de sua igreja”. Sobre o isolamento da região, Bunse diz que:

É uma região muito isolada, possuindo nem sequer uma estrada que a ligue à capital, pois o que chamam de estrada são antes trilhos no campo com um ou outro aterro (...). São designados, em alguns mapas, como “estradas carroçáveis” sem trânsito em épocas de chuvas ou, no verão, devido às areias (BUNSE, 1981, p. 30).

A estrada a que Bunse se refere, usada pelos tropeiros, é a atual junção da RSC-101 com a BR-101 - chamada “Estrada do Inferno”. Segundo reportagem da Zero Hora - ClicRBS²¹, recebeu este apelido porque por muito tempo “foi apenas uma linha de areia, lama e poças, na qual atolar era redundância”. Ligava a península à Capital e a travessia durava até três dias. O isolamento da região se fez sentir até recentemente, visto que a precária Estrada do Inferno só foi asfaltada na década de 1990:

Esta estrada tinha este nome em decorrência da grande quantidade de areia e, em dias de chuva, de barro. Somente na década de 1990, começaram as obras da BR 101 e, ainda no ano de 2008, existia um trecho a ser finalizado. Desse modo, as viagens eram muito demoradas, pois havia uma grande dificuldade de deslocamento terrestre (MOLET, 2018, p. 62).

Dessa forma, Mostardas não foi uma cidade que se modernizou ou teve significativas modificações de cenário, economia e modo de vida, havendo pouca alteração no assentamento desde sua origem. Tal realidade permitiu, de certo modo, a garantia da preservação da organização social no entorno da Igreja Matriz São Luiz Rei e a permanência das edificações características do período fundacional, sendo o casario localizado no Calçadão Chico Pedro (Figura 10) o melhor exemplo de preservação da arquitetura açoriana (ALOISE, 2015). Nesse ponto, a epígrafe deste subcapítulo ganha sentido, Mostardas é um lugar “*onde o tempo pelo tempo se perdeu*”, que conservou as construções açorianas, bem como a dinâmica de organização social do município desde o início de sua formação. Assim como o centro histórico foi preservado, grande

²¹ 50 anos depois: a Estrada do Inferno pavimentada. GZH Geral. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/07/50-anos-depois-a-estrada-do-inferno-pavimentada-2967411.html>> acesso em: 30/01/2023

parte da cultura imaterial também foi mantida, incluindo um conjunto de práticas, festas, saberes e outras manifestações culturais que são passadas através das gerações, perdurando e se fazendo presentes na atualidade.

Figura 10 - Calçadão Chico Pedro



Fonte: foto de Verona Colares Nazareth via Instagram

De acordo com Farinha (2016, p. 817), pela situação de isolamento da península de São José do Norte, a cultura açoriana herdada pelos habitantes ainda se faz sentir nos hábitos locais, sendo um exemplo a “profunda religiosidade popular ligada a diversos santos católicos, para os quais foram observados vários festejos e homenagens”. E não só elementos culturais carregam a marca açoriana, mas o próprio modo de vida e desenvolvimento econômico, pois as atividades como agricultura e pesca, por exemplo, já eram desenvolvidas pelos ilhéus nos Açores. A ideia da Coroa Portuguesa era que a vinda dos açorianos propiciasse o desenvolvimento econômico e demográfico, e a similaridade da península com as Ilhas dos Açores facilitou o processo (FARINHA, 2016).

Farinha (2016, p. 823) reforça que “dentre as tradições e costumes trazidos pelos açorianos, a religiosidade é um dos mais presentes no lugar”, pois “a vida religiosa local foi uma das bases da atividade social”. Um dos exemplos que ela traz para evidenciar o legado religioso açoriano é a popularidade da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes que em São José do Norte é, provavelmente, a mais antiga do Brasil, acontecendo desde 1811. Mostardas

também homenageia Nossa Senhora dos Navegantes anualmente em um festejo tradicional que inclui uma procissão que sai da Igreja Matriz São Luiz Rei, no centro da cidade, em direção à capela que leva o nome da santa, no Balneário Mostardense. São doze quilômetros na caminhada que reúne sempre um grande número de fiéis. Do mesmo modo, é uma característica das práticas devocionais luso-açorianas a forte devoção ao Espírito Santo (TEIXEIRA, 2013), manifestada na festa do Divino Espírito Santo, que também acontece em Mostardas. A festa do Divino, como é chamada, é a maior festividade religiosa do município e a comunidade católica prestigia em grande escala.

Pelo fato de Santo Antônio ser um dos santos mais significativos e populares de Portugal (GONÇALVES, 2018), acredito que parte da forte devoção a este santo em Mostardas, manifestada também na prática do Responso, pode ter se desenvolvido a partir da presença açoriana. Essa ideia é partilhada por alguns entrevistados, como Márcio Carneiro:

Márcio: [...] os açorianos que colonizaram basicamente Mostardas [...] eles eram bem dessa coisas e benzeduras, de religião, aí tem aqui na comunidade também os descendentes de quilombolas também são bem adeptos a esse tipo de crença, eu acho que são duas culturas que mais ou menos se uniu, né, os açorianos são da região que vieram são bem crentes de coisa de religião.

Sabrina: Eram católicos, né.

Márcio: Católicos, e eu acho que aí também o que acontece, tocavam pra uns povoados que nem aqui em Mostardas, muito isolado, não tinha onde procurar, tinha que se agarrar com o que tinha, se agarravam com benzedura (Márcio da Costa Carneiro, 27/12/2022).

A fala de Márcio corrobora para as hipóteses pensadas: da religiosidade mostardense e da prática do Responso terem fundamento na religiosidade dos açorianos associada à dos negros escravizados, havendo um sincretismo religioso, e do fator do isolamento do município para o fortalecimento das práticas mágico-religiosas como a benzedura e o Responso. Afirmando no início deste subcapítulo que Mostardas é conhecidamente marcada pelas suas paisagens naturais, e o finalizo acrescentando que, tanto quanto as paisagens, o universo das práticas culturais caracteriza este lugar, como será evidenciado a seguir.

1.3 “O pessoal que vive no interior, eles acreditam muito nessas coisas”²²

Ao realizar as entrevistas de História Oral para esta pesquisa, compreendi a prática do Responso como parte de um conjunto de conhecimentos e crenças populares, pois durante as narrativas dos entrevistados e entrevistadas surgiram lembranças, vivências e informações que trouxeram à tona esse universo. Destaco que essa temática não foi induzida por mim, sequer constituía um tópico no roteiro²³ semiestruturado que preparei para as entrevistas. Foi uma relação feita naturalmente pelos entrevistados ao pensarem e narrarem sobre o Responso. Assim, considero importante valorizar estes relatos e buscar compreender quais relações são traçadas por eles e como elas podem auxiliar na caracterização do Responso em Mostardas.

As entrevistas, tanto com responsáveis quanto com demais pessoas da comunidade mostardense, reuniram narrativas repletas de numerosos exemplos de sabedorias populares, benzeduras e simpatias para os mais diversos fins, aprendidas com mães, pais e avós. As pessoas contaram o que sabiam por verem familiares fazendo, ou por ouvirem os antigos contarem, e muitos dos exercícios ainda são praticados na atualidade. Isso demonstra que as crenças e a fé em tais práticas constituem uma herança familiar baseada na transmissão oral e observação, e que seguem fazendo sentido no presente. Foi muito usual a associação do Responso à benzedura, pois muitos dos responsáveis também benzem. Além da confirmação de que o costume de “mandar responder” é adquirido no contexto familiar, foi possível perceber que o Responso está inserido em uma expressiva teia de práticas que vai muito além dele. Benzeduras, o ofício de parteira e mais uma diversidade de crenças e saberes foram identificados.

O casal Alberi e Salete Araujo (20/09/2019) descreveram três formas de curar verrugas, e estas são nomeadas tanto como simpatias quanto como benzeduras: a do sal grosso, a do osso e a da tuna, todas as três experienciadas por eles. A primeira consiste em pegar uma pedrinha de sal grosso e fazer com

²² Jurema da Silva Lima (21/12/2022).

²³ O Roteiro utilizado para as entrevistas com a comunidade adepta está disponível no Apêndice C.

ele o sinal da cruz sobre a verruga e após isso, jogar a pedrinha de sal para trás. Repete-se o processo quantas vezes forem necessárias dependendo do número de verrugas. A segunda necessita de um osso achado no campo, o que é comum nas chácaras e fazendas. Deve-se pegar o osso e passar nas verrugas, depois largá-lo no mesmo lugar em que foi pego e seguir em frente sem olhar para trás. Salete descreve os processos que foram ensinados a ela pela avó, falecida com noventa e nove anos, e finaliza afirmando que o resultado foi positivo:

Salete: tu *pega* umas pedrinhas de sal, de preferência sal grosso, né, que tem aquelas pedrinhas, eu levei um potinho de sal aí tu pega, cada verruga tu faz em cruz.

Sabrina: com o sal?

Salete: com o sal, e atira pra trás.

Sabrina: tu *pega* uma pedrinha de sal?

Salete: uma pedrinha e passa na verruga ali e atira pra trás, pega outra e passa, quantas verrugas tu *tiver*... e do osso.

Sabrina: qual é a do osso?

Salete: do osso fica o osso ali e tu pega aquele osso ali e passa nas verrugas e larga no mesmo lugarzinho.

Alberi: um osso de carneada, de um gado que morre.

Salete: osso que tu *acha* no campo, tu passa nas verrugas e tu larga no mesmo lugarzinho e segue pra frente, tu não pode olhar pra trás.

Sabrina: e tu fez as duas?

Salete: fiz, caiu todinhas (Alberi Santos Araujo; Salete Machado Araujo, 20/09/2019).

Alberi conta sobre a última simpatia/benedicção para curar verrugas, feita com a “tuna”²⁴ que ele já fez muitas vezes e ensinou para conhecidos. A simpatia é simples: pega-se um pedacinho de madeira, como um galho, este deve ser passado na verruga três vezes em forma de cruz, em seguida, deve-se espetar este pedaço de madeira em uma palma de tuna, atravessando a palma. Deixa-se ali até que a palma seque e a madeirinha caia, no momento em que isso acontecer, a verruga cairá também:

Lembra que eu te falei também da tuna? Se tem verruga bastante nas mãos... eu tinha de primeira nos joelhos, me ensinaram... [...] tu vai indo e aqui tem uma tuna, né, um pé de tuna [...] aí tu pega um pedacinho de madeira e passa na verruga três vezes em cruz e pega e assim ó, atravessa aquela madeirinha na palma de tuna, deixa lá aquela madeirinha aí aquela palma vai morrer, né, vai secando, e a hora que aquele pauzinho cair as verrugas *cai*... [risos] já ensinei, muita gente fez já... (Alberi Santos Araujo, 20/09/2019).

Em Mostardas, por ser um município predominantemente rural, sobressaem-se duas benzeduras relativas ao campo: para curar o gado e para

²⁴ Espécie de cacto em forma de arbusto comum nos campos da região.

afastar pragas das plantações, principalmente lagartas. Uma benzedura muito solicitada é a que se faz para gado “bichado”²⁵, pode-se pedir por telefone para a benzedeira ou benzedor, basta informar o pelo e idade do animal, não importa a distância em que esteja. No entanto, alguns (as) benzedores (as) pedem que leve uma amostra do pelo para que a eficácia seja maior:

Alberi: A dona Iolanda benze bem. Tu *sabe* a bicheira que dá no gado? Se tiver um terneirinho lá na Costa, no campo da mãe bichado, ela benze daqui e não precisa curar.

[...]

Salete: E pra dar mais certo, aí a dona Iolanda disse “olha, eu posso benzer, mas pra dar mais certo diz pro Alberi trazer uns cabelinhos”

Alberi: Foi o touro lá da mãe, é, da cola eu trouxe, ela benzeu e pronto. Incrível (Alberi Santos Araujo; Salete Machado Araujo, 20/09/2019).

Alberi menciona que após “benzido” o animal, não é necessário curar, se referindo à cura com remédios, pois a benzedura surte, sozinha, o efeito desejado de cura. Ele utiliza o termo “incrível” para se referir à efetividade da benzedura. Essa benzedura também já foi procurada por Dona Hilma, minha avó materna, ela residia sozinha em sua chácara e conta que muitas vezes precisava tratar os animais sozinha, curando com remédio as “bicheiras”. O que era difícil e trabalhoso, visto que necessitava ir atrás do animal, pegá-lo, derrubá-lo e aplicar o remédio. Assim, quando soube que o senhor que responsava seus animais sumidos - Tio Nilo - também benzia, ela passou a utilizar a benzedura como método de cura:

A não ser esse mesmo senhor que responsa meus bichos, ele também benze animal doente e principalmente cura bicheira. Eu curava muito bicho com remédio e comprava nos veterinários, principalmente terneiros. E eu sozinha, cuidando meus bichinhos sozinha, vários terneiros, principalmente assim que nascia, bichava no umbigo, aí eu *sube* que ele também fazia esse trabalho, aí eu procurei ele, pedi pra ele fazer a oração da cura da bicheira e dois dias depois fui no campo e os bichos *tavam* curados, não tinha mais sinal de bicheira. Caía tudo e os bichos ficavam realmente curados (Hilma Rosa Kenne Machado, 30/04/2018).

Ela finalizou o relato afirmando: “Mas dá certo, eu tenho certeza que dá certo. Comigo aconteceu e eu falo porque aqui comigo deu certo. Tanto no Responso como na benzedura da cura da bicheira”. Outros entrevistados

²⁵ Diz-se do gado afligido pela mosca-varejeira, que ao picar, deposita uma larva. Tem maior incidência no verão devido ao calor e em animais recém nascidos ou machucados.

também mencionaram já terem usado ou pelo menos, terem ouvido falar dessa benzedura.

A benzedura para lagarta nas plantações também é muito usual, e é feita com água. Normalmente, a pessoa leva um litro de água para que o(a) benzedor(a) benza, ele(a) então recomenda que a água seja aplicada no entorno da plantação, em três dos quatro cantos do cercado, deixando livre o lado que dá para o oceano. É por este espaço não benzido que as lagartas irão sair. Os irmãos Márcio e Magda relatam:

Márcio: bate uma lagarta aqui eu pego uma água e levo lá, o seu Nilo benze lá pra mim e diz “despeja lá e deixa uma boca aberta pro lado do oceano”.

Magda: e a lagarta sai.

Márcio: sabe que sai, já vi uma vez aqui em casa o arroz tomado de lagarta, eu botei e acho que na base de uns três dias a gente via aquela fileira de bicho no chão, caindo, um bocado morre, de tão forte que é [...] (Márcio da Costa Carneiro; Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022).

Dona Vera Marta, responsadora e benzedeira, também conta da benzedura da lagarta:

O bom mesmo pra eliminar mais rápido é pegar um litro d'água e colocar nos três cantos do cercado, deixa o canto da banda do mar aberto porque diz que sai ali. [...] o cara passou lá em casa e pediu pra benzer a água, benzi, dei o litro d'água pra ele [...] “reparte em quatro pedaços e deixa um aberto pra banda do mar” diz que no outro dia foram no cercado olhar e *tava* as lagartas assim em fila saindo, diz o cara que nunca tinha visto um troço daquele [...] é verdade mesmo (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

Ela riu ao contar que, recentemente, pediram que ela fizesse essa benzedura, mas para afastar as caturritas do milho em lugar das lagartas, e menciona em sua entrevista que também benze para mal jeito, de coluna, pescoço, perna etc. - essa benzedura se chama “coser” - e para engasgado, sendo mais comum engasgamento com espinha de peixe. O responsador Nilo Chaves também realiza práticas de cura que aprendeu com a mãe e a avó, ele não utiliza mais o termo benzedura devido à sua religião, evangélica, mas diz:

[...] se é um bicho, com perdão da palavra, “bichado”, vem aqui só me dão o pelo, seja o lugar que for, e o nome da pessoa, eu faço daqui pra lá as minhas orações e cai tudo. E... engasgamento, tanto nas pessoas como nos bichos, isso tudo eu faço e acontecem coisas boas, né, eu tenho orado *pras* pessoas... (Nilo Ferreira Chaves, 21/06/2019)

A benzedura do engasgamento é muito comum, e Magda explica outra forma praticada de resolver o problema: a simpatia da cordinha. Ela diz que é

como uma benzedura, deve-se pegar uma cordinha de cor preta e medir no pescoço da pessoa engasgada, após esse movimento deve-se então amarrar essa mesma cordinha no pescoço de um cachorro “mesmo que fique justinho”. Conforme o animal se movimenta, vai “soltando” o que está preso.

[...] “ah ele se engasgou com uma espinha de peixe, tá ali trancada”, pega, amarra uma... passa uma cordinha no pescoço da pessoa, né, mãe? e depois amarra no pescoço do cachorro [...] e aquilo ali era certo, né, olha, não sei se é a fé da pessoa, o que é, mas eles diziam, “olha, passou mesmo, engoli a espinha, consegui botar [pra fora]” (Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022).

Ela acredita que o Responso vem do mesmo dom da benzedura: “o Responso já me falaram, que veio dessa questão assim ó, aqueles que tinham o dom, de conhecimento de ervas, chás, de benzedura, começaram também a fazer”, demonstrando que o Responso não se distingue completamente desse conjunto de práticas da religiosidade popular. Ela conta sobre outra simpatia, para encontrar algo perdido, deve-se amarrar uma cordinha também de cor preta no pé da mesa e dar 3 nozinhos enquanto diz as palavras “o diabo tu não come, tu não bebe e tu não mija, sem eu achar tal coisa” a cada palavra dita se dá um nozinho na corda.

São muitos os ensinamentos repassados pelos mais velhos que chegam às gerações presentes, e muitos que são apenas lembrados, mas não são mais reproduzidos. Seu Nilo (21/06/2019) conta da credice de enterrar o umbigo do bebê na porteira da mangueira de gado “tirava o umbigo da gente e enterrava na porteira da mangueira do gado pra gente ser fazendeiro, meu umbigo tá enterrado lá (risos)”, mas hoje, tal prática não tem credibilidade, “os véio faziam tudo o que era bobagem...”.

Existem credices populares e superstições em torno dessas práticas, como a de que não se agradece a benzedura nem o Responso, pois não teria eficácia:

Alberi: [...] outra coisa, a pessoa que benze, que se manda responsar, não pode agradecer, né, sabia disso? Já te falaram?

Sabrina: me falaram

[...]

Alberi: aí por exemplo, vou lá e peço pra Salete “tu responsa tal coisa pra mim ou me benze” aí eu “muito obrigado”, não funciona.

Sabrina: não pode dizer muito obrigado?

Alberi: não.

Sabrina: e tu diz o que?

Alberi: não fala nada, né, já sei. Diz que não funciona, e agora? (Alberi Santos Araujo, 20/09/2019)

Essa crendice se manifesta em outras instâncias, Salete conta que quando se ganha uma muda de planta também não se deve agradecer, pois a muda “não pega”. Também dizem que a benzedura deve ser feita apenas em dia de semana e antes do sol de pôr:

Salete: porque tem mais uma coisa, né, pra ti fazer essas coisas tem que ser antes das seis horas [...]

Alberi: depois que o sol entra não rende, como que pode né [...]

Salete: [...] tem que ser antes do sol entrar. isso aí eu sei desde a época da minha vó, né.

Alberi: isso eu escuto desde que era criança.

Salete: [...] ela benzia fazia isso e aquilo e ela dizia “eu benzo, mas tem que ser antes do sol de pôr” (Alberi Santos Araujo, Salete Machado Araujo, 20/09/2019).

Como foi possível reparar, nas entrevistas surgiram momentos de partilha de conhecimentos e experiências dentro desse contexto cultural. Práticas que perduram e são parte do cotidiano, como a troca do sal por açúcar, pois se diz, e é um costume repassado inclusive na minha família, que “não presta emprestar sal, tem que trocar por outra coisa”, e o mais comum a ser utilizado como troca é o açúcar. O porquê não se sabe, mas também não se discute.

As narrativas demonstram que os entrevistados percebem as práticas culturais como uma espécie de “consequência” do isolamento geográfico da região de Mostardas e da falta de recursos, realidade durante muito tempo. A avó do entrevistado Alberi Araujo era parteira, bem como dona Irma, sua mãe e avó, parteiras e benzedoras. Nilo Chaves conta que a mãe deu à luz a todos os filhos pelas mãos de parteiras. A parteira e benzedora quilombola da comunidade dos Teixeiras, Miguelina Ferreira de Lemos, falecida aos 106 anos de idade, é um símbolo desse ofício. Dona Miguela, como era mais conhecida, é muito lembrada quando se fala nessas práticas, ela percorria diversas localidades de Mostardas à cavalo realizando os partos. Alberi e Salete contam que “de primeira era só isso [...] era só benzedura, não existia médico”. Como afirma Márcio Carneiro em trecho da entrevista já reproduzido anteriormente “que nem aqui em Mostardas, muito isolado, não tinha onde procurar, tinha que se agarrar com o que tinha, se agarravam com benzedura”. Em vista disso, é compreensível que “o pessoal que vive no interior” acredite muito “nessas coisas”, como dito por Jurema Lima na fala que intitula esse subcapítulo.

Assim, entendo que todas essas crenças e práticas constituem uma rede de significados que dizem muito sobre a cultura mostardense, e valorizar esse universo de experiências é valorizar as sensibilidades do lugar. Pesavento (2008, p.14), diz que as sensibilidades são inerentes ao estar no mundo, pois segundo a autora são a forma como os sujeitos, individualmente ou agrupados, se fazem perceber a si e ao mundo, traduzindo a realidade através das emoções e sentidos, logo, “sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construídas sobre o mundo”. Desse modo, sobre sensibilidades:

[...] pode-se dizer que correspondem a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos que vem do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (PESAVENTO, 2008, p. 14).

A apresentação destas práticas objetiva demonstrar a pluralidade e amplitude desse universo cultural que é marcante em Mostardas: de saberes populares, benzeduras, simpatias e demais práticas mágico-religiosas, dentre as quais se insere o Responso. Esses saberes e práticas, como dito por Pesavento (2008), provém não de uma racionalidade, mas dos sentidos próprios de cada indivíduo, construídos socialmente. As narrativas acerca das crenças e da fé em tais práticas demonstram a força da tradição oral, pois é através da transmissão familiar e comunitária que se dá a persistência dessas práticas na comunidade.

Após o exposto, concluo que a prática do Responso não é algo isolado, estando inserida dentro de um contexto cultural maior, rico e diverso, que favorece a sua existência, transmissão e permanência em Mostardas. Esse contexto específico, considerando as singularidades locais e culturais, também dá sentido às características dessa prática, identificadas e analisadas no próximo capítulo

Capítulo 2 - “[...] quando perdía uma coisa pedia pra ela responder pra mim”²⁶

Conforme consta no Dicionário Oxford Languages, “Responso” é definido como: “oração que se dirige a Santo Antônio, para recuperar objetos desaparecidos”. Segundo Moisés Espírito Santo (1990), Santo Antônio - de Lisboa, onde nasceu, ou de Pádua, onde morreu - é um santo católico, conhecido entre outros aspectos por encontrar objetos perdidos, roubados ou esquecidos. Mas, a prática de “responso” aqui analisada vai além da referida oração e nem sempre é atrelada a ela.

De acordo com as entrevistas de História Oral realizadas durante esta pesquisa, o Responso consiste em um ato de fé, no qual a responsadora ou responsador, com auxílio, ou não, da oração do Responso ou Responsório de Santo Antônio, intercede para que um objeto ou animal seja encontrado pela pessoa que o(a) procurou. Dessa forma, enquanto a oração do Responso pode ser realizada por qualquer pessoa, a prática de “responso” demanda a existência da figura do responsador. Nos responsadores ativos mais conhecidos em Mostardas, foi identificado a existência de um “dom da “visão²⁷”, que os possibilita, na maior parte das vezes, descrever onde está o objeto perdido e identificar se foi um caso de roubo. Por isso, o Responso é visto por algumas pessoas como uma prática “mágica” ou “mágico-religiosa”.

O Responso é uma prática plural e diversa, que comporta distintas formas de fazer. Não depende especificamente de uma religião, de artefatos, nem de uma oração, invocação ou qualquer fala, não existe um ritual único pré-definido, nem uma fórmula ou passo-a-passo a ser seguido: cada responsador “responso” à sua maneira e este fato demonstra a pluralidade da prática.

²⁶ Vera Marta Dias da Silva (29/01/2023).

²⁷ Identificamos aqui como visão a característica de visualizar onde está o objeto perdido e responsado. Esse é um aspecto importante para a prática, pois nem todos os responsadores alegam ter a visão, sendo um dos fatores que demonstra a pluralidade da prática e as singularidades de cada responsador. Essa etapa do responso será desenvolvido no item 2.5 deste capítulo.

A prática de responder não é uniforme, contudo, nos depoimentos coletados durante a pesquisa, nas experiências e observações da pesquisadora, foram localizadas expressões que dão corpo a um conjunto de elementos que, juntos, constituem o Responso em Mostardas. Este capítulo se dispõe a descrever a prática cultural do Responso a partir destes elementos formadores, tendo como foco compreender a prática a partir da narrativa dos respondores. Para isso serão analisadas as entrevistas coletadas, que, em paralelo à bibliografia sobre as temáticas que envolvem e permeiam a prática, indicarão as características do Responso em Mostardas e como essa manifestação cultural pode ser compreendida à luz da memória, do patrimônio, da tradição e da cultura.

Foram cinco as entrevistas realizadas com respondores, que dão corpo a este capítulo, sendo que uma delas reuniu duas respondoras por serem mãe e filha. Assim, foram cinco entrevistas, mas seis respondoras(es). Duas das entrevistas foram feitas no ano de 2019, quando comecei a delinear esta pesquisa. Eu ainda não havia ingressado no mestrado, mas pretendia usá-las como base para o projeto²⁸. As três últimas entrevistas foram feitas já no âmbito do mestrado, uma em dezembro de 2021, uma em março de 2022 e outra em janeiro de 2023. Cinco respondoras(es) entrevistadas residem na sede do município de Mostardas/RS e uma reside na Comunidade Quilombola dos Teixeiras.

No que tange aos critérios de escolha dos entrevistados, cabe ressaltar que as duas entrevistas feitas em 2019 foram realizadas com dois respondores que eu identificava como pertencentes ao grupo dos mais conhecidos no município. Foram eles: Nilo Chaves, que é frequentemente citado e indicado quando falamos em Responso, e Terezinha Araujo, também bastante reconhecida pela prática do Responso. A terceira entrevista, feita em dezembro de 2021, foi uma entrevista “dupla”, realizada com mãe e filha: Irma e Jurema, respectivamente, respondoras umbandistas e também muito conhecidas na

²⁸ Naquele ano, apresentei um esboço do tema na Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande.

cidade. Assim, por serem de religião diferente dos outros dois (Nilo e Terezinha), tais depoimentos foram ainda mais relevantes para este trabalho.

A quarta entrevista realizada foi com a senhora Iolanda Bandeira, e aconteceu por intermédio de uma vizinha minha. Por ser amiga da dona Iolanda, ela comentou sobre meu interesse em conversar com responsáveis para atender aos objetivos da pesquisa. A senhora se colocou à disposição e eu fui até seu encontro. De todos os responsáveis e responsáveis entrevistados, a senhora Iolanda é a única que, pode-se dizer, não é tão reconhecida pela prática, pois foi citada no formulário apenas por duas pessoas. Entretanto, considerando que o objetivo dessa pesquisa é compreender a prática do responso em Mostardas, e não apenas dos responsáveis mais reconhecidos, optei por ouvir a senhora Iolanda e incluí-la aos depoentes.

Por fim, entrevistei em formato remoto a responsável Vera Marta, que também foi bastante citada no formulário. A partir de Santhiago e Magalhães (2020), que trazem um apanhado de autores que discutem a realização de entrevistas *online*, essa modalidade tem suas particularidades: não permite que sejam captados na totalidade as expressões e os movimentos corporais, por exemplo, e talvez não permita a construção da intimidade entre narrador e pesquisador. No entanto, os autores avaliam que possivelmente, “um menor grau de intimidade pode tornar a entrevista mais confortável para o entrevistado” e que “não serão a proximidade ou o distanciamento físico que garantirão a confiança mútua em uma pesquisa” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 11). A questão mais preocupante seria a possibilidade de problemas com a conexão de internet ou com o programa de videoconferência utilizado, que devem ser testados e combinados previamente. De todo modo, não tive problemas com as entrevistas *online* - além da responsável Vera Marta, também foram feitas entrevistas *online* com pessoas da comunidade adepta - as entrevistas transcorreram bem, houve uma boa interação e não aconteceram imprevistos com a conexão.

A hipótese inicialmente traçada sobre Nilo e Terezinha serem dois dos responsáveis mais conhecidos na cidade foi confirmada através do formulário

online “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”²⁹ direcionado à comunidade mostardense. Dentre as perguntas presentes no formulário, havia a seguinte: “quais responsáveis você conhece?”. As respostas (85% citaram pelo menos um deles) indicaram que os entrevistados mais conhecidos responsáveis de Mostardas são: Nilo, Irma, Terezinha, Vera Marta e Jurema. Apenas 7 pessoas, das 181 que preencheram o formulário, responderam “não conhecem” ou “nenhum”. Trinta e três nomes de responsáveis foram citados, destes, onze são de pessoas já falecidas. Assim, vinte e dois responsáveis citados estão, de acordo com as respostas, em atividade no município, dos quais apenas quatro são homens, o que evidencia uma questão de gênero, como será discutido no item 2.1 deste capítulo.

As entrevistas orais constituem a principal forma de acesso às narrativas que permitem o registro da prática do Responso. Raphael Samuel (1990, p.231) diz que “ainda há certos tipos de pesquisa que apenas podem ser realizados com a ajuda de uma testemunha viva e áreas completas da vida nas quais suas credenciais estão acima de questionamento.” Este é o caso desta pesquisa, pois considerando que a problemática central desta investigação é compreender quais as características do Responso em Mostardas, considera-se que é através da expressão oral que os responsáveis compartilham suas vivências com o Responso e revelam suas particularidades referente ao fazer, possibilitando o exercício de registrar a prática a partir de suas características.

A metodologia da História Oral é, dessa forma, o principal caminho para chegar às fontes da pesquisa. Para além das fontes orais, utilizarei como fonte os depoimentos coletados através do formulário “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”, que tem como objetivo possibilitar uma análise quantitativa e qualitativa sobre a prática do Responso em Mostardas, sobretudo a partir de quem procura os responsáveis e conhece a prática “do outro lado”, neste trabalho chamados de adeptos, ou comunidade adepta. Ainda que alguns depoimentos sejam apresentados neste segundo capítulo, o formulário e seus resultados serão mais aprofundados e dão base para a análise e desenvolvimento do terceiro capítulo da dissertação.

²⁹ O formulário será apresentado e discutido no terceiro capítulo.

Além da metodologia de História Oral utilizada para coleta e análise das entrevistas, também utilizei a metodologia da análise de conteúdo clássica, com quadro categorial (BARDIN, 2011), que consiste em identificar nas entrevistas os pontos mais importantes, marcá-los e agrupar os trechos correspondentes em categorias. Segundo Bardin (2011, p. 93), “o recurso à análise de conteúdo, para tirar partido de um material dito “qualitativo”, é indispensável”, além de constituir uma atitude de “vigilância crítica”, muito útil nos casos em que o pesquisador possui certa familiaridade com o objeto de análise. A análise de conteúdo possibilita observar as principais categorias presentes nas entrevistas, termos recorrentes e como cada colaborador se coloca diante dessas questões.

Assim, foram feitas tabelas para cada categoria, onde foram inseridos trechos de cada entrevista a respeito daquele tema. No total foram identificadas dez categorias: 1) o que é/como se faz [o Responso]; 2) dom; 3) fé; 4) visão/percepção; 5) religiosidade/oração/prece/Santo Antônio/santos; 6) pós-responso; 7) relação com a benzedura; 8) relatos; 9) transmissão. Estas categorias foram identificadas como elementos essenciais e constituintes da prática do Responso em Mostardas. Algumas categorias foram agrupadas por relação de proximidade e conexão, como foi o caso a 1, 7 e 8, todas essas foram unidas sob o elemento “responsadores”, pois dizem respeito à essa figura que, sem a qual, não existe a prática de responsar. Dessa forma foi identificado que “responsadores”, “Religiosidade e Santo Antônio”, “fé”, “dom”, “visão/percepção” e “pós-responso” constituem elementos essenciais para a prática do Responso, aparecendo de forma enfática em todas as entrevistas. Assim, estes elementos foram considerados como formadores do responso, e serão explorados nos subcapítulos a seguir.

2.1. “O Responso não é pra qualquer um”³⁰

A prática do Responso é possível porque existe alguém que a faz, é a responsadora ou o responsador: aquela pessoa considerada *capaz* de “responsar”, geralmente porque se acredita ser imbuída de um dom - tanto os

³⁰ Hilma Rosa Kenne Machado (30/04/2018).

responsadores quanto a comunidade adepta acredita na existência de um dom. Sem essa figura, o Responso resume-se a uma oração.

O Responso trata-se de um ofício tradicional pois, de acordo com Ferreira (1996, p 103) “o mestre de um ofício é sempre um sabedor, é alguém bastante diferenciado que encarna um semideus, um pactuante com o sobrenatural, um detentor de um tipo de liderança”. Os responsadores, mestres do ofício de responder, são reconhecidos no município de Mostardas, seu saber é legitimado pela comunidade que acredita no Responso enquanto meio de encontrar coisas perdidas. Para além de fazer a oração, ou a prece de pedido que todos são habilitados a fazer também, a responsadora, ou o responsador, é alguém considerado possuidor de grande fé e de um dom, fatores que o tornam capazes de se comunicar com o divino, com o sagrado. Desse modo, eles são uma espécie de intercessores entre a população e Santo Antônio, outros santos ou os orixás e com o próprio Deus. Por isso, como defende Hilma no trecho retirado de sua entrevista que intitula esse subcapítulo: “O Responso não é pra qualquer um”, ou seja, não é qualquer pessoa que pode responder. O responsador é a ponte entre a pessoa que perdeu algo e a força divina que ajuda a encontrar, é o mediador entre a perda e o encontro. E isso se dá através do seu dom e da sua fé, na qual a comunidade tem grande confiança.

Aqueles que não pertencem ao contexto do município e não têm familiaridade com a prática acham estranho e atribuem excentricidade ao Responso e aos responsadores, que são vistos pelos mostardenses com certa naturalidade, pois são parte da cultura local, como defende uma resposta no formulário: “Aqui em Mostardas isso é muito comum e não causa estranheza ao conversar sobre a prática de Responso”³¹. Embora o Responso seja algo comum, ainda assim, os responsadores são alvo de curiosidade e certas “crendices”, como o fato de que possuem um segredo e de que não se pode perguntar sobre o Responso ou questionar como se faz.

No Responso existe a ideia de dualidade sobre a existência de um segredo ou de mistérios que envolvem a prática, principalmente porque é habitual que os

³¹ Resposta do Depoente 172 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 30/04/2022.

responsadores não façam o responso na frente de quem pede. Dessa forma, permeia no imaginário social³² a ideia de que existe um elemento secreto para se fazer o Responso, ou seja, que os responsadores tem um “segredo”. Mas, segundo as falas dos responsadores, não há nada que seja feito por eles de forma escondida ou algo no ritual que não possa ser visto. Porém, por se tratar de uma prática e fenômeno que envolve fé, religião e crenças, existe subjetividade e alguns acontecimentos do Responso são vistos como misteriosos por algumas pessoas.

Conforme explicitado no capítulo anterior, alguns responsadores também fazem benzeduras, são ofícios que possuem diversos pontos em comum. No formulário, apareceram respostas correlacionando diretamente as práticas, como: “Segundo minha família, as mesmas pessoas que fazem benzeduras a maioria responsa”³³. Essa relação é comprovada também pelo fato de que, na pequena amostra de responsadores aqui entrevistados, apenas Terezinha Araujo não pratica a benzedura.

Assim como acontece no caso das benzedeadas, ofício em que é mais comum encontrar mulheres, no Responso também o é. Esse fato foi comprovado através do Formulário, que evidencia essa questão de gênero ao ter registrado 18 nomes femininos e apenas 4 nomes masculinos entre os responsadores citados. Historicamente, os ofícios espirituais de cura, cuidado com o outro e outras práticas religiosas foram deixados ao encargo das mulheres, colaborando para a ideia de que as práticas que pendem para a sensibilidade pertencem ao feminino. Como aponta Rosado-Nunes (2005), a observação de que mulheres investem mais nas questões que envolvem religiosidade e são maioria entre os fiéis está presente no senso comum, mas é também confirmada por dados

³² A noção de imaginário é complexa no campo das representações. Pesavento (2012, p.43) diz que “entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. O imaginário social, seria então “o sistema de ideias e imagens de representação coletiva que uma comunidade constrói para si ao longo do tempo” (PESAVENTO, 2008, p.11). A autora analisa ainda, que o imaginário é onde “o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber” (PESAVENTO, 1995, p.24). Assim, o imaginário social a respeito do Responso é constituído pelas representações que a comunidade mostardense constrói sobre a prática e, como trata-se de algo intangível baseado na fé e questões individuais e subjetivas, abre espaço para interpretações.

³³ Resposta do Depoente 144 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 18/03/2022.

estatísticos. No entanto, essa visão mascara o fato de que são os homens que dominam a produção do que é 'Sagrado' e definem as regras e discursos. E de que, por trás disso, estão as mulheres, ausentes desses espaços de definição e organização, porém participando ativamente no campo da prática religiosa, nos rituais e na transmissão, como guardiãs da memória.

Como dito por Rubino e Fontenele (2020, p. 133) “nesses saberes tradicionais, o peso da oralidade e da transmissão pelo saber e fazer é característico da atuação feminina”. Assim, fica evidente a consolidação do papel da mulher na cultura popular enquanto encarregadas de passar adiante tradições, técnicas, saberes e expressões culturais, principalmente no âmbito familiar, através da oralidade. Bem como no campo religioso, onde são elas as encarregadas pela responsabilidade de tratar das questões religiosas e espirituais, realizando os rituais, como é o caso das benzeduras e do Responso, e dando continuidade a eles. Dentro das práticas religiosas, pode-se citar como exemplo a visitação das Bandeiras do Divino nas casas durante a ocorrência da Festa do Divino Espírito Santo, festa religiosa proveniente da cultura açoriana e que acontece anualmente em inúmeros municípios, como em Mostardas. O grupo que leva as bandeiras pelas ruas do município, passando de casa em casa para que os moradores as recebam e tenham suas residências abençoadas, é formado, ano após ano, majoritariamente por mulheres.

Nos arredores do centro da cidade, normalmente os festeiros acompanham as bandeiras, mas nos lugares mais periféricos da cidade são em torno de três ou quatro mulheres que realizam as visitas. Já nas visitas às casas da zona rural, há mais participação masculina, pois, a locomoção é tradicionalmente feita a cavalo. Outro caso que ilustra a questão feminina na religiosidade são os grupos de oração, em Mostardas, na Matriz São Luiz Rei existe o Apostolado da Oração, um grupo de orações cuja maioria dos participantes é composta por mulheres. Estes exemplos evidenciam o fato de que são as mulheres, e não os homens, que usualmente ocupam os espaços realmente práticos dentro da Igreja Católica e, certamente, em outros segmentos religiosos. Nesse sentido, este trabalho que visa compreender e registrar o Responso em Mostardas, pode ser entendido dentro de um contexto maior que estuda o patrimônio imaterial que possui um protagonismo feminino, como é o caso das Paneleiras de Goiabeiras (ES),

registrado no Livro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2002³⁴.

Assim como o ofício de benzer é realizado em diferentes contextos e ambientes determinados pelos sujeitos que o praticam, e que atribuem sentidos a lugares e objetos a partir de suas concepções religiosas e de vida (SILVA, 2021), também, dessa forma, ocorre com o Responso. Cada responsador realiza o ritual de resposar em um ambiente próprio, com os artefatos que entende serem necessários e que possuem sentido, principalmente, considerando a religiosidade de cada um. Portanto, não é possível definir o Responso como uma prática totalmente homogênea, linear, “padronizada” e igualmente aplicada por todos os responsadores. Cada responsador pratica de uma forma singular, com base naquilo que aprendeu, no que acredita e na própria visão que possui sobre a prática. A heterogeneidade da prática do Responso em Mostardas já foi mencionada inúmeras vezes e, embora certamente esteja associada a uma questão de religiosidade individual, também é decorrente de um contexto histórico e cultural mais amplo, tendo em vista as múltiplas influências culturais e religiosas que Mostardas sofreu ao longo dos séculos.

Nesse sentido, para responder à problemática principal dessa pesquisa, faz-se necessário analisar e compreender as particularidades de cada responsador e a dinamicidade da prática. Para isso, analisei as narrativas de seis responsadores da cidade de Mostardas. Como dito anteriormente, um dos fatores que parece ser determinante nas diferenças entre as práticas do Responso, e na relação entre cada responsador e sua prática, é a religião. Dessa forma, busquei entrevistar responsadores de diferentes religiões para conseguir identificar as semelhanças e diferenças entre suas práticas, bem como a própria complexidade da prática do Responso.

Conforme já exposto, dentre os entrevistados, estão: Terezinha, Iolanda e Vera Marta, três senhoras católicas; Irma e Jurema, mãe e filha umbandistas; e

³⁴ Certificado do registro do ofício das Paneleiras de Goiabeiras no Livro dos Saberes. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao_Goiabeiras.pdf> acesso em: 20/06/2022.

Nilo, evangélico. A seguir, apresentarei cada um deles, descrevendo, a partir de suas narrativas, como cada um exerce a prática do Responso.

Terezinha de Jesus Machado Araujo tem 66 anos³⁵, é professora aposentada e católica, ela define o Responso como “uma oração de fé feita a Santo Antônio, pedindo pra ele mostrar às pessoas as coisas perdidas”. Ela faz o Responso em seu quarto, sozinha, onde acende uma vela e faz com fé a oração do Responsório de Santo Antônio, pedindo para que o santo mostre e devolva o que está perdido. A prática de Terezinha, dessa forma, é pautada na oração ao Santo Antônio, sendo guiada a partir de referenciais católicos. O Responso de Terezinha é bastante procurado, ela foi a terceira responsadora mais citada no formulário.

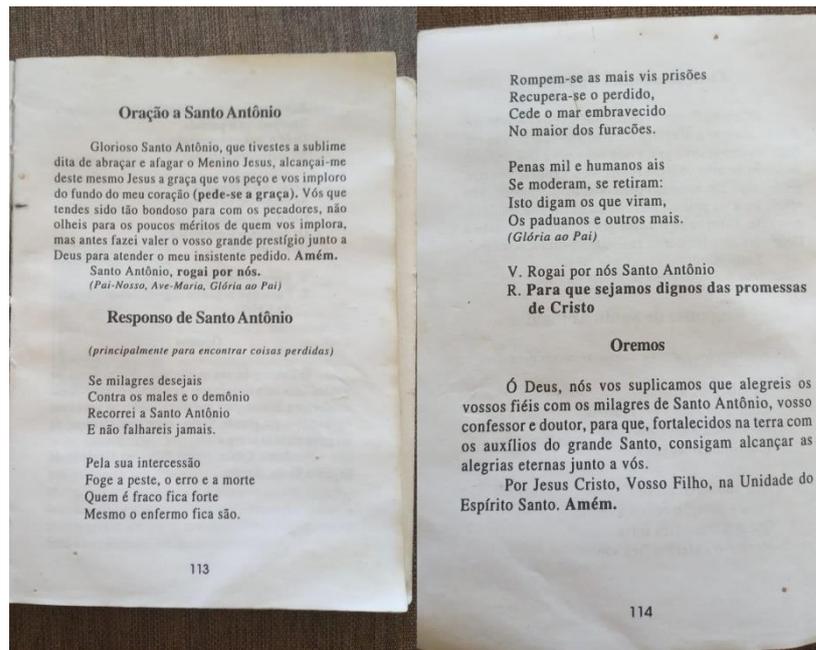
A relação de Terezinha com a prática de Responsar difere um pouco da dos demais responsadores entrevistados, principalmente no que tange à existência do dom. Para ela, o Responso está mais relacionado com a fé do que com um dom, mesmo quando se trata da questão da visão, como será abordado no 2.4. A visão não é um aspecto inerente à prática de Terezinha, ela conta que “não é tão simples” e nem sempre “se enxerga”, mas quando acontece, isso é atribuído à sua fé no Santo Antônio, pois ele que “mostra”. Terezinha conta que começou a responsar motivada pela sua fé:

Pela fé, eu fazia assim ó, eu tenho esse meu livro de orações, eu rezo pra Santa Rita, rezo pra Santo Antônio, eu rezo pros santos, gosto muito de santos, eu acredito em santos, e aí comecei a fazer essa oração de Santo Antônio (Terezinha de Jesus Machado Araujo, 2019).

A fala de Terezinha expressa sua vivência religiosa e devoção aos santos. Por ter muita fé nos santos e em Deus, começou a fazer a oração do Responsório de Santo Antônio (Figura 11) presente no livro *Orações e Santos Populares* (figura 12).

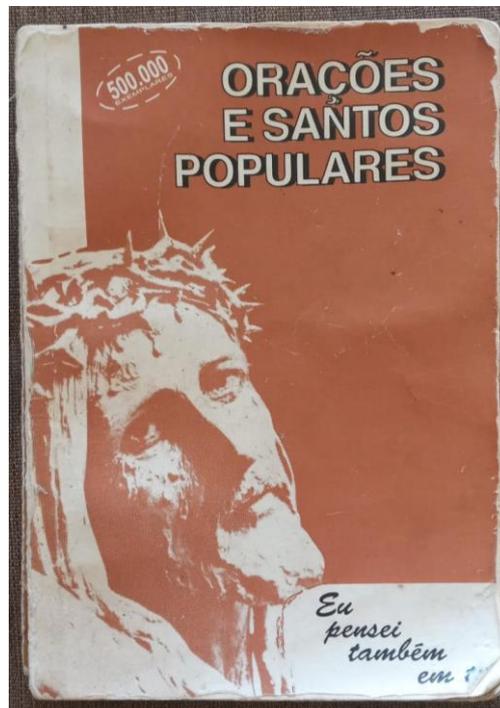
³⁵ Idade registrada na data da entrevista 01/09/2019.

Figura 11 – Oração do Responso de Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal de Terezinha de Jesus Machado Araujo

Figura 12 – Capa do Livro Orações e Santos Populares



Fonte: Acervo pessoal de Terezinha de Jesus Machado Araujo

Embora Terezinha tenha uma avó paterna que responsava, ela não atribui a aptidão ao Responso à um dom ou transmissão familiar. No entanto, é possível pressupor que o convívio com a avó e com outras responsadoras que ela conheceu tiveram alguma influência sobre a decisão de iniciar no Responso e na forma como ela faz. A maneira como os demais responsadores entrevistados iniciaram suas práticas difere do de Terezinha, pois está atribuída a outras questões. Ela conta que responsa há pouco tempo:

Terezinha: não, não... ah, não faz muitos anos, faz poucos.

Sabrina: faz poucos?

Terezinha: é, que eu comecei.

Sabrina: que despertou... isso, assim?

Terezinha: é, isso mesmo, pra essa coisa da fé (Terezinha de Jesus Machado Araujo, 2019).

Da mesma forma, outros responsadores entrevistados começaram a responsar por volta dos 40 anos de idade ou mais, uma hipótese para isso será apresentada mais adiante, a partir da narrativa da responsadora Vera Marta.

Iolanda Bandeira também é católica e tem 85 anos³⁶, é a responsadora entrevistada com mais idade. A entrevista feita com ela difere das demais, porque ela disse que eu poderia fazer as perguntas que quisesse, mas que preferia não ser gravada. Assim, respeitando sua vontade, enquanto a ouvia, fui escrevendo no meu caderno de campo o que ela dizia. Tais anotações foram, posteriormente, organizadas em forma de um texto autobiográfico e aprovado por ela. Dona Iolanda também é benzedeira, mas vai à igreja evangélica às vezes porque tem muitos familiares que frequentam, disse que gosta da pregação dos pastores, mas reconhece que é muito diferente do catolicismo, principalmente no que diz respeito aos santos. Ela gosta e é muito devota dos seus “santinhos” e, por isso, diz que não deixará de ser católica.

Iolanda me levou ao seu quarto, onde me mostrou o local onde faz suas orações, há uma estante com prateleiras nas quais ficam imagens de santos, velas, livros e outros objetos religiosos. Havia também, em um pratinho, uma cruz de sal que ela disse ajudar contra tempestades. Tais objetos e símbolos são importantes no catolicismo. Como exposto por Guerra (2021), depois dos

³⁶ Idade registrada na data da entrevista 17/03/2022.

templos religiosos, as residências também foram - e são - espaços essenciais para as práticas religiosas. Na Idade Média, durante a Inquisição, ter um oratório (“armário fechado, em regra por duas portas frontais, destinado a conter imagens religiosas [...]”³⁷) em frente ao qual se adorava aos santos e se faziam orações em casa era uma prova da conversão ao catolicismo. Hoje, o oratório está em desuso, no entanto, perdura a tradição de ter em casa um espaço destinado à artefatos religiosos “quase que configurando um altar” (GUERRA, 2021, p. 18). São exemplos desses artefatos as imagens e quadros de santos, terços, crucifixos, toalhas, velas e flores, como observado na casa de Iolanda (Figura 13).

Figura 13 – Iolanda Bandeira



Fonte: foto da autora

No altar de dona Iolanda, havia uma folha bastante antiga e desgastada que continha duas orações que ela reza diariamente, uma “oração da manhã” e

³⁷ Descrição presente em: BASTOS, Celina. SOUSA, Maria da Conceição Borges de. Normas de Inventário - Artes Plásticas e Artes Decorativas - Mobiliário. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004. p. 112. Disponível em: http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/download/normas/ap_ad_normasgerais.pdf. Acesso em: 20/06/2022.

uma para ter sucesso. Havia também um pequeno livro que traz diversos santos e suas respectivas orações, era onde estava a oração do Responsório de Santo Antônio que ela faz na hora de responder (Figura 14).

Figura 14 - Livro de orações de Iolanda



Fonte: fotos e montagem da autora

O Responso de dona Iolanda é feito de duas formas: a primeira consiste em acender uma vela e fazer a oração pedindo por aquilo que está perdido, pode levar de três a vinte e um dias para aparecer e, às vezes, de três em três dias ela refaz o processo. Na segunda, ela coloca uma imagem do Santo Antônio de cabeça para baixo em um copo d'água e diz que só será retirado quando o objeto perdido for encontrado (essa forma não é usada em caso de Responso de animais, apenas de objetos), assim que encontrado o objeto acende-se uma vela em agradecimento ao santo. Iolanda recomenda que essa vela seja levada pela pessoa que pede o Responso. A primeira maneira é semelhante ao responso de dona Terezinha.

Sobre o ato de colocar o santo de cabeça para baixo, Reis, Pedrosa e Rufino (2020) explicam que:

Na ânsia de alcançar a benção desejada, usa-se diversos métodos de constrangimento do santo como, por exemplo, esconder o menino Jesus do colo do santo; virá-lo para a parede ou pendurá-lo de cabeça para baixo; guardar o santo no congelador ou esconder o santo em um local escuro, esses “aperreios” como chamam as interlocutoras, duram até o santo realizar o pedido (REIS; PEDROSA; RUFINO, 2020, p. 139-140).

Tais “aperreios” ao santo são utilizados mais em pedidos referentes à relacionamentos, acionando a face “casamenteira” de Santo Antônio, mas também nos demais pedidos de intercessão do “santo milagreiro”.

Dona Iolanda conta que começou a responder por volta dos 35/40 anos de idade, havia uma mulher que “sabia fazer” e ela pediu para que a ensinasse, a mulher então ensinou Iolanda os dois jeitos descritos acima, ela disse: “já era curiosa desde nova, gostava de aprender as orações, sempre fui devota de São Jorge e Virgem Maria e depois de Santo Antônio e São Bento” (Iolanda Bandeira, 17/03/2022).

Irma da Conceição Lemos e Jurema Maria da Silva Lima, mãe e filha seguidoras da religião umbanda, foram entrevistadas juntas (Figura 15). Tia Irma, como costuma ser chamada, tem 70 anos, estudou até a 5ª série e trabalhou no hospital durante muitos anos. Tem sua casa de religião há 50 anos, onde faz trabalhos espirituais, benzeduras e Responso. Jurema tem 50 anos de idade³⁸, cursa faculdade de serviço social e é funcionária da prefeitura, também tem sua casa de umbanda onde faz trabalhos espirituais, benzeduras e Responso, como a mãe.

³⁸ As idades de ambas foram registradas na data da entrevista 21/12/2021.

Figura 15 - Irma, Sabrina e Jurema



Fonte: foto da autora

Elas fazem o Responso em frente ao conga³⁹, onde acendem uma vela e fazem orações para Santo Antônio, São Longuinho e São Lázaro. Sobre a forma como faz o Responso, Tia Irma diz:

eu vou vir aqui na frente do meu conga, vou pegar meu livrinho e vou fazer minha oração. A pessoa pode até ficar junto comigo ali atrás, eu fico de frente pra lá [congá] [...] às vezes a pessoa liga e eu falo por telefone, ou a pessoa vem aqui, fica comigo aqui e eu faço minha oração e viro pra pessoa vou explicar (Irma da Conceição Lemos, 21/12/2021).

Elas fazem o responso na presença de quem as procurou, como dito por Irma (21/12/2021) “a pessoa pode até ficar comigo ali atrás”, diferente da maioria dos responsadores, que se retiram a outro ambiente para realizar o ritual. É interessante acompanhar o responsador durante o Responso, como é possível no caso de Irma, pois se desfaz um pouco a ideia de que o ritual de responsar esconde um grande segredo místico, contribuindo para a ideia de que não se pode saber como funciona. Na última vez que fui até a Tia Irma para responsar um objeto, pude ouvi-la perguntar em voz alta “Tá escondido? Tá abafado? Onde é que tá, meu pai?”

³⁹ Palavra de origem africana utilizada na umbanda para denominar o altar onde ficam as imagens dos santos e outros elementos materiais presentes nas crenças umbandistas.

Não foi perguntado em nenhuma entrevista o porquê do responsador não fazer o Responso na frente de quem procura, Irma falou dessa questão espontaneamente. Mas, uma hipótese para esse fato talvez seja que a presença de outra pessoa interfira na concentração do responsador. Outra explicação, ainda mais elucidativa, seria o local em que o responsador realiza a prática. Irma e Jurema fazem o Responso em um local propício a receber pessoas, onde realizam seus trabalhos, atendimentos e atividades relativas à religião, então, trata-se de um espaço onde a presença de alguém é normal e bem-vinda.

Já os demais responsadores entrevistados fazem o Responso em suas casas, normalmente em seus quartos, local privado e íntimo, onde a presença de estranhos ou de qualquer pessoa além de si próprio, familiares e pessoas próximas se torna inconveniente. A esse respeito, nos limites entre público e privado dentro do espaço doméstico, Bachelard (1993) reforça tais questões ao dizer que estes são cômodos íntimos. Nesse mesmo sentido Michel de Certeau diz que “este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante” (CERTEAU; GIARD, 2013, p. 203). Ainda demonstrando essa questão, Mott (1997) indica que:

Dentro de casa é o espaço primordial onde têm lugar as práticas religiosas, não só as devoções individuais das almas mais piás, que por virtude e humildade buscavam o recesso do lar, como também aquelas devoções que por heterodoxas melhor convinha que fossem praticadas longe do público (MOTT, 1997, p. 191).

Assim, considerando os trechos acima, o deslocamento de alguns responsadores para seus cômodos íntimos, como quartos, e o não acompanhamento por quem procurou, pode ser compreendido como um limite íntimo entre espaço público e privado e também como afastamento conveniente para a realização de uma prática considerada heterodoxa.

Irma e Jurema também falaram espontaneamente sobre “Responso de pessoas”, tópico que não foi perguntado nas entrevistas. Segundo elas, é algo bastante delicado e difícil para quem responsa, Jurema compartilhou que quando a procuram para responsar uma pessoa, ela costuma “empurrar” para a mãe, pois não gosta de fazer. Irma tampouco se sente à vontade em responsar pessoas, disse que é “muito pesado” e que “dói muito” responsar e ver que

aquela pessoa “não existe mais”, mas faz e sempre diz a verdade. Jurema compara a situação com o Responso de um animal:

[...] se for um bichinho [...] a gente consegue ver que o bichinho tá preso e tá sofrendo ali [...] agora tu imagina um ser humano né, que de repente alguém fez alguma maldade porque tá sumido ou até mesmo numa depressão, a gente só vê a escuridão, então é muito ruim (Jurema Maria da Silva Lima, 21/12/2021).

Esses são alguns pontos que se destacam no Responso de Irma e Jurema. Elas veem a aptidão para responsar e benzer como um “dom que vem de berço”. Irma conta que a mãe e a avó eram parteiras e benzedeadoras e a mãe, dona Maria, também fazia Responso. Jurema conta que a avó por parte de pai, chamada “vó Leleta”, também responsava e era muito católica. Assim, suas falas são fruto de conhecimentos historicamente compartilhados, transmitidos intergeracionalmente. Irma conta que despertou para a espiritualidade após os vinte anos e Jurema com 12 anos, fez seu primeiro Responso, como contou na entrevista:

[...] a mãe já responsava, minha mãe já benzia, e teve uma vez que teve uma senhora... eu era pequena, a gente morava no centro ainda, e a mãe não tava, né, uma senhora desesperada “mas quem sabe tu vai ali” a mãe tinha os santinhos dela assim num corredorzinho... “ai, será que vou conseguir?” “quem sabe se tu te concentrar, porque isso aí deve vir de berço” a senhora falou isso pra mim, e foi minha primeira experiência. Eu me concentrei, fechei os olhos e rezei, naquela época eu não sabia nem fazer uma reza, eu só me concentrei e me lembrei que a mãe fazia e muitas vezes eu ficava escutando a mãe e a mãe fazia pra Santo Antônio, naquela época e não pedi nem pra São Longuinho, pedi pra Santo Antônio, né, que me mostrasse, que me dissesse se tinha sido roubado, se tinha sido perdido, e que ele fizesse aparecer, né, se tivesse perdido. E assim comecei. E aí [...] daqui a pouco a senhora bateu lá pra avisar com um pacote de vela [que tinha dado certo] (Jurema Maria da Silva Lima, 21/12/2021).

Jurema demonstrou o potencial para responsar bastante cedo, sem haver um preparo prévio, sem saber ainda fazer a oração completa e, ainda assim, o resultado foi positivo. Ela lembrou da mãe fazendo o Responso, e da forma que conseguia no momento, pediu para que Santo Antônio ajudasse a encontrar o que estava perdido. Esse episódio ilustra a questão do dom, para Jurema, foi devido ao dom herdado da mãe que o Responso deu certo naquele momento. As duas comentaram que uma neta e um neto de Irma já representam ter esse dom: “a Carol, que é minha sobrinha [...] ela também tem dom, só que ela é meio rebelde, mas ela tem [...] e meus filhos mesmo, nenhum, né, mãe? A não ser o Nelsinho que tem um pouquinho assim” (Jurema da Silva Lima, 21/12/2021).

Nilo Ferreira Chaves, popularmente chamado de Tio Nilo, tem 71 anos de idade⁴⁰ e é um responsador muito conhecido na região de Mostardas (Figura 16).

Figura 16 - Nilo Chaves



Fonte: foto da autora

Nilo conta que aprendeu desde “guri” a fazer benzeduras com os avós, mas o Responso ele começou mais velho, por volta dos 45 anos de idade. Aos 48 anos, entrou para a Igreja evangélica, onde hoje é obreiro⁴¹ e reza o culto aos sábados. Ele relatou que na Igreja os pastores quiseram proibi-lo de responder, pois associavam a prática de Nilo a “coisa de batuqueiro”, mas ele narra que se manteve firme e respondeu aos pastores “se eu sou batuqueiro vocês são também, porque eu faço oração pra Deus como vocês fazem”. Desde então, não teceram mais críticas e Nilo diz que continuará a exercer seu dom enquanto existir. Ele também é mestre de Terno de Reis, prática cultural incluída na Lei nº

⁴⁰ Idade registrada na data da entrevista 21/06/2019.

⁴¹ “O Obreiro Evangélico é aquele que realiza um trabalho voluntário perante a sociedade, levando sempre uma palavra amiga para os necessitados”. Disponível em: <<https://camara.ms.gov.br/noticias/dia-do-obreiro-evangelico-e-celebrado-com-solenidade-na-camara/185500>> acesso em: 25/06/2022.

2744. O Terno de Reis é um canto em versos, no qual o Mestre canta versos e o grupo, formado por aproximadamente seis pessoas, responde também cantando. Antigamente, o grupo visitava as casas onde tinham mais moças, para se apresentar. Seu Nilo conquistou várias premiações em festivais de Terno de Reis em diferentes cidades.

Sobre sua prática de responsar, na entrevista Nilo (21/06/2019) diz “o meu não é Responso, isso é uma revelação que Deus me dá. É diferente”, no entanto, é reconhecido como responsador pela comunidade. Seu Responso difere bastante dos demais já conhecidos, pois, enquanto Terezinha define o Responso como uma oração de fé e pedido e Irma como uma oração ligada a um dom, Nilo diz que o Responso dele consiste em uma revelação dada por Deus. Ele afirma que a prática dele, provavelmente, não se trata do Responso popularmente conhecido, pois este seria feito, como ele “se criou entendendo”, “com velas e santos” e ele apenas se concentra ajoelhado em oração e Deus mostra a ele o que está perdido. A ausência da oração a Santo Antônio bem como de qualquer outra oração na prática de Nilo Chaves sempre existiu. Ele conta que começou a responsar a partir da descoberta do dom de “ver as coisas”, sem a necessidade de qualquer outro elemento. Mais tarde, ao tornar-se evangélico, apenas se consolidou a dispensabilidade de orações e apelo a qualquer figura além de Deus, visto que os evangélicos não acreditam em santos e não cultuam imagens. Como ele utiliza o dom da visão para ajudar as pessoas a encontrar coisas perdidas, acaba por também se colocar nesse lugar de responsador, reconhecendo pertencer a este grupo, embora sempre fazendo a diferenciação com o Responso considerado por ele como tradicional⁴².

Ainda que entre os responsadores em atividade mapeados pelo formulário a maioria numérica seja feminina, ou seja, de responsadoras, e que a prática do Responso seja historicamente protagonizada por mulheres, é um homem que aparece como o responsador mais lembrado pela comunidade. Parece estranho que dentre um significativo número de mulheres em uma prática muito mais

⁴²Essa distinção é feita com base na fala de Nilo Chaves, quando afirma que o Responso que ele “se criou entendendo” utiliza “velas e santos” e ele não faz uso desses artefatos. Assim, sua prática seria diferente desse Responso popularmente conhecido, considerado como tradicional ou convencional.

feminina que masculina, que seja o senhor Nilo Chaves, ou Tio Nilo, o responsável de maior destaque no município. No formulário, 47 respostas (26%) citaram apenas Nilo enquanto responsável conhecido e a resposta “Agora só Nilo Chaves”⁴³ demonstra acreditar que ele é a única pessoa que faz Responso atualmente em Mostardas.

Mas, algumas hipóteses podem justificar esse caso: a primeira tem relação com a singularidade da sua prática, que consiste em uma prece direcionada à Deus, que o mostra, através de uma visão, onde está o que foi perdido, não existindo o uso de nenhuma oração nem outro aparato ou qualquer instrumento. Assim, talvez seja atribuído a ele um “maior poder”. Tio Nilo sempre tem uma dica para dar àquele que o procura, já que seu dom está diretamente relacionado à visão, dessa forma, ele é fortemente indicado e procurado devido a essa “objetividade na resposta”. São diversos os relatos de resposos feitos por Tio Nilo, cuja grande maioria termina com sucesso⁴⁴. Sua popularidade não se restringe ao município de Mostardas, ele conta que tem anotado em um caderno os nomes das pessoas de Tavares, município vizinho, que vão até ele pedir “oração”⁴⁵ principalmente, para dores, e Responso, e que tem registrado de 50 a 100 nomes. Nilo narrou um episódio em que foi procurado por um casal do Rio de Janeiro, eles vieram de carro, chegaram na cidade através do GPS e ao entrarem no município foram perguntando onde ficava a casa do Nilo. Não se sabe como tiveram conhecimento sobre a fama de Tio Nilo, mas acreditavam que ele poderia ajudar a resolver um problema na família. Pois Nilo, assim como o rezador Capitão Julinho, mencionado no primeiro capítulo, é visto por algumas pessoas também como “conselheiro”. Um trecho de uma resposta do Formulário demonstra essa outra face de Tio Nilo:

[...] perdi as chaves do meu local de trabalho, e foi muito desesperador
[...] Chorei, rezei e claro não dormi a noite como eu ia dizer que perdi a chave, eu só queria que a manhã chegasse pra ir no seu Nilo pedir pra resposar, e fui cedinho, contei tudo e ele foi pro quartinho como sempre fazia, e eu ali nervosa esperando, até que ele veio e me disse que as chaves tinham sido encontrados por alguém em um lugar com muitas pessoas e quem achou não sabia pra quem entregar então eu

⁴³ Resposta do Depoente 141 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 17/03/2022.

⁴⁴ Alguns desses relatos estão presentes no capítulo 3.

⁴⁵O mesmo que benzedura. Nilo passou a chamar de oração após entrar para a Igreja Evangélica, mas a prática e o objetivo é o mesmo da benzedura.

não ia recuperar as chaves e vendo minha situação conversou comigo me aconselhou contar que tinha perdido e que ia dar tudo certo, falou mais um pouco do local que perdi era movimentando, tinha muitas cadeiras e aí caiu a ficha, era o teatro/circo que eu fui na quarta à noite [...] saí de lá um pouco aliviada, contei a verdade e como ele disse deu tudo certo⁴⁶.

Assim, Tio Nilo além de responder e dizer para quem o(a) procurou o paradeiro do objeto, por vezes, ainda desempenha o papel de acalmar e conversar, aconselhando a pessoa. Nilo (21/06/2019), ao se referir ao seu dom, demonstra um sólido reconhecimento de si mesmo enquanto portador de um dom/característica que não é comum, ele disse: “mas assim que nem eu, esse dom que Deus me deu eu não vejo falar”. As outras respondedoras entrevistadas também se reconhecem e afirmam suas identidades enquanto respondedoras, mas utilizarei essa fala de Nilo para trazer a relação entre memória e identidade. Candau (2011, p. 60) fala que “múltiplos são os casos onde a memória consolida ou desfaz o sentimento identitário”, portanto, os acontecimentos na trajetória de Nilo consolidaram o sentimento identitário individual dele enquanto alguém que possui um dom único. Essa memória, chamada por Candau (2011) de memória de alto nível é

[...] essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.) (CANDAU, 2011, p. 23).

Desde o momento da descoberta do dom⁴⁷ ou do início da prática por outra razão, todos os “resposos” feitos pelos respondedores constituem um trabalho de memória fundamental na construção de suas identidades.

Outro fator importante que contribui para a popularidade de Nilo é a localização da sua casa, onde além de ter sua barbearia, faz seus resposos. Ele mora em frente ao Centro Comunitário Dr. Valmor de Souza Machado, o maior posto de saúde do município, onde circulam muitas pessoas diariamente. É comum, ao passar pela casa de Tio Nilo, observar pessoas do lado de fora do portão - local onde também já estive algumas vezes. É ali que chamamos o Tio Nilo, pedimos o Resposo e aguardamos que ele entre em casa, responde e

⁴⁶ Resposta do Depoente 80 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Resposo em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

⁴⁷ Ver no item 2.3.

volte com as informações do paradeiro daquilo que foi perdido. Magda (27/12/2022) conta que ao pedir pra Nilo responder [...] ele vai lá pra dentro, vai pro quartinho e faz, né, aí depois ele volta e ele diz se vai achar, se tu não *acha* mais, ou tu continua procurando na tua casa, alguma coisa [...]. No formulário, uma resposta à pergunta “quais responsáveis você conhece?” diz o seguinte: “Não sei o nome, aquela casa na frente do centro comunitário⁴⁸”. Essa resposta demonstra que a localização de Nilo é estratégica devido ao seu ponto de referência. Essa seria uma das hipóteses para o seu grande reconhecimento como responsável em Mostardas, pois a questão da localização demonstra fazer toda a diferença na hora de indicar um responsável para alguém.

Vera Marta Dias da Silva é a quarta responsável mais citada pelo formulário, ela tem 63 anos⁴⁹ e é quilombola, residindo na Comunidade Quilombola dos Teixeiras. Vera Marta (29/01/2023) é católica e também é benzedeira, assim como o eram a mãe e a avó, segundo ela, trata-se de um ofício transmitido de uma geração à outra: “Isso aí geralmente vai de geração, né, a minha vó benzia, a minha mãe... e eu benzo também”. Ela conta que embora não tivesse sido “ensinada”, aprendeu a benzer com mãe através da observação: “A mãe não ensinava pra gente, mas a mãe benzia alto, né, as palavras que ela ia falando eu fui aprendendo, e aí comecei”. Já o Responso, ela aprendeu sozinha, pois ninguém da família respondia:

[...] eu aprendi até meio sozinha porque a minha mãe fazia várias benzeduras, várias rezas, tudo, mas pra responso não, nunca fez [...] nunca vi ninguém responder. Era acostumada a pedir pra dona Catarina, uma senhora que morava ali no Valim, quando perdia uma coisa pedia pra ela responder pra mim, mas nem sei como ela fazia nem nada, só sei que ela pedia uma vela pra gente, mas que que era não sabia. E aí quando vi aquela imagem [do Santo Antônio] eu fui estudar ela, né, gostei, comecei, fiz o primeiro deu certo, fiz o segundo deu certo, continuei e agora já fazem mais de 20 anos que responso (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

Esse relato demonstra um fator essencial na prática Responso: cada responsável começa a praticar a partir de motivações pessoais e a individualidade de cada um se manifesta na forma como começaram e como realizam suas práticas. Essa questão é melhor compreendida quando analisada

⁴⁸ Resposta do Depoente 4 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

⁴⁹ Idade registrada na data da entrevista 29/01/2023.

conjuntamente com os relatos dos demais responsadores. Com exceção de Irma e Jurema que entendem o Responso como “um dom de berço”, ou seja, que é relacionado à ancestralidade, iniciando suas práticas mais cedo, os outros responsadores entrevistados começaram a responder por outras formas e motivos: Terezinha motivada pela fé nos santos, Iolanda ainda que tenha pedido para alguém “ensiná-la”, destacou que nunca se “ensina tudo”, assim, sua prática parte em grande parte do seu entendimento particular, Nilo teve o início da prática de responder marcada pela manifestação do dom da visão e, por fim, Vera Marta que interessada na imagem de Santo Antônio, através de seu estudo e realização da oração, começou a responder. Desse modo, o Responso é realizado por cada um de forma própria e os rituais desempenhados por cada responsador diferem entre si.

Vera Marta (29/01/2023) contou que começou a benzer somente após o falecimento da mãe: “Enquanto a mãe era viva, até 2001, eu não benzia, não benzia... aí depois que ela faleceu, né, o pessoal começou a dizer pra mim será que [de] vocês ninguém benze? Porque tua mãe benzia, tua vó benzia”, foi nessa época que também começou a responder. Os demais responsadores, com exceção de Irma e Jurema, também começaram a responder por volta dos 40 anos de idade. A narrativa de Vera Marta oferece um indício que ajuda entender as motivações para isso:

Eu acho que é porque aquelas pessoas que fazem Responso, essas coisas, vão se terminando, né, e aí a gente começa. Eu mesma, eu acho que eu comecei mesmo depois que eu perdi a mãe e aí como eu já fazia as outras benzeduras, peguei e invoquei o Responso junto, foi o que aconteceu (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

Pode-se refletir que iniciem as práticas de benzedura e Responso nessa faixa etária por ser o momento no qual vão se perdendo as referências que se têm dentro dessas práticas. Desse modo, a iminência da perda desperta a vontade de conhecer, desenvolver e dar seguimento às práticas e/ou desperta o dom. A responsadora conta como faz para responder:

[...] *pra* fazer o responso eu peço a vela, caso é longe, é difícil, eu acendo as minhas. Eu aprendi que a gente acende a vela *pra* iluminar os caminhos, né, e vai invocando Santo Antônio e aí o que que tu *faz*? Tu *faz* a oração, tu reza o creio em deus Pai, Pai Nosso, Ave Maria... e deixa, quando vê aparece. Às vezes é roubado mesmo, mas aí, claro, Santo Antônio obriga, né, a pessoa devolver (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

A narrativa expressa a importância da vela e das orações para o Responso de Vera Marta, e confirma o poder de Santo Antônio, que em caso de roubo, “obriga” a pessoa que pegou a devolver. Ela relatou um caso de responso de dinheiro, no qual foi pedido para responder 200 reais. Após o responso, foi devolvida a quantia de 180 reais. Ela conta que dinheiro é difícil responder e ter um resultado positivo, porque quem pega tem a pretensão de gastar, então raramente irá devolver. Mas ocorre que o santo fica “agindo” e não deixa a pessoa sossegar enquanto não devolver. Normalmente, o dinheiro - ou o que restou - é colocado em um lugar onde a pessoa irá achar, no caso relatado por ela, os 180 reais foram colocados embaixo da porta da casa da vítima do furto. A respondora ressaltou que os casos de responso de dinheiro são os que mais chamam atenção dela, pois quando o dinheiro é devolvido demonstra a força de Santo Antônio, visto que, mesmo o furto sendo intencional e não havendo intenção de devolução “Santo Antônio é tão forte, toca tanto nas pessoas que as pessoas devolvem nem que seja o que tá sobrando” (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

Vera Marta conta que se concentra muito na hora de responder e então, geralmente, tem uma visão de onde está o bem perdido, ou consegue identificar se será encontrado ou não, bem como se foi roubado. Ela compartilhou, ainda, que durante o momento do responso, consegue perceber se a pessoa que pediu pra responder tem fé ou não, pois quando a pessoa não tem fé, o Responso não mostra nada.

Cinco dos respondores apresentados estão, como dito no início do capítulo, entre os mais citados nas respostas do formulário “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”. Cabe dizer neste espaço que os resultados do formulário superaram minhas expectativas a respeito do número de respondores existentes no município. Inicialmente eu imaginava que seriam no máximo dez respondores em atividade atualmente, ao passo que foram registrados vinte e dois respondores em atividade. Este é um número considerável de respondores no município, que demonstra a amplitude da prática e o quanto está enraizada no local. Sem esquecer ainda, que o formulário chegou muito pouco à zona rural, foram poucas respostas registradas de pessoas que residem fora da sede do município, o que indica que este número

pode ser ainda maior. Muitos responsáveis foram lembrados apenas uma vez no formulário, a hipótese formulada a esse respeito é de que se trata dos responsáveis “de casa”, pouco conhecidos, pois respondem apenas para si mesmos e familiares próximos, mas que, certamente, também possuem singularidades em suas práticas.

Por fim, gostaria de destacar neste espaço as responsáveis e responsáveis já falecidos, lembrados pelos entrevistados: Vó Sulina, Sueli, dona Alta, Ione, dona Ana, Arildes, Nena, Lourdes, Luiza, Leleta, dona Maria, Diamantina, dona Eronda, dona Antônia, Maria Luiza, Miguelina, Otávio e seu Lino. Sujeitos que seguem habitando as memórias de tantas pessoas, contribuindo para o entendimento do Responso enquanto uma prática antiga no município de Mostardas, mas que se renova a cada geração.

Neste subcapítulo, pretendi apresentar os responsáveis que foram entrevistados, trazendo um pouco de suas identidades e mostrando o fazer de cada um de acordo com o que compartilharam comigo em suas narrativas. O foco nos responsáveis é crucial neste trabalho, pois valoriza esses sujeitos que exercem o papel de protagonistas e detentores de um conhecimento que corre o risco de se perder e precisa ser registrado.

O Responso carrega consigo a dinâmica da cultura, a pluralidade inerente à um ofício que não é homogêneo. Dessa forma, segue nos próximos itens o desafio de analisar e registrar essa prática subjetiva com questões singulares provenientes da própria diversidade da prática.

2.2. “[...] porque o Responso é feito para o Santo Antônio, né...”⁵⁰

*Se milagres desejais
Contra males e o demônio
Recorrei a Santo Antônio
E não falhareis jamais⁵¹.*

⁵⁰ Vera Marta Dias da Silva (29/01/2023).

⁵¹ Trecho da oração do Responso ou Responsório de Santo Antônio que consta no livro de orações de Terezinha Araujo.

A religiosidade, e também a espiritualidade, são elementos fundamentais na prática do Responso. Xavier (2006, p. 183) diz que sob o termo religião se fazia referência a muitos fatores, como “ao sobrenatural (supernatural), ao institucional, à crença, ao ritual, à experiência religiosa, à ética, ao temperamento religioso e outros”. No entanto, nas produções científicas mais recentes os termos mais utilizados são religiosidade e espiritualidade, onde:

“Religiosidade” tende a denotar um sentido mais estrito, vinculado à religião institucional; e “espiritualidade” tende a ser diferenciada de religião em função de um sentido (ou conotação) mais individual ou subjetivo de experiência do sagrado (XAVIER, 2006, p. 183).

Assim, dentro de suas respectivas religiões, a religiosidade vivida por cada um e a espiritualidade, muito pessoal de cada indivíduo, delineiam o modo como cada responsador irá realizar seu ritual. Elas também definem os elementos materiais que se fazem necessários no momento da prática, guiam o pensamento e os dizeres de cada responsador e têm relação direta com a entidade com a qual o responsador se comunica/faz a interlocução. Dentro desse contexto religioso, tem destaque a figura de um santo: não é possível falar de Responso sem falar em Santo Antônio.

O culto e devoção aos santos configura a maior expressão da religiosidade no catolicismo popular⁵² (MESQUITA, 2015) e Gonçalves (2004) fala que:

Na religiosidade popular do brasileiro o culto aos santos ocupa lugar central, revelando a dimensão histórica que é encarnada na fé. O Santo torna a divindade mais próxima do povo, como fiel intercessor e eficiente protetor das agruras da vida. Há uma relação direta e pessoal entre o devoto e seu santo. Ele está a seu alcance imediato – na imagem, no santuário [...] (GONÇALVES, 2004, p. 6).

Essa relação direta entre devoto e santo é exemplificada no momento do Responso, onde o responsador faz sua oração e pedido de intervenção, neste caso, ao Santo Antônio. “A comunicação entre homens e santos na religiosidade popular, acontece principalmente, quando os primeiros buscam os segundos com a esperança de que seus problemas sejam resolvidos” (SILVA, 2018, p. 16), como ocorre no Responso, onde Santo Antônio é convocado para auxiliar no

⁵² Pensada como manifestação religiosa vinculada às crenças e práticas cristãs, mas realizada de forma mais ou menos autônoma em relação ao espaço institucional católico (DE SOUZA, 2008, p.127).

encontro de algo perdido. Brandão (1986, p. 153 *apud* SILVA, 2018, p. 15-16) aponta que o contato entre santo e devoto é uma característica marcante da religiosidade popular e que “Longe da interferência de representantes da igreja, os devotos criam e recriam as suas próprias maneiras de se comunicarem com os santos, apresentando uma autonomia relativa da lógica e da prática da religião [...]”. Tal autonomia também é visível na prática do Responso, visto que cada responsador tem sua própria maneira de realizar o ritual, se comunicar com o santo e fazer a oração/prece/pedido.

Santo Antônio nasceu em Lisboa em 15 de agosto do ano de 1195 com o nome de Fernando, e faleceu em Pádua, aos 36 anos no dia 13 de junho de 1231 (VAINFAS, 2003). Por isso, Karnal e Fernandes (2017, p. 95) dizem que “Lisboa e Pádua guardam sua glória”, no entanto, foi o Congo que sediou o expressivo movimento que teve Santo Antônio como entidade máxima invocada⁵³.

No ano seguinte à sua morte, Frei Antônio, como era então chamado, foi canonizado pelo papa Gregório IX, tornando-se Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua. Ele ingressou primeiro na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho e depois na Ordem dos Frades Menores, franciscana. Foi um ferrenho defensor do cristianismo e lecionou teologia em duas ocasiões, era assim, um pregador e professor da fé cristã. Inclusive, por ter sido um notório pregador, sua língua foi preservada⁵⁴.

Mott (1997, p. 186) diz que “De todos os santos da corte celeste, o lusitano Santo Antônio (Lisboa, 1195 - Pádua, 1231) foi - e continua sendo! - o campeão da devoção popular em toda a cristandade [...]”. Segundo Vainfas (2003), a devoção a Santo Antônio é muito forte no catolicismo português e brasileiro, de forma que o santo dá nome a diversas localidades e estabelecimentos nos dois países, foi patrono de inúmeros hospícios, hospitais e conventos e teve centenas de imagens fabricadas. No entanto, o culto a Santo Antônio não é exclusivo da religião católica e nem chegou ao Brasil unicamente através da colonização

⁵³ O movimento Antoniano será abordado no item 2.2.1.

⁵⁴ Após a canonização, foi construída uma basílica em sua homenagem. Quando ficou pronta, em 1263, o corpo de Santo Antônio foi transferido para este novo local. Diz-se que ao exumarem o corpo, perceberam que a língua estava incorrupta. “São Boaventura, hagiógrafo-mor da ordem franciscana, escreveu que isso era a prova miraculosa do dom da pregação de Antônio” (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 100).

portuguesa⁵⁵. Durante o período colonial brasileiro, Santo Antônio tornou-se "o mais popular orago de todos os extratos sociais" (MOTT, 1996, p.111), como dito por Vainfas (2003, p.28) "foi o mais português de todos os santos e, um pouco por causa disso, foi também o mais brasileiro deles". Além da virtude de casamenteiro no âmbito do catolicismo popular e de seu imenso poder de recuperar coisas perdidas, Santo Antônio possui fama de taumaturgo, tendo registrado oficialmente em sua biografia mais de 50 milagres, o que o levou a ser canonizado por Roma menos de um ano após sua morte (MOTT, 2015). Ele também ganhou grande popularidade pela sua obstinação no combate ao islamismo, que lhe rendeu o título de "Martelo das Heresias", e ficou conhecido como santo guerreiro por defender a América portuguesa das invasões francesas e holandesas. Vainfas (2003, p. 30) aponta que a fama de santo casamenteiro pode decorrer do poder de encontrar coisas perdidas, pois "entre o perdido e o desejado a fronteira é sempre muito tênue". Por ser um religioso que exercia função de professor e missionário, que pregava com seriedade, e também por ter ficado conhecido como poderoso taumaturgo, Karnal e Fernandes (2017) dizem que:

De alguma forma muito especial, o franciscano é a perfeita intersecção entre o saber teológico e a prática popular. Um signo aberto, uma luz entre dois mundos. É tanto uma entidade palatável para quem procura algo de forma mágica como um caminho para quem procura algo por meio da reflexão filosófica ou racional (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 95-96).

Sobre os relatos que atribuem a Santo Antônio o poder de encontrar coisas perdidas, Vainfas informa que:

São Boaventura⁵⁶, também franciscano, destacara Santo Antônio, ainda na Idade Média, como *membra resque perditas* e Antônio Vieira o chamaria de santo "deparador", palavra hoje em desuso, que no

⁵⁵Será apresentado no item 2.2.1 como o culto a Santo Antônio esteve presente em Portugal África Centro-Occidental e Brasil.

⁵⁶ É atribuída a São Boaventura, principal doutor franciscano, a autoria da oração do "Responso de Santo Antônio", cuja primeira versão consta em Mott (1996, p. 114-5):

*Se milagres desejais, recorrei a santo Antônio,
Vereis fugir o demônio e as tentações infernais.
Recupera-se o perdido, rompe-se a dura prisão,
E no auge do furacão, cede o mar embravecido.
Pela sua intercessão, foge a peste, o erro, a morte,
O fraco se torna forte, e torna-se o enfermo são.
Todos os males humanos se moderam, se retiram,
Diga-no aqueles que o viram e digam-no os paduanos.*

século XVII significava aquele que *depara*, que encontra o perdido (VAINFAS, 2003, p.30-1).

Mott (1996) fala que a explicação para Santo Antônio ser tão ilustre e adorado é que ele foi agraciado por Deus com a “missão assaz populista de ser o geral refúgio das tribulações e advogado das causas e coisas perdidas”. Como dito pelo padre Antônio Vieira⁵⁷: “God, as the author of all things, is the one who gives them; and when these things are lost, Saint Anthony, as the finder, is the one who recovers them”⁵⁸ (SLENES, 2008, p. 217), e como perder coisas ou esquecer onde as deixamos é parte do cotidiano, lembrar de Santo Antônio é uma ação frequente. Mott (1996) retoma ainda a história da reputação de Santo Antônio como aquele que encontra objetos perdidos, que teve sua origem:

[...] num dos primeiros milagres realizados pelo beato quando ainda vivia em Pádua, ocasião em que um noviço fugira de seu convento levando um precioso saltério. Por intercessão do zeloso professor de teologia, o próprio Diabo apareceu em figura quando o fradinho fujão atravessava uma ponte, obrigando-o a voltar para a comunidade religiosa, recuperando-se assim não apenas o precioso pergaminho, como a alma do arrependido ladrão sacro (MOTT, 1996, p.114).

Foi registrado por frei Braz Luiz de Abreu, em 1725, alguns relatos de milagres de recuperação de objetos perdidos realizados por Santo Antônio, como anéis dos bispos de Pádua e de Córdoba e papéis do bispo Ambrósio Catharino (MOTT, 1996). Considerando todos os poderes e famas de Santo Antônio, em um sermão no ano de 1663 em São Luiz do Maranhão, o Padre Antônio Vieira demonstrava o porquê de Santo Antônio ser chamado por ele de “santo universal”:

Se vos adocece um filho, Santo Antônio! Se vos foge o escravo, Santo Antônio! Se requereis um despacho, Santo Antônio! Se aguardais a sentença, Santo Antônio! Se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo Antônio! E talvez se quereis os bens alheios, Santo Antônio! (MOTT, 1996, p. 111).

Vainfas (2003) fala ainda sobre a relação dos fiéis com o santo durante o período colonial brasileiro a partir da documentação inquisitorial, onde foram encontrados registros de blasfêmias e ofensas, principalmente, por parte de quem perdia coisas e não as encontrava. Tais ofensas não significavam

⁵⁷“Antônio Vieira (1608-97), lisboeta que veio ao Brasil ainda menino e aqui se formou, no colégio inaciano da Bahia, tornando-se o mais importante jesuíta da história luso-brasileira” (VAINFAS, 2003, p. 34).

⁵⁸ “Deus, como autor de todas as coisas, é quem as dá; e quando estas coisas se perdem, Santo Antônio, como o descobridor, é quem as recupera”. Tradução livre da autora.

descrédito ou menosprezo ao santo, e sim, indicavam sua forte presença no cotidiano e o quanto se recorria a ele, como explica o autor:

As injúrias contra Santo Antônio não devem, porém, sugerir o desprestígio do “Advogado das Causas Perdidas” entre os colonos. Pelo contrário, indicam a força de sua presença no cotidiano e o quanto se acreditava que dele dependia ou devia depender a resolução das mazelas diárias. Prevalencia sobre todas as evocações ou imprecações a questão da perda e a expectativa de recuperação de coisas perdidas (VAINFAS, 2003, p.31).

Foi registrado pela Inquisição de Lisboa, no ano de 1694, um caso no qual uma mulher chamada Ana Martins foi acusada de feitiçaria “por usar mal das artes divinatórias, ela sim, inculpada de envolver diretamente Santo Antônio em suas orações fortes”. Segue abaixo a oração utilizada por Ana Martins:

Milagroso santo Antônio, pelo cordão que cingiste,
pelo breviário que rezaste, pela cruz que levaste
vos peço santo Antônio, façais aparecer
(o que se furtou, perdeu ou fugiu) (MOTT, 1997, p. 127).

Esse registro inquisitorial demonstra que a prática do Responso tal qual existe em Mostardas atualmente, tem raízes bastante remotas. A oração acima é mais concisa do que a versão comumente utilizada na atualidade, mas a finalidade segue a mesma. Ana Martins foi acusada de feitiçaria devido a fazer uso de artes divinatórias, envolvendo Santo Antônio nas chamadas orações fortes. Como apontado no subcapítulo anterior e conforme será melhor discutido no subcapítulo 2.5, alguns responsadores, juntamente com a oração do Responso ou Responsório de Santo Antônio, possuem uma visão na hora de responsar, a qual também me refiro como dom divinatório. Desse modo, o registro inquisitorial registrado em 1694 e encontrado por Mott (1997) é muito importante nesta pesquisa, pois é o primeiro registro da prática do Responso, como conhecida em Mostardas, a que tenho acesso.

Mott (2012) também reúne casos referentes à prática de adivinhação, cura e/ou rituais e cerimônias religiosas praticados por nativos do Reino de Angola, Congo e nações próximas, tanto em território africano quanto na diáspora negra em Portugal e no Novo Mundo, encontrados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Um dos casos que pode ter relação com a prática de responsar, data de 1781 e tem como protagonista Antônio Angola, em Lavras/MG:

Na Freguesia de Campanha há um preto angola, Antônio, que cura feitiços, adivinha por espelho que *trás* consigo e *trás* também uma cruz”; se apresenta como “Antônio Calundu” e adivinhou onde estava uma espingarda roubada, e estava assim concorrendo gente bastante para consultar o tal adivinhador e curador (MOTT, 2012, p.97).

No âmbito desta pesquisa, dizer que alguém adivinhou onde estava algo roubado, se aproxima muito da prática de responsar. Contudo, não é possível afirmar que se trata da mesma prática ou mesmo parecida, pela falta de detalhes e mais informações. Outros negros de Angola são descritos nos documentos como curandeiros e adivinhadores, e são feitas algumas referências à Santo Antônio, sem, no entanto, o relacionar diretamente com a adivinhação. Tais casos, permitem pensar uma aproximação entre as práticas levantadas por Mott (2012) e a prática do Responso que existe atualmente em Mostardas e em outros locais, havendo a possibilidade de que tanto a religiosidade e como as práticas angolanas de cura e adivinhação tenham certa influência sobre a prática de responsar.

A grande devoção à Santo Antônio, iniciada ainda na Idade Média, se mantém firme até o presente e, embora seja mais comum vermos a figura do santo atrelada à sua versão casamenteira, em Mostardas essa face do santo é pouco lembrada. Pois, sobressai a sua função de agir em favor do encontro de bens perdidos através da tradição do Responso, que sobrevive fortemente em determinados locais, como em Mostardas. Dentre os responsadores entrevistados, apenas Nilo Chaves não se dirige a Santo Antônio na hora de responsar, ou a qualquer outro santo, ele diz que o Responso dele é “uma revelação de Deus”. Assim, Nilo faz uma oração, ou seja, uma prece, ele ora se direcionando à Deus, que o “revela” o que ocorreu com o bem responsado. As demais responsadoras tanto as católicas quanto as umbandistas, têm suas práticas pautadas na já referida oração ao santo.

Segundo as responsadoras entrevistadas, é a ação de Santo Antônio que leva ao sucesso do Responso. Terezinha Araujo diz: “essa oração aqui como a gente faz uma outra oração, só que a gente faz acreditando, né, pedindo a Santo Antônio que ele devolva o que *tá* perdido”. Vera Marta diz que ainda fica “admirada” com a precisão das visões, ela narrou um episódio no qual foi procurada para responsar uma pasta de documentos. No Responso, ela viu que

a pasta estava dentro de casa, na cozinha, então ela pensou: “mas será? será que é minha imaginação, que que é? Será que Santo Antônio tá tocando assim tanto que tá mostrando onde que tá?” e respondeu novamente, a visão então, foi ainda mais precisa: na cozinha, em cima de um balcão. Assim, quando aquela pessoa que procura o Responso encontra o que está perdido, é devido à oração e à fé dos responsadores, que leva à ação milagrosa do santo. Por isso, normalmente, os responsadores pedem que as pessoas, ao encontrar o objeto responsado, os avisem para que possam fazer os agradecimentos ao santo.

O culto a Santo Antônio e o Responso podem ser pensados como exemplo do hibridismo religioso brasileiro, como explica Ferretti (2014):

O sincretismo e o hibridismo ocupam posição central na estrutura religiosa e em diversos aspectos das culturas populares no Brasil. A problemática do encontro e da mistura entre religiões e culturas está relacionada com as religiões de origens africanas, com o catolicismo popular, com o espiritismo, com as religiões da Nova Era, com os Pentecostais e com outras religiões, como também com as festas populares, como é muito evidente entre nós (FERRETTI, 2014, p. 25).

Além do Responso circular entre as variadas religiões que coexistem em Mostardas, tendo responsadores mapeados de três religiões distintas - Católica, Umbanda, Evangélica -, a própria religião católica no Brasil é híbrida, reunindo elementos de diferentes culturas. Segundo Teixeira (2005, p. 16), o catolicismo brasileiro é complexo, pois é “um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil”. O Responso em Mostardas possui mais representantes entre os católicos, e, como afirmado por Teixeira (2005), trata-se de um grupo plural. Assim, mesmo entre os católicos, existem muitas diferenças no modo de fazer, de rezar e de pensar os elementos da prática como a fé e o dom. Desse modo, “Não dá para situar o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade. Na verdade, existem muitos ‘estilos culturais de ‘ser católico’” [...] (TEIXEIRA, 2005, p. 17). No contexto desta pesquisa, e isso ficará mais evidente no item 2.2.1, é importante pensar no catolicismo negro, ou cristianismo africano, como nomeia John Thornton (VAINFAS; SOUZA, 1998). Nascido do encontro da religião católica europeia e da religião tradicional africana praticada na região de Congo e Angola, e de seus sacerdotes e seguidores, essa nova categoria “aceita várias revelações cristãs e combina de forma dinâmica as diferentes cosmologias”

(VAINFAS; SOUZA, 1998, p. 16). Assim, aqueles vindos dessa região para o Brasil em decorrência da escravidão, trouxeram consigo sua fé híbrida, ao mesmo tempo banto e católica, o que, certamente, teve sua parcela de influência na religiosidade católica brasileira.

Santo Antônio, de acordo com Vainfas (2003), foi associado ao principal movimento indígena da Bahia do século XVI, denominado Santidade de Jaguaripe. Liderado pelo indígena Tupi Antônio, catequizado pelos jesuítas no aldeamento de Tinharé, em Ilhéus, o movimento “promoveu a mescla católico-tupinambá tecida nos ritos e cultos da seita” (VAINFAS, 2003, p. 32). O autor pontua que os registros a respeito da presença de Santo Antônio na santidade quinhentista são indiretos, ao passo que nos cultos afro-brasileiros existem fontes inquisitoriais, principalmente do século XVIII. Santo Antônio aparece “em alguns registros dos chamados *calundus*⁵⁹ de origem banto, bem como no *acotudá*, em Minas Gerais” (Ibidem) e o santo “talvez seja o principal santo da umbanda atualmente praticada no Rio de Janeiro, porque está associado aos exus, intermediários entre os orixás e o mundo terreno” (Ibidem). Desse modo, fica evidenciado que a figura de Santo Antônio foi assimilada e cultuada “por cultos sincréticos de matriz não predominantemente católica” (Ibidem). Cabe salientar que, apesar do significativo papel de Santo Antônio na religiosidade afro-brasileira, e da forte devoção entre a população negra e escravizada, durante o Brasil Colonial, ele era requisitado para auxiliar os capitães do mato a encontrar escravizados fugidos e a localização de quilombos, sendo chamado por Mott (1996) de “divino capitão do mato”.

O prestígio de Santo Antônio não se limita ao catolicismo. Irma Lemos e Jurema Lima, responsadoras umbandistas entrevistadas, confirmam a importância do santo, sendo a oração para ele a principal nos seus rituais de Responso, seguido de orações à São Longuinho e São Lázaro. Elas não explicaram o papel de São Lázaro no Responso, mas o outro santo para quem

⁵⁹ [...] nos meados do século XVII, que começa a aparecer o termo “calundu” e “batuque” como sinônimo de ritual religioso afro-brasileiro, incluindo genericamente além das cerimônias de Angola, as práticas divinatórias, curativas e cerimoniais das demais nações africanas (MOTT, 2012, p. 101)

elas fazem oração durante o ritual é o conhecido São Longuinho⁶⁰. A ele se costuma recorrer para que ajude a encontrar os objetos perdidos e, como manda a tradição, em agradecimento, deve-se dar três pulinhos: o dizer popular direcionado à São Longuinho diz: “São Longuinho, São Longuinho, se eu achar (o que foi perdido), eu dou três pulinhos”. Apesar de encontrarmos na cultura popular a lenda de que São Longuinho seria manco e, por isso, ofereciam a ele os três pulinhos, a explicação mais aceita pela Igreja é que os pulinhos remetem à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo⁶¹.

Para além das orações, há no Responso algumas particularidades que refletem esse universo dos santos e da busca pelo objeto/animal perdido. Por ser uma prática muito presente na cultura local, eu mesma já mandei responsar vários objetos e tive experiências que demonstram tais casos. Certa vez fui até a Tia Irma pedir que responsasse um documento do carro que estava sumido e que minha mãe procurava já há algum tempo sem sucesso. Após responsar, ela falou para que procurássemos apenas no outro dia, para “dar tempo de o Santo Antônio agir”. Há episódios em que o responsador, após a visão, pediu para que o indivíduo procurasse o objeto em um lugar onde já havia sido procurado anteriormente, mas após o responso o objeto foi encontrado, ou quando o objeto aparece em um lugar realmente improvável, sem sentido para quem manda responsar. Entre os relatos compartilhados no formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”, alguns ilustram situações semelhantes a essas:

Não moro em Mostardas, porém consegui o contato de dois responsadores através da Sabrina. Liguei primeiro para o senhor Nilo que me disse que o objeto estava dentro de casa e que eu continuasse a procurar. Em seguida liguei para outra responsadora, a dona Terê, para ver se tinha uma resposta mais precisa, porém ela me disse apenas que iria "responsar" o objeto. Menos de meia hora depois o objeto que eu estava procurando há uma semana, apareceu num canto da casa onde eu já havia procurado antes.⁶²

⁶⁰De acordo com o padre Sidnei Amorim, pároco da Igreja de Nossa Senhora da Freguesia da Escada, em Guararema/SP, onde fica exposta a única imagem de São Longuinho que se tem registro no País, o santo era um soldado de baixa estatura e cego. Sua função nas festas era ficar debaixo das mesas procurando os objetos perdidos de quem frequentava os jantares oferecidos pelo Império Romano (BARBOSA, 2017). Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2017/03/devotos-mantem-tradicao-de-oracao-e-pedidos-para-sao-longuinho.html>> acesso em: 15/06/2022.

⁶¹ ibidem.

⁶² Resposta do Depoente 139 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 17/03/2022.

Uma vez perdi uma carteira e não achava em lugar nenhum... achei que tinha perdido no parcão talvez. Pedi pro meu pai mandar responsar com alguém. Falaram pra ele não se preocupar que ia aparecer. Alguns dias depois abri meu roupeiro e simplesmente estava ali bem visível. Até hoje não entendi.⁶³

Mandei responsar um documento perdido, que já havia procurado bastante e não encontrado. Através do responso do Sr Nilo Chaves e, através de suas dicas, encontrei facilmente e em um lugar que já havia procurado antes e não localizado.⁶⁴

Perdi minha carteira com todos os documentos, mandei responsar e o tio Nilo me falou que estava dentro de casa, mas eu já havia revirado tudo. Até que no dia seguinte achei dentro do armário das comidas dentro de uma sacola. Detalhe eu não tinha ido no mercado.⁶⁵

A responsadora Jurema fala que quando se trata de algo furtado “bate na consciência, o próprio santo faz se sentir mal e acabar devolvendo”. Vera Marta também enfatiza essa questão, conforme compartilhado no 2.1. Esse aspecto é, realmente, muito comum ouvir em Mostardas: que quando algo roubado é responsado, aquele que roubou fica com a consciência pesada e acaba devolvendo, se fala até mesmo em “maldição do Responso”, como citado em uma resposta do formulário:

Certa vez, na escola onde trabalhei, após ouvirem eu dizer que havia pedido o Responso do sumiço do molho de chaves da escola o "gatuno" devolveu com medo de maldição que acontece com quem possui o objeto responsado⁶⁶.

Jurema também fala sobre a ação dos santos em relação ao Responso de animais:

[...] se o bichinho *tiver* preso em algum lugar, se for algum animal que tá preso, ou o santo consegue fazer o animal se soltar ou bate a consciência na pessoa também e entrega. O responso serve pra isso, por isso que a gente pede clemência a ele, né (Jurema Maria da Silva Lima, 21/12/2021).

Assim, além de auxiliarem a encontrar os objetos perdidos, também é atribuída a Santo Antônio, a tarefa de agir nos casos de furto, bem como de auxiliar os animais em situação de aprisionamento.

⁶³ Resposta do Depoente 160 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 24/03/2022.

⁶⁴ Resposta do Depoente 151 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 19/03/2022.

⁶⁵ Resposta do Depoente 66 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

⁶⁶ Resposta do Depoente 172 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 30/04/2022.

Nilo Chaves afirma que ora e Deus mostra o que está perdido, “mas é só eu com Deus, não tem mais nada”. Assim, ele demonstra que não utiliza a oração de Santo Antônio e não se dirige a nenhuma figura além de Deus na hora de responder. Ainda assim, muitas pessoas que o procuram têm fé no santo e como não sabem como Nilo faz o Responso, pois ninguém pergunta sobre isso, o sucesso do Responso é atribuído também ao santo nesses casos. Esse é o caso da minha avó materna, que era muito devota de Santo Antônio e confiava muito no Responso do Tio Nilo, e sempre pedia para ele responder, principalmente animais que sumiam da chácara. Assim, quando os animais apareciam ou eram encontrados, ela, além de agradecer ao tio Nilo, fazia seus agradecimentos ao santo.

A grande maioria das pessoas procura responsáveis, mas também há muitos casos de pessoas que, por terem muita fé em Santo Antônio, fazem elas próprias a oração, ou seja, respondem para si mesmas, e às vezes para familiares, e relatam obter sucesso. Interpreto que a diferença destas pessoas para os responsáveis mais reconhecidos/relembrados, é que não possuem a visão, mas após a oração, costumam encontrar o que foi perdido. Nesse caso, a presença de pessoas em Mostardas que fazem “o seu próprio responso” através da oração, também pode ser compreendida como resultado de uma herança cultural no município, bem como a tradição local da fé no santo e crença em seus milagres. No formulário, algumas respostas demonstram essa parcela da comunidade adepta:

Muitas vezes eu mesmo faço a oração do Responso de Santo Antônio e, aguardo pacientemente, pois logo consigo notícias ou encontro o que procuro. E, quando estou passando por turbulência na vida, repito o refrão: "Cede o Mar embravecido."⁶⁷

Tenho muita fé em Sto Antônio, às vezes só clamando por sua intercessão, tenho meu pedido atendido.⁶⁸

Eu mesma faço o responso de Santo Antônio.⁶⁹

⁶⁷ Resposta do Depoente 172 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 30/04/2022.

⁶⁸ Resposta do Depoente 103 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 16/03/2022.

⁶⁹ Resposta do Depoente 126 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 16/03/2022

Hilma também relata ter muita fé em Santo Antônio e conta um caso no qual recorreu a ele para ajudá-la a encontrar o celular que havia perdido:

Hilma: Santo Antônio é o que se convoca pra causas perdidas né. Eu nas minhas orações mesmo que eu faço assim, qualquer coisa de casa mesmo, uma chave, qualquer coisa que eu perco, [...] no terreiro mesmo, eu invoco e peço pra Santo Antônio me mostrar, me levar onde tá o que eu perdi. [...] esses tempos até meu celular eu deixei e eu não sabia onde tinha perdido, eu saí e deixei cair no campo e aí eu pedi pra Santo Antônio me levar onde ele tava, porque não sabia onde tinha largado ele, né. E aí eu saí e encontrei ele. Então eu tenho muita fé.

Sabrina: onde tava?

Hilma: tava no potreiro, eu larguei ele e saí pro campo com os animais e deixei, né, e depois eu cheguei e não lembrava onde tinha deixado. Aí procurei dentro de casa, procurei no terreiro, não achei. Aí me lembrei de pedir pra Santo Antônio: “me leve onde está, me guie onde está o meu celular que eu preciso tanto”, né, precisando dele. Aí eu saí “mas onde é que eu andei”, fui indo, não sabia se tinha largado ou tinha perdido né, se tinha caído. Aí eu fui e encontrei, tava molhadinho de sereno. Até passei a noite sem ele e no outro dia de manhã saí. Passei a noite preocupada né, aí de noite pensei, pensei tanto e fiz minha oração pra Santo Antônio e de manhã saí, aí fui caminhando e fui direto onde ele tava, molhadinho de sereno encontrei ele funcionando normalmente (Hilma Rosa Kenne Machado, 30/04/2018).

Observo que a fé em Santo Antônio e a crença em seus milagres também são transmitidas através das gerações, afinal a prática depende dessa fé e essa fé dá sentido ao Responso. De acordo com Silva

A transmissão das devoções é um ponto importante, visto que as promessas e a crença nos milagres são, em muitos casos, repassadas ao longo das gerações, alimentadas, afirmadas e reelaboradas pelo trabalho da memória [...] (SILVA, 2018, p 16).

A tradição católica tem grande influência em Mostardas, assim, faz sentido o fato de que a maioria dos responsáveis sejam católicos e façam o Responso da maneira mais convencional: a partir da oração à Santo Antônio. Através das entrevistas percebe-se que a oração para Santo Antônio é um dos elementos principais da prática do Responso em Mostardas, utilizada não só pelos católicos, como também pelas responsáveis umbandistas. Apenas o responsável Nilo Chaves, evangélico, não faz uso de nenhuma oração ou qualquer outro elemento para responder além da prece direcionada a Deus.

De todo modo, é notável a influência da religiosidade no ofício do Responso, esse elemento é norteador das práticas dos responsáveis e, a religião, além disso, constitui um fator determinante nos universos de significado da vida de cada responsável e das pessoas em geral adeptas à prática. Trago como exemplo, Silamar, que enquanto católica, tem Terezinha como referência

de responsadora e diz que provavelmente não confiaria tanto no Responso de alguém de outra religião:

Então, assim, não tem outra referência de pessoa de Responso, a não ser ela. [...] É ela. E eu talvez eu tenha muita fé na fé dela, né. [...] acho que nem pediria pro tio Nilo responsar porque eu acho que não ia acreditar. Não é não acreditar, acho que eu não ia ter fé na fé dele (Silamar Antiqueira da Silva, 27/12/2022).

Este trecho demonstra que os adeptos escolhem um ou outro responsador fortemente baseados na sua religião, que os leva a “acreditar mais” em uns do que em outros. Assim, um último ponto a ser abordado aqui é o quanto a religiosidade determina a identificação e reconhecimento dos responsadores pela comunidade. Irma e Jurema revelam que muitos católicos as procuram, ainda que, às vezes, escondidos, por não quererem ser vistos “na casa de um batuqueiro”, demonstrando que ainda há muito preconceito com a religião umbanda e religiões de matriz africana e afro-brasileira. Esse preconceito existe, geralmente, em todo lugar, mas se torna mais perceptível em localidades com população reduzida e declaradamente de maioria católica, como Mostardas. Mas, também acontece de pessoas católicas optarem pela procura de responsadoras também católicas pela questão da identificação religiosa, como é possível identificar através do formulário e entrevistas.

Conforme aqui exposto, o contexto religioso é determinante na prática do Responso e a oração a Santo Antônio é um dos mais importantes e basilares elementos para a prática em Mostardas. Entretanto, como reiteram as narrativas dos responsadores, o dom, a fé no Responso, no Santo, em Deus e no próprio responsador são igualmente importantes para a prática, sobretudo para a localização do bem perdido.

2.2.1 “Eu acho que são duas culturas que mais ou menos se *uniu*”⁷⁰

Santo Antônio de Pádua ou de Lisboa, sem deixar de ser Santo Antônio do Congo
(VAINFAS; SOUZA, 1998, p. 18).

Márcio Carneiro proferiu a frase que intitula este item ao refletir sobre a origem do Responso, se referindo às culturas negra e portuguesa em Mostardas.

⁷⁰ Márcio da Costa Carneiro (27/12/2022).

Mas, na verdade, ela pode ser usada para representar um contexto muito maior: o de apropriação do catolicismo português pelos africanos bacongos⁷¹. Mais especificamente, no que diz respeito à devoção a Santo Antônio. Partindo de Souza (2001), Vainfas e Souza (1998), Slenes (1992, 2008) e Thornton (1998), trago neste espaço um pouco sobre o processo de catolização ocorrido na África Centro-Occidental, representado fortemente pelo movimento Antoniano.

Souza (2001) analisa estatuetas de Santo Antônio encontradas na região do Vale do Paraíba/SP, esculpidas em nó-de-pinho por escravizados e utilizadas por eles para fins religiosos, principalmente no século XIX. Robert Slenes identificou semelhanças entre as estatuetas brasileiras e os *minkisi* africanos - designação local corrente para objetos utilizados nos cultos religiosos:

Frutos dos processos de constituição de novas formas culturais, a partir da diáspora imposta pelos europeus, esses santinhos, que mediam entre 3 e 15 centímetros, são testemunhos da forma particular como o cristianismo, imposto junto com a escravização, foi incorporado por determinados grupos de africanos e afrodescendentes (SOUZA, 2001, p. 172).

A chegada dos portugueses à região do baixo Rio Zaire se deu no final do século XV, e o catolicismo introduzido por eles foi de certa forma, incorporado à religião tradicional dos povos da África Centro-Occidental. Ocorreu que os sacerdotes e missionários portugueses se referiam às cruzes, santos e ostensórios cristãos como *minkisi*, ignorando as diferenças de significados e propondo equivalência entre os universos religiosos bacongo e português. Segundo Slenes (1992), os africanos bacongo reinterpretaram, a partir de sua cultura original, símbolos e objetos rituais estrangeiros, como imagens de Santo Antônio. Havia também catequistas nativos, que foram discípulos dos missionários e receberam a tarefa de transmitir o que haviam assimilado, facilitando o processo (SOUZA, 2001).

Vainfas e Souza (1998) apontam que o catolicismo que se desenvolveu na região do Congo não foi capaz de destruir por completo as tradições religiosas locais, resultando na composição de um complexo religioso original, híbrido, a um só tempo católico e banto. Como defende Thornton (1984 *apud* SLENES,

⁷¹ Bacongo é o nome pelo qual a antropologia e história têm identificado os povos habitantes de regiões dos atuais Congo e Angola (SOUZA, 2001, p. 173). Os bacongo fazem parte da etnia banto (VAINFAS; SOUZA, 1998 p. 2).

2008), existia no Congo do século XVIII um cristianismo “naturalizado” e profundamente enraizado, reinterpretado dentro da matriz da religião autóctone. A maior manifestação desse catolicismo congolês foi o Antonianismo, movimento liderado por Beatriz Kimpa Vita, ou Dona Beatriz, como foi batizada.

Dona Beatriz Kimpa Vita pertencia à elite congoleza e tinha entre 18 e 20 anos (aproximadamente entre 1702-1703) quando afirmou ter falecido e depois ressuscitado como Santo Antônio (VAINFAS; SOUZA, 1998), ficando conhecida como “a Santo Antônio congoleza” e dando início ao movimento Antoniano. O movimento tinha caráter político-religioso, tendo como grande objetivo reunificar o reino do Congo, naquele momento assolado por guerras civis e disputas pelo trono. Santo Antônio enquanto “restaurador” de objetos perdidos, também foi concebido como “restaurador do reino do Congo” (SLENES, 2008). Essa ideia de “restaurador” aparece em casos anteriores, como no Brasil, onde Santo Antônio foi figura essencial nas lutas dos baianos e pernambucanos contra os holandeses, de 1624 a 1654 (VAINFAS, 2003). Em sermão pregado na Bahia, em 1638, o padre jesuíta Antônio Vieira, que produziu nove sermões inteiramente dedicados a Santo Antônio⁷², salientou a ação do santo na defesa da Bahia, indicando inclusive em quais momentos da batalha houve sua intervenção. Vieira acreditava que a defesa da Bahia fora obra de Santo Antônio e que o santo também “haveria de resgatar Pernambuco das mãos dos hereges que a dominavam” (VAINFAS, 2003, p. 35). Assim,

Santo Antônio afirmar-se-ia progressivamente como o santo da Restauração portuguesa, quer na linguagem da corte e do Estado, quer no imaginário popular [...]. De santo “deparador” de coisas perdidas na miudeza do cotidiano, Santo Antônio seria elevado a “deparador” da soberania portuguesa. Recuperador e conservador das conquistas e reconquistas (VAINFAS, 2003, p. 36).

A face militar de Santo Antônio chegou a outros lugares, e uma hipótese levantada por Slenes (1999) e Vainfas (2003) é a de que os sermões do padre Antônio Vieira tenham influenciado o movimento antoniano congolês.

Destaca-se no Antonianismo, a reelaboração da oração “Salve Regina⁷³” feita por Kimpa Vita, que se tornou “Salve Antoniana”. Na oração, Kimpa Vita

⁷² Cinco pregados no Brasil, sendo um na Bahia e quatro em São Luís – e os demais na Europa, um em Lisboa, três em Roma (VAINFAS, 2003, p. 34).

⁷³ Em latim. No português “Salve Rainha”.

coloca Santo Antônio acima dos anjos e da Virgem Maria, o reconhecendo como “Segundo Deus”. Vainfas e Souza (1998, p. 11-12) afirmam que o Deus antoniano era o Deus cristão e Santo Antônio foi chamado por Kimpa Vita de “segundo Deus”. Demonstrando a africanização do catolicismo, Kimpa Vita dizia que Jesus Cristo nascera em São Salvador “a verdadeira Belém, e recebera o batismo em Nsundi, a verdadeira Nazareth” e que Maria era negra, “filha de uma escrava ou criada do Marquês de Nzimba Npanghi”. “O catolicismo do movimento antoniano era, portanto, muitíssimo original, implicando uma leitura banto ou bakongo da mensagem cristã” (VAINFAS; SOUZA, 1998, p. 12).

As promessas de Kimpa Vita aos seguidores do Antonianismo, além da reunificação do Congo que estabeleceria a paz, eram de uma próxima “idade do ouro” para além do sentido figurado, dizendo que as raízes de árvores derrubadas virariam ouro e prata e que minas de pedras preciosas surgiram das ruínas das cidades. Ela também prometia fertilidade para as mulheres estéreis “e outras mil bem-aventuranças, granjeando imenso apoio popular” (VAINFAS; SOUZA; 1998, p. 12). Ela organizou uma verdadeira igreja antoniana,

um clero, onde pontificavam outros santos, como São João, e uma plêiade de sacerdotes denominada de “os antoninhos” que saíam a pregar a excelência da nova igreja e o poder taumatúrgico e apostólico “da Santo Antônio” que a chefiava (VAINFAS; SOUZA, 1998, p. 12).

As ações de Kimpa Vita despertaram a ira dos missionários capuchinhos italianos e das facções nobres que faziam oposição ao Antonianismo. Motivado pela pressão dos opositores e pela acusação de que Kimpa Vita teria tido um filho em segredo, fato que a “desmascarava” e a tornava “falsa Santo Antônio”, D. Pedro IV, reprimiu o movimento, ordenando a prisão de Kimpa Vita e de seu suposto amante, São João, tido como seu “anjo da guarda”. A “Santo Antônio Congolesa” e seu “anjo da guarda” foram condenados à fogueira como hereges do catolicismo e a sentença foi executada em 1708 (VAINFAS; SOUZA, 1998).

Encontrar a bibliografia referente à existência do culto à Santo Antônio na região do Congo e Angola, dentro do contexto de apropriação de elementos católicos portugueses pelos africanos baongo ainda no século XV, propõe a reanálise da hipótese inicial desta pesquisa. Souza (2002, p. 21) diz que o pesquisador Robert Slenes tem se aprofundado no estudo dos povos bantos da África Centro-Occidental, atentando para o fato “de que muitos escravos que de

lá vieram já tinham incorporado elementos de um catolicismo africano, termo cunhado por John Thornton”. Desse modo, se africanos centro-ocidentais foram catolizados no final do século XV, ou seja, antes da colonização portuguesa no Brasil, isto significa que negros vindos dessa região para serem aqui escravizados podem ter chegado em terras brasileiras já devotos de Santo Antônio, considerando todo o desdobramento da devoção a este santo no Congo e Angola. Visto que “[...] a região do Congo-Angola foi daquelas que mais forneceu africanos para o Brasil, especialmente para o sudeste” (VAINFAS; SOUZA, 1998, p. 1-2), e a região de Mostardas recebeu a maioria dos seus escravizados da região de Angola, sendo um do Congo, conforme Molet (2018). Além da devoção a Santo Antônio nessa região, os registros referentes à adivinhadores e curadores angolanos, como apontado anteriormente, também são importantes para pensar a possível influência da cultura, religiosidade e espiritualidade dos bacongos na prática do Responso.

Thornton (1998) fala que os congolezes escravizados nas Américas trouxeram consigo sua língua e sua cultura, mas, especialmente, sua fé católica. Considerando tudo isso, é possível pensar que a tradição de devoção a Santo Antônio e a própria prática do Responso em Mostardas tenha influência tanto da presença negra quanto açoriana, como cogitado na hipótese inicial. Essa fusão de aspectos culturais junto com as particularidades do local, faz do Responso em Mostardas único.

2.3. “Isso eu faço com fé, e o pessoal vem com fé, né, dá tudo certo”⁷⁴

A fé é o elemento que considero primordial para a prática do Responso, o mais básico e imprescindível, pois permeia a prática do início ao fim e perpassa todos os envolvidos. Existe a crença de que “se tu não acreditar em Responso, não adianta pedir”, pois é necessário, para o sucesso do Responso, que haja a fé tanto do responsador quando do sujeito que “mandou responsar”. Aquele que procura o Responso deve acreditar na sua eficácia, e o responsador deve fazer o Responso com fé. Alberi Araujo (20/09/2019) fala que para a realização exitosa

⁷⁴ Nilo Ferreira Chaves (21/06/2019).

do Responso, a crença é um fator determinante: “o Responso só tem que acreditar, né [...] eu acredito”. A responsadora Terezinha, durante sua entrevista, reafirma a todo momento que “tem que rezar e acreditar”, pois “tem que ser um pedido de fé”. E sobre quem busca o Responso, ela também concorda que se a pessoa pedir pra responder sem acreditar, “não adianta”. Por fim, Seu Nilo sintetiza bem essa ideia a partir da fala: “eu faço com fé, e o pessoal vem com fé, né, dá tudo certo”. Assim, pode-se falar em uma “reciprocidade da fé”.

Quando alguém “manda responder” e “dá certo”, sendo o objeto/animal encontrado, é esperado que essa pessoa recomende o Responso para outras pessoas, já que foi comprovado por ela a validade da prática. Assim, através de uma rede de transmissão, se forma um coletivo que acredita, confia e recomenda o Responso. A fé, então, parte de três esferas: do responsador, daquele que o procura e da comunidade em geral. Essa relação de fé pode ser entendida a partir do exemplo de cura xamânica, desenvolvido por Lévi-Strauss em “*A Eficácia Simbólica*” (1975). Ele explica que a cura xamânica só se realiza se o curandeiro acreditar no seu poder, se o paciente acreditar que o xamã tem poder e confiar nele e se houver um coletivo que acredite tanto no curandeiro quanto no seu poder de cura e na cura do paciente. Dessa forma acontece também com a prática do Responso, que funciona e persiste porque há as três vias que acreditam nela. Desse modo, através da tríade da fé, a eficácia simbólica da tradição do Responso se mantém na comunidade.

Em síntese, Nilo tem fé em Deus, Terezinha tem fé em Deus, nos santos e em Santo Antônio, Iolanda e Vera Marta também, e Irma e Jurema acrescentam à essa lista os orixás. É a fé nessas entidades que os possibilita fazer a interseção entre o sujeito que pede o Responso e o sagrado - representado por essas entidades - que age, levando ao sucesso do Responso, vezes fazendo com que o responsador tenha uma visão do local, ou do que ocorreu com o que está sendo respondido, vezes não. É a fé que, de acordo com os responsadores, torna possível o êxito da prática.

É recorrente ouvir da comunidade adepta que se tem muita fé na fé da responsadora ou responsador, como na fala de Silamar (27/12/2022), ao dizer que sua referência de responsadora é Terezinha Araujo: “É ela. E eu talvez eu

tenha muita fé na fé dela, né”. Assim, a fé dos responsadores é considerada maior e mais poderosa que a dos demais indivíduos.

Essa questão me leva a pensar nas responsadoras antigas, que praticavam o Responso fazendo a oração à Santo Antônio e que, segundo os relatos, não tinham a visão. Podemos questionar: por que elas eram responsadoras? Por que elas eram procuradas pela comunidade? A resposta para esta pergunta pode estar na fé. As narrativas coletadas nesta pesquisa demonstram que, mesmo sem a visão, as pessoas confiavam na fé daquelas mulheres enquanto capazes de interceder junto ao santo para que o que foi perdido fosse encontrado. A confiança na fé da responsadora era maior que na sua própria e, o Responso dando certo, ou seja, o objeto/animal sendo encontrado, se atestava que a fé da responsadora tinha efeito. A esse respeito, cabe ressaltar que cada pessoa que busca no Responso o caminho para localizar um objeto perdido tem motivações individuais e subjetivas que envolvem fé e crença. Esse Responso tem ainda muitos representantes, mas perdeu certo espaço para os responsadores que possuem a visão, pois as pessoas anseiam por essas “dicas e instruções” dadas por eles após responsarem.

É interessante observar algumas dinâmicas particulares em relação à fé, por exemplo, Vera Marta conta que, ao fazer o Responso, consegue sentir se aquele(a) que a procurou tem fé na prática, ou se só pediu para responsar porque assim lhe foi aconselhado:

E tem que ter fé também, né, porque tem muitas pessoas que pedem pra responsar, mas eu percebo que não tem fé [...] aí então quando eu vejo que a pessoa não tem fé, eu responso na minha fé, e sempre aparece. [...] tem que se concentrar pra responsar, e no que eu me concentro eu percebo “ai, mas essa pessoa tá mandando responsar porque o vizinho mandou, lá outro mandou, ela mesma não tem fé” (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

Embora seja consenso entre os responsadores, e também entre a comunidade, que a fé deva vir de ambos os lados, apenas Vera Marta mencionou que consegue perceber se aquele que o procurou possui fé ou não. E, além disso, que em caso da “falta de fé”, ela põe a própria fé duplamente.

A fé e o dom, tema do próximo subcapítulo, estão interligados e por vezes se confundem, não sendo possível delimitar até que ponto a realização da prática do Responso e sua eficácia são atribuídas a um ou outro elemento. O Responso

pode ser feito por toda pessoa que tenha profunda fé? Ou é necessário a existência de um dom, independentemente da fé? A resposta não é unânime, enquanto a responsadora Terezinha acredita que é capaz de responder devido à sua fé, os demais atribuem a aptidão a esse ofício também à existência de um dom. Até mesmo em relação à visão, Terezinha acredita que ela é fruto da sua fé e não de um dom, como os demais responsáveis. A comunidade também acredita firmemente na existência de um dom por parte dos responsáveis.

Contudo, é evidente que a fé constitui um elemento chave não só para o sucesso, mas para a própria existência da prática do Responso. A fé do responsável, daqueles que o procuram e da comunidade que acredita na eficácia da prática, dá sentido ao Responso.

2.4. “Eu acho que o responso é um dom de natureza que a pessoa tem”⁷⁵

Entre as definições de dom que constam no dicionário Michaelis⁷⁶, as duas que mais se aplicam ao conceito de dom utilizado nesta pesquisa são: 4. (TEOL) “Bem espiritual que se considera como oferecido por Deus; bênção, graça, mercê; e 5. Qualidade especial ou habilidade inata para fazer algo; aptidão, habilidade, talento”.⁷⁷

O reconhecimento do responsável enquanto alguém imbuído de um dom é muito comum na comunidade mostardense. Conforme foi demonstrado no início deste capítulo, ao falarem sobre o Responso e a forma como praticam, muitos responsáveis acabam referenciando a existência de um dom. Mas, que dom é esse? Não se trata somente do dom de ver as coisas perdidas, mas do dom necessário para desempenhar a função de responsável, independentemente de se ter a visão ou não.

Um dos principais questionamentos que envolvem a prática do Responso se dá sobre se é algo que pode ser aprendido e realizado por qualquer pessoa,

⁷⁵ Iolanda Bandeira (17/03/2022)

⁷⁶ Versão online. Disponível no site: <<https://michaelis.uol.com.br>> Acesso em: 10/06/2022.

⁷⁷ Dom. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vwVX>>. Acesso em: 10/06/2022.

ou se é um dom pessoal, e, portanto, somente aqueles que possuem o dom podem realizar a prática. As respostas dadas pelos responsáveis não são unânimes, e apontam para diferentes percepções sobre a prática e quem pode aprender e praticá-la. Nilo, por exemplo, afirma possuir um dom dado por Deus a ele, que o permite ver onde está localizado aquilo que está perdido e, dessa forma, fazer o Responso, assim, não é algo que ele possa ensinar a alguém, trata-se de um dom único e próprio. Irma e Jurema acreditam que a disposição para responder também é um dom, mas um “dom que vem de berço”, visto que familiares das gerações passadas também faziam Responso e Benzeduras. Elas estão inseridas em um contexto de transmissão intergeracional de saberes e conhecimentos provenientes da cultura africana e afro-brasileira.

Terezinha, por sua vez, pensa a prática do Responso enquanto um ato de fé, diz que começou a responder porque tinha muita fé nos santos e que a aptidão para o Responso em nada tem a ver com um dom ou “dom de família”, como ela nomeia em sua narrativa. Quando perguntei se era algo que podia ser ensinado, ela respondeu: “Não, as pessoas começam a rezar e acreditar, pedir com fé, né, isso aqui tem que ser um pedido de fé”, assim, interpreto que ela acredita que todo aquele que tem muita fé, é apto a tentar responder. Iolanda, embora associe a prática mais à fé em Santo Antônio, confere a aptidão para responder a um “dom de natureza” que, dentre tantos, algumas pessoas possuem:

Eu acho que o responso é um dom de natureza que a pessoa tem, mas acredito que todos temos um dom, cada um diferente do outro, uns são mais valorizados que outros. Todos temos algo especial que vem de Deus, tem tanta coisa nesse mundo que a gente nem sabe. (Iolanda Bandeira, 17/03/2022).

O dom sobre o qual os responsáveis, e a comunidade, falam que se deve possuir para responder se refere à essa *capacidade* de responder. É comum que o dom seja atrelado à visão, mas é preciso entender que ele não se refere somente a essa característica, visto que nem todos os responsáveis possuem a visão e, nem por isso, são desqualificados enquanto responsáveis. Desse modo, a Figura 17 apresenta os dois sentidos possíveis de interpretação quando nos referimos à “dom” no contexto do Responso.

Figura 17 - Interpretações sobre o “dom” no Responso



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Vera Marta diz que o Responso é “um dom que vem da gente, não adianta dizer que ‘eu vou responsar’ se não tiver o dom, não adianta. E tem que ter fé também [...]”. Assim, a responsadora acredita que, embora a fé seja essencial e determinante, para responsar é necessário ter, sobretudo, o dom.

Para Irma e Jurema trata-se de um “dom que vem de berço”, elas seguem a tendência de manifestar a aptidão para o exercício dos ofícios que suas mães e avós desempenhavam, transmitidos de uma geração à outra no âmbito familiar. Ou seja, existe uma forte questão de ancestralidade. Candau (2011) aponta que:

[...] a reminiscência comum e a repetição de certos rituais [...], a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas [...], bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família (CANDAU, 2011, p.140).

Irma fala que a bisavó era parteira e fazia benzeduras e que a mãe também e além disso, fazia o Responso e, ela, por vir desse meio de “dom e simpatias”, também é parteira, benzedeira e responsadora, tendo evoluído mais na questão espiritual através da umbanda. Jurema apenas não é parteira por ser, de fato, um ofício em desuso atualmente, mas ambas declaram com firmeza que a tendência para desenvolverem esses ofícios provém de um dom que “vem de berço, vem de raiz”. A predisposição para esses ofícios pode ser entendida como “memória genealógica” em Candau (2011), pois:

[...] ela é a consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou indivíduo se sente mais ou menos herdeiro. É a consciência de sermos os continuadores dos nossos predecessores (CANDAU, 2011, p.142).

Assim, Irma e Jurema reconhecem o dom que exercem ao fazer Responso e benzeduras como uma herança das mulheres que as precederam, dentro do domínio da ancestralidade.

Para Nilo Chaves, o marco da descoberta do dom que o possibilitaria ser responsador aconteceu em um momento bastante específico, quando ele se deu conta, em um dia no qual jogava cartas com um casal de amigos, que conseguiu “ler o pensamento” do amigo:

[...] passamos a noite toda, quando foi chegando de manhã ele olhou pra mim firme assim, e eu disse assim pra ele “eu sei o que tu tá pensando de mim” diz ele “ah, duvido” “então tá, pega um papel, escreve o que tu pensou de mim e dá pra tua mulher e ela me dá um papel e uma caneta e eu vou escrever e tu vai ver se não é a mesma coisa” aí ele escreveu, e eu não sabia “que homem que tá bem feio” e eu escrevi “que homem que tá bem feio” aí ela leu, eu não olhei o dele nem ela, aí eu digo “ah, tá bom” peguei a puxar, né, aí eu vi o que ele escreveu que achou, claro, amanhecemos jogando pife, a noite toda, e ele dizendo “mas que homem que tá bem feio” ele pensou nele, e eu li o pensamento dele e escrevi a mesma coisa. Aí desse tempo em diante comecei a puxar e aí pronto, já tinha esse dom e não sabia. [...] e continuei e deu certo. [...] (Nilo Ferreira Chaves, 21/06/2019).

Neste relato, Nilo compartilhou o momento da descoberta do seu dom, que se manifestou na “leitura de um pensamento”, ele contou que a partir desse momento “começou a puxar” por isso, ou seja, instigar esse “poder” de forma proposital em benefício de algo. Assim, tornou-se responsador, visto que, passou a utilizar o dom para auxiliar as pessoas na busca pelas coisas perdidas. O dom de Tio Nilo o tornou afamado não só no município de Mostardas, mas também em Tavares, município vizinho, como dito anteriormente no item 2.1.

Os responsadores demonstram sentirem-se gratos pelo dom que possuem, valorizando essa condição. Nilo Chaves (21/06/2019) afirma: “Deus me deu esse dom [...] e eu vou continuar enquanto eu existir [...] é a coisa mais boa do mundo que Deus me deu esse dom”. E Vera Marta diz:

Eu me sinto bem, sinto que tô ajudando no que precisa... desesperados que não sabem o que vão fazer. E graças a Deus já que eu tenho esse dom, né, não me importo de passar, não me importo de ajudar o outro. Ainda bem que graças a Deus tá sempre dando resultado, né, sempre tem melhora (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2022).

Acredito que, mais do que identificar se o Responso advém ou não de um dom individual ou herdado, importa perceber que essas diferenciações têm origem na pluralidade da prática e também carregam certos tensionamentos. Complementando o que foi discutido no item anterior sobre a fé, ao estar associada a um dom, aqueles que praticam o Responso são imbuídos de uma “aura”, de um elemento distintivo dos demais. Por outro lado, ao ser compreendido enquanto exercício da fé em Santo Antônio e em Deus, e mais “mundana”, o Responso é visto como mais viável de ser praticado.

2.5. “[...] dá geralmente uma visão, *aonde é que tá as coisas*”⁷⁸

A presença da visão e percepção que ocorre para alguns responsáveis no momento da prática do Responso está intrinsecamente ligada à fé e ao dom, abordados nos itens anteriores. É comum encontrar pessoas, segundo minha experiência e vivência, principalmente as que desconhecem a prática, que relacionam a visão dos responsáveis a uma espécie de adivinhação. Entretanto, conforme abordado rapidamente no capítulo 1, não se trata de uma adivinhação, pois a visão tem relação com a fé ou com um dom sagrado concedido. Em uma situação de entrevista, mencionei a palavra “adivinhação”, o que acabou gerando no responsável um sentimento de ofensa. Os responsáveis entendem que essa definição simplificada (de adivinhação) acaba esvaziando os aspectos simbólicos de fé, dom e crença que envolvem a visão. Essa característica do Responso é a mais rara e por isso, emblemática e distintiva, despertando certa curiosidade aos que estão conhecendo a prática.

Cada responsável entrevistado se refere de maneira diferente à essa questão. Começarei por Terezinha Araujo, ela, em um primeiro momento da entrevista, negou possuir a visão durante o Responso, disse que não conseguia:

Sabrina: e o diferencial, assim, a senhora consegue descrever onde tá? [o objeto perdido]

Terezinha: não, não é muito fácil.

Sabrina: não é sempre?

Terezinha: não, não, não, não... não se faz isso aí. Eu não consigo. Tem gente que consegue [...] (Terezinha de Jesus Machado Araujo, 01/09/2019).

⁷⁸ Vera Marta Dias da Silva (29/01/2023).

A negativa veemente desse elemento me chamou atenção, entretanto, sua narrativa foi mudando quando comentei sobre um Responso que havia pedido a ela, no qual ela havia me descrito, de forma muito precisa, o local onde eu deveria procurar o objeto perdido⁷⁹. Ela disse então, que a visão está relacionada a sua fé, e que não ocorre sempre, sendo bastante difícil, inclusive. A visão, para Terezinha, acontece quando ela está com a fé mais “fortalecida”, deu como exemplo a ida à missa aos domingos, que mantém a fé “acesa”, então, tem épocas em que está “melhor para responsar”, é quando consegue ter a visão. Mas tem épocas em que está mais desanimada e, dessa forma, se torna difícil ocorrer a visão: “às vezes se enxerga, nem sempre”. Ela pontua também, que consegue notar se o objeto responsado foi roubado.

Na entrevista, foi curioso perceber a primeira reação de Terezinha ao ser questionada sobre a visão, houve uma forte negação da presença dessa característica na sua prática antes que ela assentisse. Entendo que as hesitações e mudanças no discurso são representativos da ação memorial e do momento de entrevista, mas também percebo que há certo medo do julgamento. A entrevistada Silamar Antiqueira da Silva, adepta da prática, contou que sempre pede Responso para Terezinha, e que em certa ocasião perguntou a ela como era feito:

[...] e aí tem a ver com a fé, né? Porque eu vejo assim, a professora Terezinha Araújo... um dia eu perguntei pra ela como é que era o Responso “eu só rezo muito pro santo, né” então ela tem uma fé enorme, a professora Terezinha. E só que ela disse assim ó, que ela tem... não é como se tivesse visões, o santo mostra onde está (Silamar Antiqueira da Silva, 27/12/2022).

Silamar compreende que “a fé é tão grande que ela tem uma visão”. Assim, refletindo sobre a narrativa de Terezinha, minha interpretação é de que ela não entende a visão como um dom próprio, como os demais responsadores, mas como uma manifestação de Santo Antônio através dela. Por isso, ela associa a visão - quando ela ocorre - à sua fé.

⁷⁹ Trata-se de um episódio ocorrido quando eu tinha por volta dos 13 anos de idade. Perdi um colar com pingente de coração e pedi a Terezinha que responsasse para mim. Após o Responso, ela me disse que o colar não estava perdido e sim em uma casa guardado, mas não na minha casa. Disse ainda, que o colar estava dentro de uma vasilha de vidro dentro de um local, como uma gaveta ou armário. De fato, dias depois me deparei com o colar na casa da minha avó, dentro de um potinho de vidro que fica dentro do armário da sala, onde ela costumava guardar “miudezas” como brincos e anéis.

Em síntese, para Terezinha, a visão se constitui enquanto uma ramificação, ou “bonificação” da sua fé, como demonstra sua narrativa:

[...] tem épocas, Sabrina, que eu tô melhor, assim, pra responder e mostrar as coisas, outras épocas tá mais fraco acho que a própria fé da gente, né. [...] se tá mais forte, que vou às missas todos domingos, recebo a comunhão, aquela coisa toda, né, e eu agora tô numa época muito fraca, tô muito desanimada. Então, acho que um pouco é isso aí, também, eu sempre digo que o responso de Santo Antônio ele mostra é a fé da gente. É isso aí, é a fé. A gente tendo fé a gente consegue (Terezinha de Jesus Machado Araujo, 01/09/2019).

Ela associa a visão a um dom, quando a prática do Responso não está relacionada à fé em Santo Antônio, ela citou Nilo Chaves nesse sentido. Sobre Irma e Jurema, Terezinha disse que não sabe como elas fazem pois trata-se de outra religião, demarcando, assim, a importância da religião dentro da prática do Responso.

Nas entrevistas, quando surgiam nomes de responsadoras mais antigas, já falecidas, eu questionava se elas possuíam a visão, se davam dicas sobre o bem perdido. A maioria das respostas era de que não, elas apenas rezavam e pediam que a pessoa procurasse, confiando na intercessão de Santo Antônio. Uma hipótese para o comportamento de Terezinha em relação à visão pode estar relacionada a este Responso mais antigo, no qual não havia a presença da visão. Dessa forma, estar fora desse padrão, pode ser visto por ela como algo negativo. Terezinha, sendo católica e exercendo sua religiosidade nesse contexto, pode entender que a visão não é algo bem-visto. Principalmente, ao considerar que, atualmente em Mostardas, essa característica é muito associada, de forma pejorativa, ao “batuque”⁸⁰. Um indício disso, é o relato feito por Nilo Chaves em sua entrevista ao narrar a reação dos pastores da sua Igreja (evangélica), que indicaram que ele deveria abrir mão da sua prática, pois “era coisa de batuqueiro”. Assim, é considerável pressupor que exista certo preconceito enraizado na atitude de muitas pessoas de religiões cristãs em Mostardas referente à visão, como sendo algo relacionado “ao batuque”. Essa hipótese também ajuda a entender a questão do racismo e preconceito sofridos por Irma e Jurema, ao relatarem, como exposto no item 1.1, que muitos católicos as procuram escondidos por não quererem ser vistos “na casa de batuqueiro”.

⁸⁰ Acredito que o receio de Terezinha se aproxima do de Dona Maria, conforme apresentado no item 1.1.

Além disso, as práticas divinatórias são historicamente consideradas heresia pela Igreja Católica, como demonstrado pelo caso inquisitorial citado na página 97.

A responsadora Vera Marta (29/01/2023) também tem a visão como parte da sua prática. Ela diz que “o Responso dá meio geralmente uma visão, *aonde* é que tá as coisas, comigo dá né, ou assim, se vai aparecer ou se não vai, se foi roubado mesmo ou às vezes a pessoa perdeu, né”. A visão que Vera Marta tem ao responsar mostra, então, o que aconteceu com o objeto ou animal responsado. Sobre a visão no Responso da avó Vera Marta, Raíssa Dias (27/12/2022) comenta: “[ela] dá uma dica e a gente procura no lugar que ela falou, tipo, ela fala ‘ah tá dentro de tal lugar’ ‘esqueceu no trabalho’, daí a gente procura e sempre acha”. A responsadora revelou que costuma acertar o Responso de animais: “Bicho então é fatal, sempre consigo dizer pra que lado mais ou menos tá”.

Para Nilo Chaves, pode-se dizer que a visão delinea e legitima sua prática, pois foi a partir da descoberta do “dom de ver as coisas” que ele se tornou responsador. Sobre a forma como acontece, Nilo conta que se concentra, ora, e Deus o mostra: “Deus me mostra direitinho uma coisa tua, se roubaram, ou se perdeu, eu te digo onde é que tá. Te dou uma pista, né, não tenho esse poder tanto assim”. Nilo é uma figura bastante conhecida na região e é o responsador que mais aparece nos relatos compartilhados através do formulário “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”, são muitas as histórias de pessoas que encontraram seus objetos perdidos através das dicas dadas no Responso de Tio Nilo.

Nilo conta um episódio em que foi “testado” por uma mulher, que o procurou para “ver se ele via mesmo”. Pediu que ele responsasse um dinheiro que, segundo ela, estava com a filha:

“então tu vê as coisas assim, tu faz... tu responsa?” “eu oro e vejo” “então quero ver se tu vê mesmo, a minha filha me deu quinhentos reais ontem [...] pra eu guardar e eu entreguei pra ela e ela disse que o dinheiro tá comigo e eu entreguei pra ela, tá com ela. Tu vê isso pra mim?” “vejo” fui pra ali e pedi pra Deus me mostrar certinho e Deus me mostrou que quem tinha o dinheiro era ela. De certo ela achou “não, de certo ele vai mentir, vai dizer que é a gurua, vai ficar com vergonha” de certo ela pensou assim, eu cheguei e ela disse assim “é a minha filha que tá com o dinheiro, né, Nilo?” “não, quem tá com o dinheiro é

a senhora, a senhora que tá com o dinheiro dela, a senhora não entregou” ela não disse nada, foi embora e até logo [...] não entregou pra ela e ela disse que tinha entregado, então pra tu ver, né... ela veio zombar de mim [...] pra tu ver que eu vejo, senão eu não ia dizer, né (Nilo Ferreira Chaves, 21/06/2019).

Como já demonstrado, a fama sobre o “poder da visão” de Nilo é notável e por conta disso, ocorrem casos como o relatado acima, no qual ele foi procurado por alguém que queria apenas provar por conta própria que o que se escuta sobre Nilo é verídico. Ele se refere à visão como uma revelação mostrada por Deus: “Eu pra mim, é uma revelação de Deus, ele me mostra”. Desse modo, o Responso de Nilo se dá em uma comunicação somente entre ele e Deus, que o mostra onde está o bem perdido, ou mostra indícios, como uma cor, permitindo que ele possa dar dicas para a pessoa que o procurou. Um relato de Dinara Silva corrobora para que se entenda como acontecem esses casos:

[...] a gente perdeu um dinheiro aqui [...] e a gente foi responsar pra ver, no Tio Nilo, foi com Tio Nilo inclusive, e ele falou que *tava* num quadrado amarelo, por exemplo, assim: “olha, tô vendo...” o objeto que a gente tinha perdido, no caso, né? “Num quadrado amarelo”. Tá, tudo bem, nos esquecemos completamente, acho que deu um mês mais ou menos a gente achou e *tava* dentro *duma* gaveta, realmente o armário era amarelo (Dinara Conceição da Silva, 30/01/2023).

Irma e Jurema possuem a visão aliada ao contato com os orixás, elas contam que na hora do Responso, enquanto estão concentradas, conseguem enxergar se o objeto/animal que está sendo responsado está abafado, caído, se foi roubado, mas também escutam os orixás “soprarem no ouvido dicas”. Irma fala que:

Quando é furtado a gente vê direitinho, quem tem o dom pra isso, né, se não eles assopram no ouvido “procura embaixo do banco do carro” dito e feito... “no meio das roupas” [...] “esse teu objeto tá na casa de alguém, tu vais achar” ... se é um gatinho, “não, não fica nervoso, ele tá bem cuidado, tão tratando dele” dito e feito [...] (Irma da Conceição Lemos, 21/12/2021).

A expressão “dito e feito” usada por Irma demonstra a confiabilidade existente no contato com os orixás, indicando que o que eles sopram tende sempre a se confirmar correto. Jurema (21/12/2021) conta que é fácil identificar um caso de roubo, mas que não é possível ver quem roubou: “no caso a gente vê que tem uma mão, então é fácil saber que alguém pegou, porque a gente enxerga a mão pegando, né, mas não consegue [...] dizer assim... ah foi fulano”. Irma (21/12/2021) falou também sobre casos de Responso em que não se

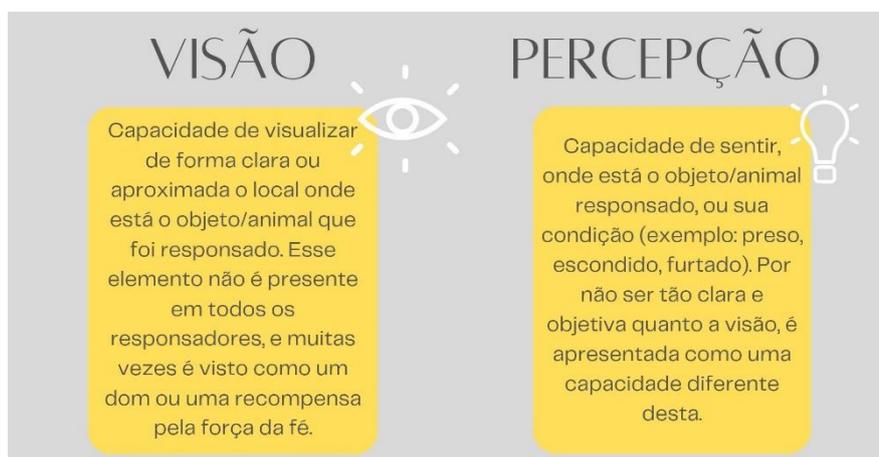
enxerga nada: “não adianta tu dizer pra pessoa que vai achar, quando não é pra achar a gente diz assim “olha, não enxergo, não adianta”, Jurema (21/12/2021) complementa a mãe, falando que “não aparece *pra* nós, a gente não enxerga, porque daí já tá difícil, ou numa localização que não tem como achar, né”. É o caso, por exemplo, de algo que foi furtado e vendido ou de um animal que já se encontra sem vida, ou seja, daquilo que se sabe que não será recuperado.

Dona Iolanda não utilizou a palavra *visão*, ela disse que “*sente*” ou “*percebe*” o que ocorreu ou onde pode estar o objeto/animal responsado. Ao fazer sua oração e seu ritual de Responso, ela disse “*sentir*” se o resultado foi positivo ou negativo e, por vezes, esse “*sentimento*” é mais específico, por exemplo, “*sente que o objeto está escondido*”, ou que “*o animal está preso*”, mas não falou muitos detalhes sobre essa parte, contou que existe uma crença de que se a responsadora contar “*tudo*”, perde a força⁸¹. Alberi Araujo (20/09/2019), ao responder com dona Iolanda algumas cabeças de gado desaparecidas, teve como resposta que o gado estava preso em uma chácara abandonada, como de fato foi encontrado mais tarde, demonstrando a presença de uma *visão* no Responso de Iolanda. Ela contou sobre o último Responso que fez: “O último responso que fiz foi de uma roupa desaparecia e ainda não apareceu, mas tá bem escondida, eu *sinto* que tá escondida, já mandei a pessoa procurar bem, tirar tudo do lugar que vai achar” (Iolanda Bandeira, 17/03/2022). Assim, mesmo que ela não fale de forma tão clara sobre isso, entendo que dona Iolanda possui certa “*visão*”, que talvez não apareça em todos os casos e que ela define como um “*sentimento*” ou “*percepção*”. É importante falar que para Nilo, Irma, Jurema e Vera Marta, a *visão* é um elemento recorrente nas suas práticas, enquanto para Terezinha e Iolanda, a *visão* não acontece sempre e por vezes, é referida como uma *percepção*. Essa diferenciação entre *visão* e *percepção* é demonstrada na Figura 18.

⁸¹ A colocação de dona Iolanda de que contar tudo sobre a forma como é feito o Responso faz com que o (a) responsador(a) perca a sua força vai ao encontro da crença popular de que existe um segredo no Responso que não pode ser revelado. Nesse sentido, também Vera Marta (29/01/20223) fala: “[...] dizem que a pessoa, não é só o Responso, toda benzedura, que a pessoa que ensina o outro em seguida a pessoa morre, por isso que ninguém gosta de ensinar o outro. Dizem que benzedura e Responso a gente não ensina, a pessoa tem que aprender por conta própria e se a pessoa tiver o dom aprende mesmo, né, mas se não tiver dom não aprende”.

Conforme dito anteriormente, a visão dentro do Responso pode ser compreendida de diferentes formas, e a capacidade, ou dom, de conseguir enxergar onde está o objeto perdido desperta muito interesse, curiosidade e carrega certos enigmas. Em alguns casos a presença da visão acaba sendo percebida como um fator de distinção frente a outros responsadores, como percebi na fala de Iolanda, que ao comentar sobre o Responso de Nilo, Irma e Jurema, falou: “eu acho que tem responsos que são mais fortes que outros”. Além disso, muitos acabam acreditando mais no poder do Responso, e do responsador, quando há a visão. Entretanto, conforme demonstrado ao longo deste capítulo, essa não é uma homogeneidade, havendo aqueles que não identificam a visão como um elemento definidor e/ou necessário para a prática.

Figura 18 - Visão e Percepção



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

2.6. “O responsador não cobra, a gente dá o que quer”⁸²

Ao procurar uma responsadora, ou um responsador, para encontrar um bem perdido, a pessoa adepta aguarda com expectativa que, após o ritual, o responsador tenha a resposta ou “dica” de onde deve procurar, que é ouvida com muita atenção. Quando não há informação sobre onde e como encontrar, ainda assim, o sujeito aguarda o fim do Responso com fé de que no plano espiritual algo foi acionado, mediado pela fé e prática da responsadora ou do responsador, para auxiliar no encontro do que foi perdido. Este momento do

⁸² Márcio da Costa Carneiro (27/01/2022).

“pós-Responso” é narrado em resposta do formulário: “perguntam detalhes do que foi perdido e, após, dizem: “vou ali dentro e já volto”. E trazem as informações do paradeiro dos objetos”⁸³. Em seguida começa a procura.

A comunidade confere sentido à prática do Responso na medida em que acredita na sua eficácia enquanto meio de encontrar objetos e animais perdidos. Assim, ocorre um movimento de procura pelo responsador, seguido, pressupõe-se, do encontro daquilo que foi responsado e, por fim, há o compartilhamento da experiência com outras pessoas. Essa última etapa, a da transmissão, que acontece no pós-Responso, é muito importante para a constituição do Responso enquanto prática cultural popular, principalmente, a partir da consolidação da identidade do responsador no contexto coletivo. São as pessoas que procuram o responso, enquanto coletividade, que irão afirmar, ou melhor, confirmar, que o Responso “dá certo”, não só dando o retorno ao responsador, que pede para ser informado quando o bem responsado for encontrado, mas contando para outras pessoas e passando adiante a validade do Responso. Assim, se concretiza a ação do responsador enquanto segura e eficaz e a prática se consolida na comunidade.

Uma questão que se destaca no pós-Responso é a retribuição, jamais monetária. Nenhum dos responsadores entrevistados cobra qualquer valor monetário pelo Responso, entretanto, aceitam “presentes” como forma de agradecimento. Nilo Chaves diz:

não cobro nada de ninguém, não faço comércio [...] se alguém vier me dar um presente eu aceito, né, de coração, mas eu não cobro preço nem nada [...] o que vem de graça de graça a gente dá, né, eu não vou cobrar (Nilo Ferreira Chaves, 21/06/2019).

Jurema, em sua narrativa sobre o primeiro Responso realizado, contou que após o resultado positivo a mulher voltou à sua casa com um pacote de velas para agradecer, já que as velas são usadas no momento do ritual. Irma (21/12/2021) explica que “a benzedura e o responso por lei não se cobra, pode dar uma oferta por tua espontânea vontade”. Iolanda (17/03/2022), do mesmo modo, diz: “não cobro nada, Jesus fez tantos milagres e não cobrou nada, mas

⁸³ Resposta do Depoente 55 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS na data 09/03/2022.

aceito algum presente como forma de agradecimento”. Todos concordam nesse ponto e agem da mesma forma, apenas Terezinha não se pronunciou a esse respeito, no entanto, por experiência, posso afirmar que também não cobra nenhum valor para responder.

No formulário, algumas respostas de adeptos evidenciam essa etapa:

Liguei para avisar o tio Nilo e agradecer. O responsador não cobra, se a pessoa quiser e puder pode dar alguma coisa.⁸⁴

Logo após aparecer o objeto perdido, costumo levar até o tio Nilo um refrigerante de guaraná, em forma de agradecimento mesmo.⁸⁵

"Mandei" responder algo, não lembro exatamente o que, mas deu certo, e dei um quilo de erva mate como forma de "pagamento".⁸⁶

Não são todas as pessoas que, após o Responso, voltam para dar algo como pagamento, de fato, não é uma obrigação e o responsador também não pede, é uma iniciativa espontânea. Essa prática da retribuição pode ser pensada dentro da lógica da dádiva, ou dom, de Mauss (1925), explicada por Martins (2005). A dádiva, ou dom, seria um “sistema, que se expande ou se retrai a partir de uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais” (MAUSS, 2003 apud MARTINS, 2005, p.19).

O responsador tem um dom que é seu bem imaterial de troca, recebido de Deus, herdado de seus ancestrais, ou ainda adquirido através da fé, ele exerce esse dom fazendo o Responso, pois a forma de retribuir, de agradecer por possuir o dom, é fazendo uso dele, e aqueles beneficiados pelo Responso, se veem em uma situação de retribuir de alguma forma.

Diferentemente do sistema bipartido do mercado, que funciona pela equivalência (dar-pagar), na dádiva (dar-receber-retribuir), o bem devolvido nunca tem valor igual àquele do bem inicialmente recebido. Aqui, o valor importante não é o quantitativo, mas o qualitativo [...] um presente ou uma hospitalidade nunca se paga em moeda de mesmo valor, tampouco é retornada necessariamente no mesmo instante da ação [...], mas esse presente ou hospitalidade pode ser retribuído num outro momento mediante uma gentileza ou favor, fazendo circular a

⁸⁴ Resposta do Depoente 149 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 18/03/2022.

⁸⁵ Resposta do Depoente 38 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

⁸⁶ Resposta do Depoente 64 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

roda das práticas sociais e das experiências de vida entre os envolvidos (MARTINS, 2005, p. 23).

O responsador se vê na obrigação de exercer o dom, como demonstra a fala de Nilo Chaves: “Deus me deu esse dom [...] e eu vou continuar enquanto eu existir [...] é um dom da gente, né, que Deus deu esse dom e a gente tem que continuar fazendo.” É a forma como o responsador devolve o bem concedido a ele, ou seja, exerce o dom como forma de agradecimento por tê-lo recebido.

Já pelo lado dos adeptos, como exposto pelo autor, o que importa não é o pagamento em termos quantitativos, mesmo porque o Responso não é um bem material ao qual possa ser atribuído valor nesse sentido, mas qualitativo, com fins de “manter circulando a roda das práticas sociais” (MARTINS, 2005, p. 23). Assim, as pessoas, por sua vez, retribuem o Responso com algo que sabem que o responsador ou responsadora goste, ou que seja útil a ele no momento do Responso, como as velas na maioria dos casos, ou ainda, por tratar-se um local interiorano, onde a troca do que se “tem em casa” ainda é muito vista, é comum que se leve por exemplo, algo da horta, ovos e outros bens produzidos ou cultivados no âmbito de casa.

Existindo ou não a doação ou retribuição pela “graça” e resultado obtido através do Responso, percebe-se que essa relação entre responsador e comunidade adepta é igualmente importante na compreensão da prática. Ela acaba gerando vínculos, reforçando referências locais da importância e “poder”, de responsadoras e responsadores, bem como é essencial no processo de transmissão e continuidade da prática.

De maneira geral, é possível dizer que a existência e longevidade do Responso em Mostardas está relacionada com a quantidade de narrativas e casos de objetos encontrados através do Responso. Se a maioria das pessoas não conseguisse encontrar os seus objetos perdidos e responsados, seria difícil manter a fé na prática, e nos próprios responsadores. Por isso, essa etapa pós Responso é aqui apresentada, ao mesmo tempo que faz a transição para o próximo capítulo, onde o Responso será analisado na perspectiva da comunidade adepta e os fatores que contribuem para a consolidação da prática em Mostardas serão melhor desenvolvidos.

Capítulo 3 - “Na minha família sempre acreditamos na prática do Responso, sempre funcionou”⁸⁷

O presente capítulo, que encerra esta dissertação, traz como foco a comunidade adepta, que junto com o local e os responsáveis, completa os três pilares que sustentam a prática do Responso e dão sentido à ela. As principais fontes utilizadas neste capítulo são os dados coletados no formulário *online* direcionado à população de Mostardas, aliado a entrevistas de história oral. Conforme foi explicitado no início do capítulo 2, seguindo a metodologia da análise de conteúdo com quadro categorial de Bardin (2011), foram identificadas categorias também nas entrevistas com a comunidade adepta. Foram feitas tabelas para cada categoria, onde foram inseridos trechos de cada entrevista a respeito daquele tema. No total foram identificadas nove categorias: 1) como vê/entende o responso; 2) transmissão; 3) relatos; 4) dom; 5) fé; 6) está se perdendo ou se mantém? 7) tradição/patrimônio/importância; 8) religião; 9) pós-responso. Foi possível identificar estes elementos nas narrativas e a análise dos trechos selecionados, juntamente com os dados e relatos escritos veiculados no formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” dão base para este capítulo. Estas categorias foram criadas para auxiliar na compreensão das características da prática e das diferentes formas de se relacionar com ela e narrá-la.

Conforme dito anteriormente, na introdução do trabalho, este formulário foi criado através da ferramenta *Formulários Google*, um aplicativo que cria formulários gratuitos por meio de uma planilha no Google Drive, garantindo agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, permitindo acompanhar as respostas em tempo real e oferecendo gráficos. Com o título “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”, o objetivo do formulário foi o de coletar alguns dados referentes à popularidade, o alcance, o reconhecimento e a procura do Responso em Mostardas, bem como relatos de experiência de pessoas da comunidade mostardense com a prática.

⁸⁷ Resposta do Depoente 20 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

O formulário permite quantificar alguns dados como gênero, faixa etária e religião dos participantes, bem como a crença, ou não, no Responso e ainda percepções referentes à Lei 2.744 de 2010⁸⁸, mas ganha destaque o espaço destinado ao compartilhamento de relatos de experiência com o Responso. Além da análise das 181 respostas do formulário, foram realizadas nove entrevistas com pessoas da comunidade mostardense. Dessas, realizei seis entrevistas com pessoas escolhidas a partir do formulário, contemplando as primeiras seis das sete faixas etárias nele contidas. Assim, as pessoas entrevistadas a partir deste formulário⁸⁹ foram: Raíssa Bitencourt Dias, de “até 18 anos”, Julia Barbosa Pacheco “de 19 a 25 anos”, Dinara Conceição da Silva “de 26 a 35 anos”, Márcio da Costa Carneiro e Magda Carneiro Vieira “de 36 a 45 anos”, Silamar Antikeira da Silva e Gladimir da Silva Lopes “de 46 a 55 anos” e Aura Maria Teixeira Stephanou de “56 a 65 anos”. Para representar a faixa etária “acima de 65 anos”, foi utilizada a entrevista realizada com minha avó materna, Hilma Rosa Kenne Machado, feita no ano de 2019⁹⁰. Outras entrevistas foram feitas em 2019, quando eu estava iniciando a pesquisa: com os já citados Alberi Santos Araujo e Salete Machado Araujo, e Ana Lucia Souza Libano, ambos na faixa dos 56 a 65 anos.

As 181 respostas do formulário “*Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS*”⁹¹ foram obtidas entre 8 de março de 2022 e 16 de novembro de 2022. Muitas respostas do formulário e trechos das entrevistas com a

⁸⁸ Lei 2.744 de 26 de outubro de 2010. Institui o patrimônio cultural imaterial de Mostardas e dá outras providências. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/iwklh>> acesso em: 18/01/2022.

⁸⁹ Pretendi que o grupo entrevistado fosse diverso, assim, após avaliar as respostas do formulário e identificar aqueles que se dispuseram a ser entrevistados (havia uma pergunta nesse sentido), optei por selecionar uma pessoa de cada faixa etária para as entrevistas, pois entendo que a diferença de idade é um elemento importante a ser observado nas narrativas. Listei possíveis entrevistados de cada faixa etária, seguindo um critério de conhecimento prévio, foram pelo menos três opções para casos de não conseguir contatar uma pessoa ou de impossibilidade de marcar a entrevista. Por fim, entrei em contato a partir do email ou telefone disponível no formulário. Foram feitas duas entrevistas duplas, com Márcio e Magda, irmãos, e com Silamar e Gladimir, casados, pois nesses casos as duas pessoas responderam o formulário e moravam juntas, e acredito que agregaria ao trabalho ouvir ambos. Dentre as opções de entrevistados, priorizei entrevistar pessoas de fora da sede do município, desse modo, cumpriram essa parcela Márcio e Magda, residentes na Comunidade Quilombola dos Teixeiras, e Dinara Conceição da Silva, residente em São Simão.

⁹⁰ Das pessoas correspondentes a essa faixa etária que responderam o formulário e marcaram que aceitariam conceder entrevista, não consegui contato com nenhuma. Por isso, optei pela utilização da entrevista com minha vó, feita de forma despretenciosa, mais como um ensaio para as futuras entrevistas, mas que serve aos interesses da pesquisa.

⁹¹ O formulário está como apêndice ao final do trabalho.

comunidade já foram compartilhadas ao longo do trabalho, pois as falas de responsáveis e comunidade adepta se complementam e dão sentido aos tópicos da pesquisa em conjunto. Os resultados e demais considerações importantes acerca do formulário e das entrevistas serão expostas a seguir.

3.1. “Não tem um perfil [...] tá meio parecido a coisa”⁹²

Entendendo o Responso a partir de três pilares: responsáveis, local e comunidade adepta, e tendo dedicado os capítulos anteriores aos dois primeiros, esta etapa do trabalho busca compreender quem são as pessoas que buscam o Responso. Quem manda responder seus objetos e animais? Como conheceram a prática? Quais são suas experiências? Tais questionamentos motivaram a elaboração das perguntas do formulário, e as categorias acima apresentadas, e auxiliaram a traçar, ainda que inicialmente, se existe um perfil de quem é adepto à prática.

O formulário online é uma ferramenta útil e prática, sobretudo porque esta pesquisa foi desenvolvida durante o período da pandemia de Covid-19, mas possui suas limitações. Dentre elas podemos citar o difícil acesso à internet em alguns locais da zona rural e a falta de aptidão de pessoas mais velhas para o uso de aparelhos eletrônicos, internet e redes sociais⁹³. Consciente de tais limitações, entendo que a amostra que preencheu o formulário é parcialmente representativa da comunidade e é considerada como tal dentro desta pesquisa. Entretanto, considerando que Mostardas possui cerca de 12.888 habitantes (2021)⁹⁴, incluindo crianças e adolescentes, considero satisfatória a adesão da

⁹² Irma da Conceição Lemos (21/12/2022).

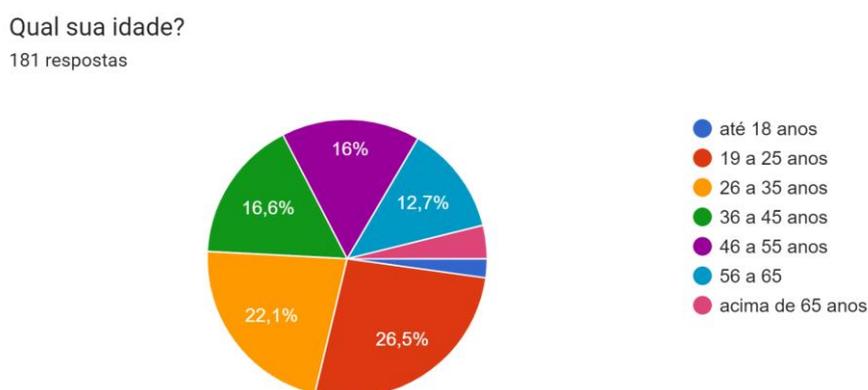
⁹³ As redes sociais como facebook e instagram ajudaram muito na divulgação do formulário, nos dias em que o link do formulário foi compartilhado no facebook, por exemplo, o número de respostas é mais alto que nos demais dias.

⁹⁴ Segundo informações divulgadas pelo IBGE, referentes ao ano de 2010, a maior parte da população mostardense é formada por pessoas da faixa etária de 10 a 19 anos e de 40 a 49 anos. Não encontramos informações referentes a faixa etária no ano de 2021. Entretanto, a partir de tais resultados, percebemos que a adesão do formulário é significativa, sobretudo ao considerarmos que crianças e adolescentes não possuem o mesmo acesso à internet como os adultos. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/panorama>

comunidade ao formulário, que teve respostas de muitos moradores da zona rural e que moram em outras cidades.

De acordo com os dados coletados através do formulário, o perfil da comunidade adepta é bastante diverso, mas a participação feminina foi predominante, 80,1% (145 pessoas), enquanto a participação masculina ficou em 19,9% (36 pessoas). As idades dos colaboradores variaram bastante, ficando bem distribuídas entre as faixas etárias, como é possível observar no Gráfico 2. Foram quarenta e oito pessoas (26,5%) de 19 a 25 anos, quarenta pessoas (22,1%) de 26 a 35 anos, trinta pessoas (16,6%) de 36 a 45 anos, vinte e nove pessoas (16%) de 46 a 55 anos e vinte e três pessoas (12,7%) de 56 a 65 anos. As faixas etárias com menos participação no formulário foram as “até 18 anos”, com apenas 4 pessoas (2,2%), e “acima de 65 anos”, com 7 pessoas (3,9%).

Gráfico 2 – Qual sua idade?



Fonte: formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

A localização dos colaboradores também ficou bem distribuída no território da cidade e extensão do município, havendo pessoas residentes na Comunidade Quilombola dos Teixeiras, Balneário Mostardense, localidades rurais como Valim, Costa de Cima, Boa Vista e Nova Escócia e distritos do município mais distantes da sede como Edgardo Pereira Velho, e São Simão. Pessoas naturais de Mostardas, ou que residiram no município muitos anos e conhecem a prática do Responso, mas atualmente residem em outros municípios também responderam o formulário, provavelmente, visto através das redes sociais. Nas Figuras 19, 20 e 21 estão apontados no mapa os locais onde

adeptos preencheram o formulário, sendo possível observar, além de Mostardas, outras cidades no Rio Grande do Sul: Dilermando de Aguiar, Guaíba, Sapucaia do Sul, Cachoeirinha, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Osório, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, e em Santa Catarina: Criciúma e Blumenau. Na Figura 19, nota-se a distribuição dos adeptos fora de Mostardas, na figura 20, os adeptos residentes nas zonas afastadas da sede, e na Figura 21, fica visível a disposição dos adeptos no território da cidade de Mostardas, que se espalham por todo o local. Os pontos marcados no mapa referentes às localizações na zona rural não são exatos.

Figura 19 - Mapa da localização da comunidade adepta dentro e fora de Mostardas, segundo o formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”



Fonte: Elaborado pela autora (2023), imagem criada através do Google Maps

O nível de escolaridade dos colaboradores foi alto, a maioria das pessoas que responderam o formulário possui Ensino Superior completo ou incompleto (Gráfico 3). Já o nível de instrução da população de Mostardas é baixo, de acordo com o IBGE (2010)⁹⁵ (Figura 22). Desse modo, nota-se que a amostra que respondeu o formulário não é representativa da população neste tópico.

Figura 22 - Nível de instrução da população de Mostardas

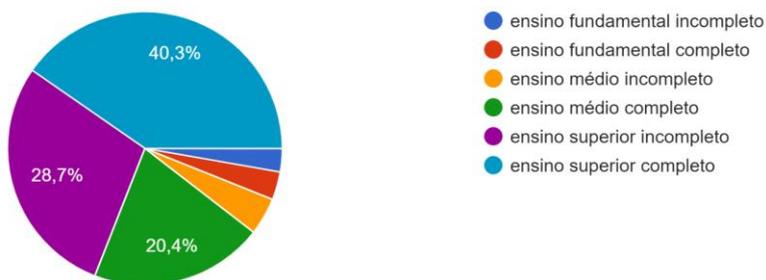
| Nível de instrução | |
|---|-------|
| > SEM INSTRUÇÃO E FUNDAMENTAL INCOMPLETO | 7.090 |
| > FUNDAMENTAL COMPLETO E MÉDIO INCOMPLETO | 1.582 |
| > MÉDIO COMPLETO E SUPERIOR INCOMPLETO | 1.467 |
| > SUPERIOR COMPLETO | 302 |
| > NÃO DETERMINADO | 56 |

Fonte: IBGE Censo 2010

Gráfico 3 - Qual sua escolaridade?

Qual sua escolaridade?

181 respostas



Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

Visto que o fator da religiosidade é importante dentro da prática do Responso, foi perguntado “Você segue alguma religião? Se sim, qual?”, para

⁹⁵ O site do IBGE ainda não foi atualizado com os dados coletados em 2021.

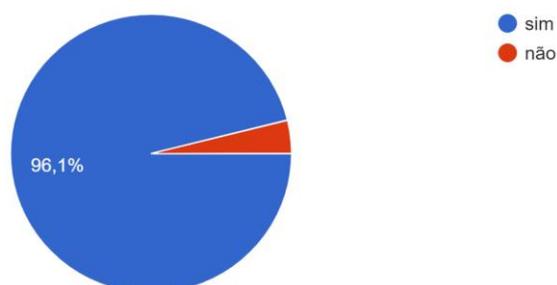
que fosse possível entender o perfil religioso da comunidade adepta. Como já foi dito anteriormente, a religião predominante em Mostardas é a católica, o que ficou representado no formulário com 53,59% que se declararam católicas. O segundo número mais expressivo foi 22,61%, referente às pessoas que não seguem nenhuma religião. O formulário registrou 11% de religiões evangélicas, dessas, duas se identificaram como luteranas e uma como adventista, 3,31% da religião umbanda e cinco seguidores da doutrina espírita. As religiões candomblé, esotérica e bruxaria natural tiveram um representante cada uma. Uma pessoa respondeu que frequenta as religiões Espírita e Umbanda, e uma pessoa respondeu que é batizada na católica, mas frequenta cultos evangélicos. Por fim, houve respostas vagas, como quatro pessoas que responderam seguir uma religião, mas não identificaram qual, uma pessoa respondeu religião cristã e também não identificou qual, e duas pessoas responderam apenas “Deus”. Foi interessante observar a diversidade religiosa presente nas respostas do formulário, que demonstra que a prática do Responso transita por variadas religiões, reforçando a pluralidade da prática e dos adeptos. Conforme já foi dito no item 2.2, a religião influencia diversas questões dentro da prática do Responso, tanto para responsáveis quanto para a comunidade adepta, mas não é determinante.

A primeira pergunta que consta no formulário após as perguntas iniciais de identificação do(a) colaborador(a), é “Você conhece a prática do Responso?” Foram 96,1% respostas “sim” e 3,9% “não”, como apresenta o gráfico 4. É uma porcentagem significativa, a grande maioria dos colaboradores conhece a prática do Responso, o que é mais um demonstrativo da popularidade do Responso em Mostardas.

Gráfico 4 - Você conhece a prática do Responso?

Você conhece a prática do Responso?

181 respostas



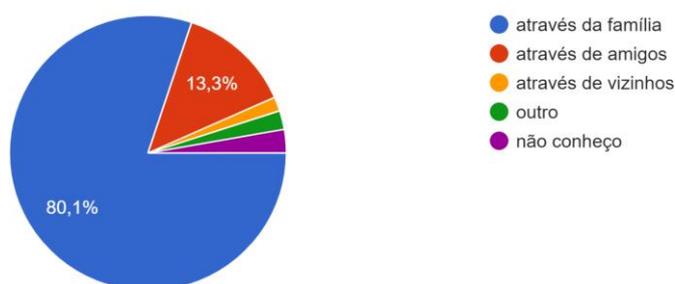
Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

A próxima pergunta foi “Como você conheceu o Responso?”. As respostas apontam para a família como principal meio pelo qual as pessoas conhecem o Responso, como mostra o gráfico 5. Nessa pergunta, apenas cinco pessoas marcaram o item “não conheço”, significando que das sete pessoas que marcaram “não” para a pergunta anterior, duas conhecem, de alguma forma, ou pelo menos já ouviram falar através da família, amigos, vizinhos ou outros. Essa pergunta foi importante para mapear de que forma o Responso “chegou” até as pessoas, levando à discussão sobre transmissão cultural.

Gráfico 5 - Como você conheceu o Responso?

Como você conheceu o Responso?

181 respostas



Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

Um conceito importante para a construção deste capítulo, e para a compreensão da prática do Responso em Mostardas, é o de transmissão,

intergeracional, principalmente familiar, mas não somente. Transmissão intergeracional, “compreende a travessia de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente” (LISBOA; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2007, p. 52). A adesão à prática do Responso, a confiança na responsadora ou responsador e a fé na prática e em Santo Antônio são herdadas pela transmissão intergeracional. E, como apontam os resultados do formulário e as entrevistas, é sobretudo no âmbito familiar que as pessoas conhecem o Responso e aprendem a considerá-lo uma opção para encontrar algo perdido. Assim, a prática do Responso é uma cultura passada de geração em geração, como apontam também alguns trechos das entrevistas:

Eu acho que a primeira lembrança que eu tenho do Responso faz muitos anos, eu ainda era criança. A minha mãe trabalhava na Vó Tota e é na frente da casa do seu Nilo [...] e ela perdeu um celular dentro da creche, tipo, sumiu, e uma colega dela disse pra ela que o seu Nilo responsava, meio que contou assim o que que era. Me lembro mais ou menos disso, e aí ela foi lá e responsou com ele. [...] e a partir dali ela me falou e foi aí que eu fiquei sabendo e acreditando também [...] (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023).

Eu acho que vem de sempre, que eu me lembre, assim, eles [pais] falavam, caso sumisse um bicho, ou se extraviasse uma coisa, “vai la no fulano responsar” “vai na dona Catarina” [...] “vai ali...” (Márcio da Costa Carneiro, 27/12/2022).

Mas eu acho que também tem a ver isso, com a influência da família da geração né, é que nem aqui em casa... [...] eu acho que tem a ver isso [...] dos pais continuarem mantendo a tradição (Silamar Antiqueira da Silva, 27/12/2022).

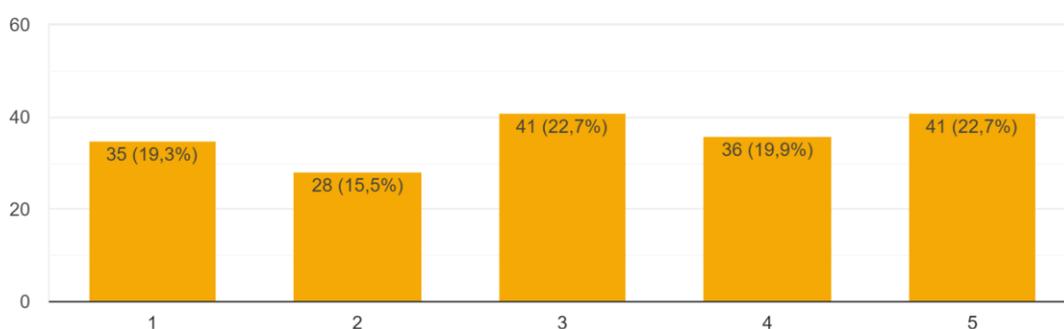
Como fica evidente, a transmissão intergeracional familiar é muito presente nos três relatos. No caso de Julia, ela conheceu o Responso a partir da experiência da mãe, quando ainda era criança, e, desde então, ela acredita e procura o Responso e sua crença se consolidou. No entanto, a mãe de Julia, por sua vez, teve contato com a prática do Responso através de uma colega de trabalho. Julia conta que acredita muito e recomenda para os amigos que não conhecem a prática ou nunca “mandaram responsar”: “eu acredito muito, todo mundo perdia as coisas e eu levava todo mundo no Responso, eu levei a Vitória, levei a Adriele, [...] porque de alguma forma parece que ajuda”. Assim, as relações sociais extrafamiliares também constituem importantes meios de transmissão cultural e esse caso ajuda a ilustrar a importância do compartilhamento de relatos e indicação para a manutenção e continuidade da prática.

Ao questionar o nível de proximidade do colaborador com o Responso, busquei perceber se a prática é presente no seu cotidiano, se é algo com o qual se tem um certo contato, níveis de 3 a 5, ou, se a prática do Responso é algo que o colaborador conhece, mas não possui muito contato, níveis 1 e 2. As respostas ficaram bem distribuídas (Gráfico 6)

Gráfico 6 - Qual seu nível de proximidade com o Responso?

Qual seu nível de proximidade com o Responso? (onde 1 significa que conhece pouco e 5 significa que conhece bastante)

181 respostas



Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

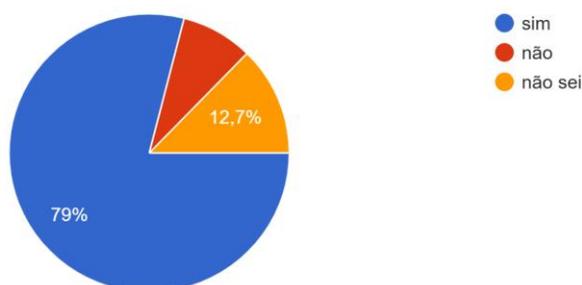
Analisando melhor essa pergunta, acredito que ela pode ter causado dúvidas durante o seu preenchimento e não tenha sido respondida da forma como era esperado, pois mesmo alguém que conheça o Responso há muito tempo e costume recorrer à prática, pode considerar que conhece pouco por não saber muito sobre como ela acontece.

Uma das perguntas mais subjetivas do formulário foi “Você acredita em Responso?” cuja maioria (79%) das respostas foi “sim” (Gráfico 7), 8,3% responderam “não” e 12,7% “não sei”. É interessante observar que muitas das respostas “não sei” vieram de pessoas que compartilharam relato de uma experiência positiva com o Responso, mas muitos consideram que pode ter sido uma coincidência. Já as respostas “não”, por vezes vieram acompanhadas de uma justificativa no espaço destinado ao compartilhamento de experiências, revelando que na maioria das vezes em que recorreram ao Responso o objeto não foi encontrado e por este motivo não acreditam. Este aspecto será melhor explorado posteriormente ainda neste capítulo.

Gráfico 7 - Você acredita em Responso?

Você acredita em Responso?

181 respostas



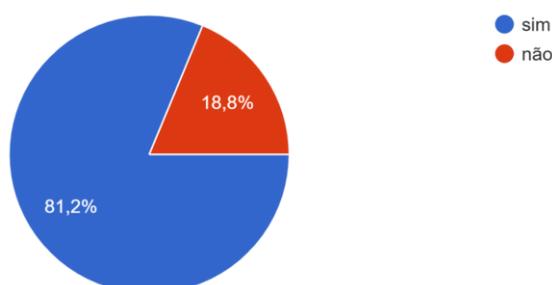
Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

A pergunta seguinte foi “Você já "mandou resposar" objetos/animais perdidos?” ao que a maioria, 81,2%, dos colaboradores respondeu afirmativamente (Gráfico 8). Essa pergunta é essencial para a pesquisa, pois seu resultado demonstra que a prática do Responso é procurada e utilizada pela comunidade mostardense, não é algo do qual somente ouviram falar ou conhecem por terceiros. A maior parte das pessoas que responderam o formulário já “mandaram” resposar algo e possuem suas próprias experiências e relatos, o que fortalece a prática e dá continuidade a ela.

Gráfico 8 - Você já mandou resposar objetos/animais perdidos?

Você já "mandou resposar" objetos/animais perdidos?

181 respostas



Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

Mesmo considerando que o formulário tenha limitações, essa é uma amostragem significativa que demonstra que a prática é amplamente conhecida e utilizada, e reforça a justificativa e o desenvolvimento do trabalho. Essa pergunta veio somar a uma preocupação abordada também nas entrevistas: se a prática do Responso estaria se perdendo com o tempo, se a procura estava diminuindo ou se se mantinha, principalmente, entre os jovens, se consideravam a prática e a procuravam. Através dessa questão do formulário, entendo que a prática segue atual e que as pessoas continuam procurando e utilizando, sobretudo as gerações mais novas, pessoas de até 45 anos, que formam a maioria dos colaboradores (65,2%). Como já foi divulgado, 4 (2,20%) pessoas, menores de 18 anos, responderam o formulário, e as 4 já “mandaram responder” um objeto/animal perdido, sendo que 3 afirmaram que acreditam no responso, enquanto uma marcou a opção “não sei”. Embora o número seja pequeno, ele indica que, de alguma forma, a nova geração está tendo acesso à prática⁹⁶.

Nas entrevistas realizadas, ao abordar a questão da procura pelos mais jovens ao Responso, as narrativas apontaram para os dois lados. Alguns depoentes acreditam que a prática está se perdendo, enquanto outros acreditam que ela se mantém. Raíssa Dias, de 16 anos, é neta da responsadora Vera Marta, e conta que quando está com a avó, percebe que a procuram bastante:

Às vezes eu tô lá e ficam ligando pra ela aí eu fico “que que tão te ligando?” Aí ela fala “ah, é pra responder alguma coisa, pra dizer que achou alguma coisa” [...] a vó, como ela mora lá fora é bem difícil falar com ela e aí o telefone dela as vezes não entra mensagem, aí quando ela vem a Mostardas ela vai ver tem um monte de mensagem de pessoas pedindo pra responder [...] (Raíssa Bitencourt Dias, 27/12/2022).

Mas, ela também observa que as pessoas mais novas não acreditam tanto, pois duvidam que algo assim realmente funcione:

[...] é uma coisa mais antiga, então acho que eles não acreditam muito, falam “ah acho que não dá certo, como uma pessoa vai dizer onde tá a coisa e tu vai achar?” [...] Eu como cresci desde pequenininha acho que daí acredito mais, porque senão acho que eu também não acreditaria (Raíssa Bitencourt Dias, 27/12/2022).

⁹⁶ Conforme exposto anteriormente, reitero que o formulário possui limitações e que tal análise não pode ser compreendida como de forma a totalidade representativa da população mostardense. Entretanto, aponta dados importantes sobre a prática, e seu uso, no município de Mostardas e que pode ser avaliado em pesquisas futuras.

Raíssa justifica que sua crença no Responso vem do contato com a prática desde a infância, o que confirma a importância da transmissão cultural familiar para sua perpetuação. A fala de Julia Pacheco, de 21 anos, também demonstra essa importância. Ela conta que procura o Responso e acredita, porque foi algo com o qual teve contato através da mãe, que a ensinou sobre a prática. Julia conta que no seu círculo social, não escuta falar muito sobre o Responso, sendo ela a pessoa que conta sobre a prática e indica para os amigos:

Eu acho que um pouco tá ficando pra trás, assim, tá se perdendo. Porque pelo menos eu não ouço falar muito, ouvi falar quando minha mãe falou e aí eu quero responder tudo, né? Mas *pras* pessoas, tipo, que nem a Dani, a Vitória, meu colega, ninguém nunca tinha ouvido falar, sabe? [...] não ouço falar muito do Responso, eu que gosto de responder e vou falar *pras* pessoas (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023).

Assim, através das falas de Raíssa e Julia, nota-se que entre essa faixa etária, é possível que a prática do Responso não seja tão popular quanto nas demais. Ana Lucia Libano, acredita que o Responso é mais procurado por pessoas de meia idade em diante, entretanto, trabalhando em uma escola de Ensino Médio, observa que os jovens ainda recorrem:

Eu vejo assim, mais assim da faixa etária de meia idade adiante, assim, os mais novos já não tão tanto, mas assim mesmo, quando perdem alguma coisa ainda lembram. Eu vejo lá na escola, assim, que as vezes alguém perde e lembra de ligar pra Terezinha pra mandar responder [...] acredito que ainda tá bem marcante. Esses tempos também, eu ia indo lá no centro e encontrei uma professora, também tinha perdido um anel, uma coisa e ela disse que ia ligar pra Terezinha pra responder. [...] ainda continua, assim, eu acredito que tem muitos ainda, novos, que tão nessa crença ainda, nessa fé (Ana Lucia Souza Libano, 01/09/2019).

Dinara Silva (30/01/2023) pensa que “tá se perdendo porque muita gente deixou de acreditar [...] ou acredita menos [...] não é mais que nem era antes”. Nesse sentido, Aura alega que

A tendência é que se perca por isso [...] cada vez assim, o mundo tá cada vez mais cético [...] tem muita coisa que a gente não consegue explicar, explicar racionalmente, aí hoje em dia as pessoas são assim, se não tem uma explicação racional parece que não, não dá para acreditar (Aura Maria Teixeira Stephanou, 18/01/2023).

Essas narrativas expressam que a fé, como apontado no item 2.3, é o que dá sentido à prática do Responso. E a fé no Responso também é herdada no

âmbito familiar e estimulada socialmente, quando isso não ocorre, tende-se a não acreditar ou duvidar.

Algumas narrativas apontam para questões mais práticas e materiais que poderiam justificar a possível diminuição da procura pelo Responso. Gladimir Lopes (27/01/2023) salientou que as coisas estão mais descartáveis “perdi um celular’ já nem procura mais, porque já cancela aquele chip lá e já compra outro celular [...] acho que as coisas estão mais descartáveis [...]”, ele também deu o exemplo de os campos estarem mais bem cercados, então dificilmente se perde um animal, a não ser por roubo. Márcio Carneiro e Magda Vieira (27/01/2023) também argumentam nessa direção, falando que antigamente havia mais “necessidade” do Responso, pois da mesma forma que as pessoas “se agarravam” à benzeduras devido à dificuldade do acesso à médicos e hospitais, se agarravam ao Responso porque não tinham outros meios que facilitassem a busca por algo perdido:

Márcio: e a tecnologia chega, né, se sumiu uma vaca, o cara que tem uma foto no telefone ele bota no *facebook*, num grupo... ele não vai lá responsar, ele divulga... [...]

Magda: mesma coisa, nós temos o grupo da comunidade aqui, o último caso que deu foi o sumiço de um cachorro, aí botou no grupo “ah meu cachorrinho assim, assim” e aquilo [...] todo mundo visualizou... “eu vi, tava na minha porteira hoje de manhã assim, assim...” foi lá, achou, né, aí nessa questão o responso já não é mais procurado (Márcio da Costa Carneiro; Magda Carneiro Vieira, 27/01/2023)

Dentro desse contexto de uma sociedade mais desenvolvida e avançada tecnologicamente, tais práticas, como a benzedura, o ofício das parteiras e o Responso, vão perdendo espaço. Contudo, quando uma prática é instituída culturalmente e possui manutenção, ela resiste, como o Responso em Mostardas. Embora a comunidade acredite que um pouco da força do Responso esteja se perdendo e identifique elementos que fazem com que isso aconteça, os responsadores afirmam que a procura se mantém. Vera Marta (29/01/2023) disse que “ultimamente mesmo, é muita gente pedindo pra responsar, ontem mesmo tive que fazer três responsos”, Iolanda Bandeira (17/03/2022) também afirma que sempre tem alguém que a procura “seja *pra* responso ou benzedura”, Nilo Chaves (21/06/2019) comunicou que “vem muita gente aqui” e Irma e Jurema (21/12/2022), veem que, na verdade, a procura não diminuiu e segue se mantendo, pois é uma tradição:

Irma: Olha, pra mim tem aumentado e não diminuído.

Jurema: o pessoal que vive no interior eles acreditam muito nessas coisas, né, principalmente Responso [...] é uma tradição, então tem muita procura [...]

Irma: eu aqui tenho bastante, olha... quase todo dia tem alguma coisa de responso, quase todo dia... (Irma Conceição Lemos; Jurema da Silva Lima, 21/12/2022).

Vera Marta (29/01/2023) também tem a mesma percepção, diz que a procura pelo Responso continua “até agora, até aqui continua, desde que iniciou continua sempre... cada dia um, dois, três [...] toda semana é uns quantos, eu nem conto [...]”. Contudo, o aumento no número de pessoas devotas à religião de base pentecostal, chamados evangélicos, parece ser um fator que contribui para a possível perda ou diminuição da procura pelo Responso, como aponta a narrativa da responsadora Vera Marta (29/01/2023), ao dizer que o Responso pode estar se perdendo, porque o pessoal que geralmente faz esse tipo de prática “é o católico e o católico tá se perdendo muito, tá indo muito pra outras religiões”, quando questionei quais religiões, disse que seriam as evangélicas. Do mesmo modo, Menezes (2005, p. 25) aponta que “Os dados censitários das últimas décadas explicitam no Brasil uma redução crescente do percentual de católicos no conjunto da população”, enquanto “nota-se um aumento significativo dos que se declaram evangélicos”.

Sobre o perfil da comunidade adepta, o formulário aponta para um grupo bastante diverso, apareceram religiões distintas, todas as faixas etárias, pessoas de diversas localidades do município de Mostardas, além da sede, e fora dele, embora a maioria dos colabores fossem mulheres e pessoas com nível de instrução alto⁹⁷. Nas entrevistas com responsáveis perguntei se eles notavam um perfil de quem os procurava, mas as respostas apontaram para um grupo variado:

Vera Marta: É meio misturado, tanto faz, *é homens, é mulheres...* geralmente muito é homem [...] benzer mesmo da ‘bicheira’ mais é homem [...] gente nova também pede, mas gente nova mais é pra coser, benzer do mal jeito.

Sabrina: Aham, e do Responso, procuram também gente mais nova?

Vera Marta: procura, procura, procuram sim (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023).

As falas de Irma e Jurema também seguiram essa perspectiva:

⁹⁷ Dado que também pode ser em razão do acesso à tecnologia e a limitação do formulário.

Jurema: Olha, já teve uma época, né, mãe, que era mais as pessoas de mais idade.

Irma: É, e mais mulheres.

Jurema: Mas agora, tá muito... não dá pra dizer [...] não tem um perfil

Irma: Tá parelho... aparece novo, aparece velho, aparece mulher, aparece homem. Tá meio parelho a coisa.

Sabrina: E gente nova, assim, procura também?

Jurema: Bastante [...] (Irma da Conceição Lemos; Jurema da Silva Lima, 21/12/2022).

É importante apontar para o fato de que foram mais mulheres que responderam ao formulário e de que, como indicam Irma e Jurema, em dado momento já foi possível aferir que mais mulheres a procuravam, ainda que elas também tenham confirmado de que não há um perfil único e uniforme de pessoas que procuram. Por outro lado, tanto a maioria das mulheres nas respostas do formulário, quanto a referência da grande procura por parte de mulheres, reforça, mais uma vez, a predominância feminina e o papel das mulheres na prática, conforme foi abordado no capítulo anterior. Papel que não fica restrito ao conhecimento enquanto responsáveis, mas na garantia da sua continuidade através do incentivo e na crença da prática enquanto adepta à ela. Dessa forma, retomo a ideia defendida por Rubino e Fontenele (2020, p. 133): “nesses saberes tradicionais, o peso da oralidade e da transmissão pelo saber e fazer é característico da atuação feminina”.

Os dados do formulário e as narrativas das entrevistas se complementam e permitem conhecer relativamente a comunidade adepta. O formulário foi importante, mas não dava conta de alguns itens necessários como entender de que forma a comunidade adepta entende e pensa o Responso, ou que importância atribui à prática. Por este motivo, as entrevistas⁹⁸ orais foram essenciais, pois as narrativas permitem chegar às percepções da comunidade sobre a prática do Responso e ter dimensão sobre a transmissão, continuidade, relação com os responsáveis e sobre o lugar que a prática ocupa no cotidiano.

A partir das narrativas da comunidade adepta, é possível identificar a ideia de misticismo a qual me referi na introdução deste trabalho. Ao serem questionadas sobre como entendiam o Responso, surgiram respostas como: “às

⁹⁸ Entrevistas realizadas no formato semi-estruturado, buscando compreender as relações que cada pessoa possui com a prática do Responso e suas experiências. Os roteiros constam no Apêndice B.

vezes eu fico pensando assim, como né... será que dá certo? porque é uma coisa meio diferente..., mas sempre da” (Raíssa Bitencourt Dias, 27/12/2022) e:

A minha mãe fala que a pessoa tem uma fé ou um dom de conseguir... é... rezar pra [...] conseguir ver [...] eu acho que é um pouco difícil explicar, né? [...], mas pra mim é alguém que tem um dom, tem uma fé, que consegue responder (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023).

Essa questão do responso é um troço surreal, assim, porque é uma coisa, que nem diz o Marcinho, tu tendo fé, o responsador coloca pra ti ali, parece assim que mostra o caminho, e pode passar tempo, mas é aquilo ali que ele falou, parece assim que ele vê o futuro, ele vê o momento que aconteceu aquilo ali, é uma coisa assim surreal, sei lá... (Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022).

As expressões “é uma coisa meio diferente” e “é um pouco difícil de explicar” exprimem o quanto a prática do Responso foge da nossa capacidade de racionalização, atingindo essa aura mística, reforçada pela definição “É realmente um mistério”⁹⁹ e por adjetivos atribuídos à prática como “incrível” (Alberi Santos Araujo, 20/09/2019) e “surreal” (Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022). Além disso, a fala de Magda manifesta a ideia do responsador enquanto alguém que possui traços peculiares em relação aos demais indivíduos, pois seria capaz de “mostrar o caminho”, “ver o futuro”, “ver o que aconteceu”.

Além da associação do Responso a algo místico, também pude verificar que a comunidade relaciona o Responso à tradição, como algo herdado “dos antigos” e que perdura no tempo: “Responso é uma coisa muito antiga, desde... muito antigo. Meu pai, minha mãe sempre falavam que quando perde uma coisa tu manda responder” (Ana Lucia Souza Libano, 01/09/2019), “eu já expliquei para várias pessoas: manda responder, manda responder que aparece, mas é bem aquilo assim, acho que é muito, muito, muito da tradição e de tu acreditar [...]” (Aura Maria Teixeira Stephanou, 18/01/2023), e “aqui o Responso bem dizer é uma tradição, é uma cultura que a comunidade, não só aqui a comunidade [dos Teixeiras] como o município de mostardas, né, eu acho que isso vem muito dos antigos, eu acho não, veio dos antigos” (Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022). Essas falas expressam que a comunidade é ciente do aspecto tradicional e cultural do Responso em Mostardas.

⁹⁹ Resposta do Depoente 55 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

As questões de dom e fé também apareceram de forma preponderante, além da fala já mencionada de Julia, para Raíssa (27/12/2022) o Responso “é uma coisa que tem que ter fé e acreditar”, para Hilma (30/04/2018) “o responso é um dom [...] e depende muito da pessoa fazer com fé e acreditar” e Aura (18/01/2023) entende que “tem que ter a fé e o dom junto para realmente funcionar bem”. Silamar, ainda atrela o Responso à uma oração de fé: “O que que é no meu entendimento o Responso? Tu *faz* uma oração com muita fé *pro* Santo Antônio, né, pra ele te mostrar onde está o objeto” (Silamar Antikeira da Silva, 27/12/2022).

Assim, após avaliar as narrativas por parte da comunidade adepta acerca do Responso, pode-se determinar que o entendimento da prática é pautado em 4 pontos principais: misticismo, tradição, fé e dom. Contrapondo as percepções dos adeptos com as dos responsadores, identifica-se que os últimos atrelam o Responso muito mais aos dois últimos elementos, fé e dom, conforme foi apresentado no capítulo 2 desta dissertação.

3.2. “Foram muitas coisas responsadas e encontradas”¹⁰⁰

Ouvir os casos de quem “manda responsar” bens perdidos, esquecidos ou roubados pode ser, no mínimo, intrigante. É comum ouvir que “parece mentira”, mas, como diz uma resposta do formulário “É realmente um mistério, mas “funcionam” de verdade!”¹⁰¹. No formulário havia um espaço destinado ao compartilhamento de experiências com o Responso, e dos 181 colaboradores, 52 (28,7%) relataram experiências com a prática. Esses relatos contam, em sua maioria, histórias com desfecho positivo em relação ao Responso, ou seja, nas quais o bem responsado foi encontrado. Além disso, os relatos são importantes para ilustrar a importância e a presença dos elementos presentes no Responso, abordados anteriormente.

¹⁰⁰ Resposta do Depoente 15 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹⁰¹ Resposta do Depoente 55 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

Existe uma consciência por parte da comunidade adepta com relação ao que pode, ou não, ser responsado. Os bens considerados mais “dignos” de Responso podem ser distribuídos em quatro grupos: de valor afetivo, de valor monetário, de valor funcional/prático e animais. Entende-se que não se deve responsar “qualquer coisa”, mas sim, aquilo que é, de fato, importante, como evidenciado na fala de Aura (18/01/2023): “não é qualquer besteira, qualquer coisa”, deve-se responsar algo “de valor ou de valor sentimental que seja... Não dá para tá incomodando o santo por qualquer coisa”. Do mesmo modo, deve-se pedir o Responso somente após já ter procurado o bem perdido e não encontrado, como disse Raíssa: “Quando já procurei muito, muito, alguma coisa que eu perdi e eu não acho, aí eu ligo e peço”. Esses trechos demonstram que há uma avaliação cautelosa sobre quando solicitar a mediação dos responsadores para localizar um objeto. Essas atitudes demonstram uma valorização da prática, do conhecimento e do tempo dos responsadores, e estes não devem ser banalizados e/ou desperdiçados.

A importância que cada indivíduo atribui a seus objetos é pessoal, e muitos deles possuem valor indescritível, no sentido de que há “aspectos simbólicos e imateriais que permeiam o universo da materialidade” (NERY, 2017, p. 145). Objetos como joias de família possuem esse valor, e são vários os relatos de Responso, principalmente, de anéis que pertenceram a mães e avós, ou anéis de 15 anos, compartilhados através do formulário. O Responso é um auxílio, uma possibilidade a mais de conseguir recuperar o bem perdido, que, nesses casos, mais do que recuperar um objeto, é recuperar uma memória, pois, os objetos herdados representam algo, ou alguém, que não mais está presente. Tais objetos “que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica” (NERY, 2017, p. 145), constituindo “pontes de memória”, uma vez que “são objetos afetivos que carregam em sua materialidade um universo de imaterialidades, de lembranças, histórias, narrativas, identidades e esquecimentos” (NERY, 2017, p. 153). Quando algo assim é perdido, entende-se a magnitude do Responso, e do responsador, enquanto alguém que representa a esperança de recuperar aquilo que não pode ser substituído. Os relatos a seguir demonstram esse tipo de episódio:

Perdi um anel, que foi minha vó *quem* me deu, fiquei muito triste, pois tinha todo um valor sentimental, fiquei desesperada para encontrá-lo, procurei por tudo, e não encontrei ele. Então mandei responder, o "responsador" mandou eu continuar procurando que eu ia encontrá-lo, pois não tinha sido roubo, o anel estava próximo de mim, procurei por mais dois dias e não encontrei. Novamente liguei pra ele chorando e disse que não tinha encontrado, ele falou pra eu ficar calma que ele ia encontrar. Daí ele foi aonde eu trabalhava e encontrou o anel, em questão de minutos. Experiência incrível. Sou muito grata, e acredito muito no responso.¹⁰²

Fui algumas vezes responder, a última vez foi quando perdi meu anel de 15 anos na volta do colégio onde passei diversas vezes procurando e umas 3hrs depois já sem esperanças eu fui no seu Nilo e ele me falou que estava no caminho do colégio com certeza e em cima da calçada que ninguém tinha pego e eu fui direto refazer o caminho, o anel estava lá bem em cima da calçada onde qualquer um poderia pegar.¹⁰³

No mesmo sentido de algo irrecuperável, estão os animais de estimação. Se um objeto pode ter valor inestimável, um animal de estimação ainda mais. Nesse caso, também é muito recorrente a procura pelo Responso em casos de animais sumidos. No desespero de procurar seu bichinho pelas ruas sem sucesso, o responsador age como uma espécie de salvador.

O cachorro do meu padrasto tinha sumido, e mandamos responder, no mesmo dia, mais tarde, claro, achamos ele.¹⁰⁴

Minha cachorrinha era de canil e tem vários traumas, um deles é tempestade. Em uma fuga de casa por causa do tempo, ela ficou 5 dias sumida e nesse período eu estava em São Paulo. A mãe não queria me contar que ela estava desaparecida e nesse meio tempo ela recorreu a vários métodos e um deles foi o responso. Quem respondeu foi a Mãe Jurema e ela conseguiu ver que a Fiona estava para o lado da Rodoviária, ela foi encontrada na escola Padre Simão [em frente à rodoviária].¹⁰⁵

Sou natural de Rio Grande, moro em Mostardas há pouco mais de 5 anos. Nunca tinha ouvido falar em Responso, até vir morar aqui. Na primeira vez que ouvi falar sobre Responso eu não entendi direito, então entrei na internet para ler mais sobre o tema, encontrei um trabalho de pós, se não me engano, que falava sobre responder. Até que ano passado meu gato, castrado, que nunca sai de casa, sumiu. Eu estava muito abalada, até que umas colegas me sugeriram responder. Me passaram o contato do Seu Nilo, liguei, ele fez algumas perguntas, como cor e última vez que tinha sido visto, pediu que eu ligasse daí 10 minutos. Ao ligar ele me disse que meu gato estava caminhando pela rua e que voltaria sozinho para casa. No outro dia

¹⁰² Resposta do Depoente 68 coletada através do formulário "Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS" na data 09/03/2022.

¹⁰³ Resposta do Depoente 177 coletada através do formulário "Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS" na data 24/06/2022.

¹⁰⁴ Resposta do Depoente 36 coletada através do formulário "Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS" na data 08/03/2022.

¹⁰⁵ Resposta do Depoente 67 coletada através do formulário "Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS" na data 09/03/2022.

meu gato voltou sozinho. Liguei para avisar o tio Nilo e agradecer. O responsável não cobra, se a pessoa quiser e puder pode dar alguma coisa.¹⁰⁶

Uma vez, minha gatinha se perdeu na praia. Voltei pra cidade e respensei, e a pessoa que fez o responso, me disse que ela estava viva, com sede e com fome, que estava em um lugar alto, próximo da minha casa. Voltei na praia, e à noite comecei a procurar, pois era pra procurar ao escurecer. E na casa de um vizinho, ela estava escondida embaixo da caixa d'água.¹⁰⁷

O primeiro relato evidencia a confiança na prática do Responso através da interjeição de concordância “claro”, como se, ao mandar responder, fosse óbvio que o animal seria encontrado. Demonstrando o quanto a fé na prática é forte e primordial para que ela exista e seja procurada pela comunidade. O segundo e o quarto relato trazem fortemente a presença da visão na prática: a responsável Jurema apontou a direção onde Fiona estava, dando um ponto de referência que se confirmou certo, e a gatinha foi encontrada da maneira como foi informado no Responso: em local alto - na caixa d'água - e próxima à casa - na casa do vizinho. Desse modo, percebe-se que as “dicas” dadas no momento do Responso foram objetivas e corretas. O terceiro relato também apresenta a visão e o êxito do Responso, pois o gato retornou para casa sozinho como havia sido dito por Nilo.

Além dos animais de estimação, por ser um município bastante rural, os animais de campo como vacas e ovelhas também são constantes alvos de Responso.

Um gado que sumiu do campo, foi feito o responso e foi dito para onde teria ido. Foi encontrado.¹⁰⁸

Sempre que a gente perde algum animal ou algo de muito valor pedimos responso. Mas a última foi duas vacas e duas terneiras que saíram de um campo e não conseguimos encontrar, fomos pedir [responso] ele deu as dicas e assim encontramos.¹⁰⁹

Márcio e Magda (27/12/2022) contaram um episódio no qual houve um roubo de gado e ao pedirem para Nilo responder foi dito que quem roubou iria

¹⁰⁶ Resposta do Depoente 149 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 18/03/2022.

¹⁰⁷ Resposta do Depoente 78 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹⁰⁸ Resposta do Depoente 9 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹⁰⁹ Resposta do Depoente 10 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

voltar e eles iriam ver com os próprios olhos. Por volta de quinze dias depois, se depararam com um carro atolado dentro da propriedade e algumas vacas baleadas, chamaram a polícia e enquanto aguardavam, passou outro carro como que “rondando”, com dois homens estranhos que eles acreditam serem os autores do primeiro delito, que, como Nilo havia dito, iriam voltar.

Hilma (30/04/2018) conta sobre um episódio no qual sumiram suas 19 ovelhas do campo:

As ovelhas foi o ano passado né, [...] *tavam* no pasto ali e sumiram, quando fui pegar pra botar na encerra não *tavam*. Aí eu mandei responsar no outro dia de manhã. Pedi pra responsar e o senhor que responsou disse que eu procurasse na distância que eles *tavam* longe, tinham sido tocados pra um lugar longe, mas que eu procurasse que achava. Como de fato, no outro dia um sobrinho meu saiu a procura e elas *tavam* onde ele tinha dito e trouxe de volta e elas tão no campo até hoje. Conforme ele disse que procurasse, eu procurei e encontrei [...] ele mandou seguir o rastro, seguir o rumo que elas tinham desaparecido que eu ia encontrar, só que elas *tavam* bem distantes, numa reserva presas. E como de fato elas *tavam* nessa reserva e foram encontradas (Hilma Rosa Kenne Machado, 30/04/2018).

Alberi Santos também relatou ter mandado responsar cabeças de gado roubadas, caso exposto anteriormente (p. 123), e existem outros relatos, como o de Márcio e Magda, que relataram o Responso de uma porca que havia desaparecido. No Responso de Nilo Chaves foi dito que a porca estava presa próxima a eles e que seria encontrada. 14 dias depois, encontraram a porca que estava presa dentro de um cano em frente a uma porteira próxima, eles contam que ela “entrou de frente e não atinou a vir de ré, tinha areia na frente não dava pra sair”. Mesmo passando 14 dias presa, a porca sobreviveu e se recuperou. Como dito no Responso, estava próxima e foi encontrada.

Outra categoria de bens comumente responsados são aqueles de valor funcional/prático, como documentos. Magda contou que em sua casa se recorre ao Responso principalmente

Quando se perde uma identidade, um documento, aí a gente pensa “bah, vou ter que fazer de novo, uma segunda via” é mais por essas coisas assim, é bicho em primeiro lugar e quando é papel, documento importante que a gente precisa daquilo ali e não acha (Magda Carneiro Vieira, 27/12/2022).

A responsadora Irma mencionou que costuma responsar documentos como carteira de identidade, carteira de motorista e até mesmo papéis relacionados a consultas médicas. Os relatos a seguir contam sobre documentos responsados:

Há algum tempo perdi um documento importante, pedi para Terezinha Araujo responder. Ele me dizia que estava atrás de uma madeira clara, procurei novamente em todos os lugares que podiam estar. Encontrei o documento na parte de trás da gaveta que eu havia guardado, gaveta essa de cor bege.¹¹⁰

Meu filho perdeu a carteira de motorista, fomos até o Sr Nilo Chaves e ele falou que a carteira estava em um lugar com muitos movimentos. Talvez não fosse encontrar a mesma. E nós achamos que ele perdeu ela no mar, pois ele tinha colocado no bolso de uma bermuda e foi tomar banho no mar. Resumindo nunca achou a carteira.¹¹¹

Nesse mesmo grupo de objetos, entram também cartões bancários¹¹², chaves, carteiras, óculos de grau e celulares, estes dois últimos também de valor monetário. Ana Lucia conta que já perdeu vários óculos, alguns mesmo após responsáveis nunca foram encontrados, mas teve uma vez em que ao perder óculos de grau, pediu para Tio Nilo responder:

O Nilo disse que *tava* onde eu pensava que *tava*, como eu cheguei da praia e guardei ali em cima da mesinha no quarto e era ali que eu imaginava e nunca achei, ficou... aí procurei em outros lugares e nunca achei, nunca achei... aí um dia fui arredar a cama e colchão, tava embaixo do colchão, acho que ele caiu, escorregou e ficou embaixo do colchão (Ana Lucia Souza Libano, 01/09/2019).

Como dito no Responso, estava onde ela pensava, pois havia largado os óculos na mesinha que fica ao lado da cama, mas ele caiu de modo que ficou embaixo do colchão. Uma resposta do formulário narra o Responso de um celular:

Perdi meu telefone e depois de muito procurar e não encontrá-lo pedi pro Tio Nilo responder e ele me disse que eu encontraria, que estava em meio a umas plantas, talvez um vaso grande, plantas que poderiam estar em vaso ou não, mas em casa, e como tenho muitas plantas lembrei que tinha podado, limpado, arrumado os vasos para depois cortar a grama, e procurei muito por todo o pátio e nada de achar, passou alguns dias, choveu e eu sem telefone e pensando que *tava* na rua ia molhar e aí se achasse nem ia prestar mais, até que achei em um cantinho entre a cerca e o portão em meio as espadas de São

¹¹⁰ Resposta do Depoente 52 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹¹¹ Resposta do Depoente 23 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹¹² A última vez que perdi meu cartão bancário pedi para o seu Nilo responder, ele havia me dito que o cartão estava dentro de um bolso ou bolsa que estava no chão ou próximo ao chão. Após procurar em todos os bolsos de roupas e bolsas/mochilas sem sucesso, encontrei o cartão dentro de um estojo que estava na última prateleira da estante, ou seja, a mais próxima do chão. É interessante perceber que a visão de Nilo se aproximou bastante do local onde foi encontrado o cartão, pois um estojo fechado realmente lembra um bolso/bolsa.

Jorge, na hora lembrei do Tio Nilo porque era muito claro o que ele me disse, exatamente como ele falou.¹¹³

Outros relatos do formulário podem elucidar essa categoria de Responso, como este de um molho de chaves: “Foi perdido um chaveiro com várias chaves e Tio Nilo responsou dizendo que dentro de três dias iria aparecer e em três dias o chaveiro apareceu”¹¹⁴. Muitos relatos coletados no formulário apresentam como bem responsado carteiras:

Minha carteira com dinheiro e *tds* documentos e cartões. Minha carteira sumiu no meu ambiente de trabalho, e pedi que responsasse, e foi dito que pegaram, mas eu iria achar achada atirada, alguns dias depois um homem encontrou meus documentos e cartões dentro de um saco, atirada no pátio dele, e me reconheceu e devolveu.¹¹⁵

Perdi minha carteira com os documentos dentro e fui responsar com o tio Nilo. Ele me disse que já tinha sido encontrada e que a pessoa que encontrou ia me procurar, e realmente a pessoa que achou me procurou pra me entregar.¹¹⁶

Perdi minha carteira. O tio Nilo me disse que ela estava na posse de alguém e que essa pessoa se arrependeria e deixaria num lugar de fácil acesso para mim. Passados uns dias, a carteira foi deixada no meu trabalho.¹¹⁷

Outros relatos nesse sentido já foram apresentados anteriormente no trabalho. Objetos como brinco de ouro, relógios, alianças e mesmo quantias em dinheiro estão inseridos nos bens de valor monetário. O objeto do relato a seguir, também possuía valor afetivo, pois havia sido um presente:

Pedi pra responsar o brinquinho da minha caçula que era bebê e tinha perdido o brinquinho de ouro, presente da dinda, também já havia procurado muito na casa toda e já achava que tinha perdido na rua, então fui no tio Nilo e ele me disse que estava em casa, preso em uma roupa verde da nenê ou uma roupinha da cama, uma mantinha, que parecia estar no berço. Na hora lembrei do cobertor que era verdinho e chegando em casa fui direto procurar e estava mesmo, encontrei presinho na costura da barra da coberta verde.¹¹⁸

¹¹³ Resposta do Depoente 80 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹¹⁴ Resposta do Depoente 73 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹¹⁵ Resposta do Depoente 32 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹¹⁶ Resposta do Depoente 34 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹¹⁷ Resposta do Depoente 131 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 16/03/2022.

¹¹⁸ Resposta do Depoente 80 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

Os relatos expostos contam casos de Responso dos bens mais comuns de serem responsados e demonstram, mais uma vez, a presença da visão na prática, como no último relato no qual Nilo deu, novamente¹¹⁹, uma cor como referência. Além disso, percebe-se marcante a menção ao responsador Nilo Chaves, que, de acordo com os dados do formulário e com os relatos, é o responsador mais conhecido e procurado da região, como foi mencionado no capítulo 2. Todos os bens relatados foram recuperados, acredita-se, através da prática do Responso.

Um último exemplo de histórias de Responso coletadas nesta pesquisa, são os casos de Responso de bens furtados, pois como dito em uma resposta do formulário, “O responso não é apenas para coisas perdidas, algumas coisas roubadas também foram encontradas”¹²⁰. Alberi (20/09/2019) conta um caso interessante, novamente protagonizado pelo responsador Nilo Chaves, no qual pediu o Responso de bens furtados de sua casa em um episódio de arrombamento. Ele deu queixa na delegacia, mas também mandou responder. Nilo disse a ele que os bens furtados estavam muito próximos à sua casa “tá bem pertinho” e que algumas coisas seriam recuperadas. O desfecho da história foi que o autor do furto havia sido um vizinho, dessa forma, alguns bens foram encontrados na casa dele, ou seja, “bem pertinho” da casa de Alberi, conforme dito por Nilo no responso.

Os casos e histórias aqui compartilhados, coletados nas entrevistas ou no formulário, certamente, já foram compartilhados antes com familiares e amigos, e essa ação contribui para a construção da memória social do Responso em Mostardas. Os relatos dizem respeito a experiências com o Responso, em sua maioria, experiências individuais narradas em primeira pessoa. Fentress e Wickham (2003) falam que para a memória individual tornar-se social é necessário que se fale sobre ela, assim, os relatos referentes à memória individual quando narrados e compartilhados tornam-se sociais. Os autores abordam a importância dos relatos e histórias, que são assimilados facilmente e

¹¹⁹ Outro relato foi compartilhado anteriormente no qual Nilo informa uma cor como referência de onde procurar o objeto.

¹²⁰ Resposta do Depoente 49 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

“hacen más que representar acontecimientos particulares: conectan, aclaran e interpretan hechos de forma general” (FENTRESS; WICKHAM, 2003, p. 74)¹²¹. Nesse sentido, Bosi (1994) fala a respeito da construção social da memória, na qual

quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma *versão* consagrada dos acontecimentos (BOSI, 1994, p. 66-67).

O fato de se tratar de algo tradicional, que possui muitos adeptos entre a comunidade faz com que um grande número de pessoas já tenha experienciado o Responso, como apontou o Gráfico 8. Mesmo aqueles que nunca recorreram à prática para si mesmos, provavelmente já a tiveram como sugestão ou pelo menos já ouviram falar sobre ela. O grupo procura, acredita, compartilha e indica a prática do Responso, criando esse “universo de discurso” ou “universo de significado”, tal como aponta Bosi (1994), que valida e legitima o Responso. Em contraposição, a ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações leva ao esquecimento, à dúvida ou à hesitação (BOSI, 1994).

Os relatos aqui citados são apenas uma amostra dos tantos que chegaram até mim através da pesquisa. O objetivo deste subcapítulo não foi trazer todos os casos, mas valorizar essas histórias de Responso e destacar que são únicas e possuem cada qual suas singularidades. Porém, mais que isso, é ressaltar que as histórias e relatos carregam e demonstram os aspectos e elementos que constituem a prática do Responso, discutidos no segundo capítulo, e que o compartilhamento dessas experiências é o que a legitima e fortalece, garantindo sua continuidade em Mostardas e constituindo a memória social e cultural em torno do Responso.

¹²¹ “fazem mais do que representar acontecimentos particulares: conectam, esclarecem e interpretam eventos em geral” Tradução livre da autora.

3.2.1 “[...] algumas vezes deram certas outras não”¹²²

Ainda que a maior parte dos relatos coletados seja de experiências positivas sobre o Responso, é importante clarificar que muitas pessoas não acreditam na prática. A pesquisa indica que o Responso é muito utilizado em Mostardas, é uma prática enraizada culturalmente, legitimada pela comunidade e possui um grande número de adeptos, mas isto não significa que a adesão da população mostardense é unânime. No formulário 8,3% das pessoas responderam que não acreditam na prática do Responso, o que é um número baixo quando contrastado com os 79% das pessoas que declaram acreditar. Acreditar ou não acreditar é algo subjetivo e individual de cada pessoa, mas, como foi abordado anteriormente, a crença e a fé no Responso, e em Santo Antônio ou outros santos e orixás, também são transmitidas culturalmente através das gerações. Isto posto, pode-se dizer que Mostardas possui uma cultura de procurar o Responso para auxiliar em caso de objetos e animais perdidos ou roubados, pois a prática possui aspectos tradicionais consolidados e é influenciada também pela existência e crença em outras manifestações culturais presentes no local, como aludido no capítulo 1 desta dissertação.

No entanto, é necessário contemplar a parcela da população que não acredita e não teve experiências satisfatórias com o Responso, principal motivo para não acreditarem na prática, segundo os relatos. Alguns casos de Responso que não deram certo foram relatados:

Um dinheiro do meu marido sumiu do lugar que ele julgou ter guardado, então pedi para a Irma responsar. Ela disse que o dinheiro havia sido roubado e que poderia a pessoa que roubou se arrepender e devolver um pouco. Porém, à noite meu marido lembrou que antes de irmos viajar, ele guardou no bolso interno de um colete e colocou no meio das roupas, porque era uma quantia significativa e ele ficou com medo de deixar no lugar de costume. Ou seja, a mulher errou! Eu que já nunca acreditei só reforcei minha descrença pelo responso. Meu marido por sua vez que acredita fielmente, mandou responsar uma rês que sumiu e também deu divergência entre os responsadores, ou seja, sigo não acreditando.¹²³

¹²² Resposta do Depoente 24 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹²³ Resposta do Depoente 178 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 14/07/2022.

Este relato evidencia que as informações ou “dicas” passadas no Responso não se verificaram corretas. A autora do relato declara que já não acreditava na prática de responsar e que as experiências negativas apenas reforçaram sua descrença. Cabe lembrar que é consenso entre os responsadores e entre a comunidade adepta, que a fé na prática e no responsador é um fator determinante para o sucesso do Responso. Fato que, seguindo o conhecimento dos responsadores sobre a prática, pode, de certa forma, explicar o ocorrido. O marido da depoente, no entanto, “acredita fielmente”, ainda que tenha passado por tais experiências nas quais o Responso “não deu certo”, o que demonstra, mais uma vez, o papel da fé para a existência da prática. Assim como ele, outras pessoas não deixaram de acreditar após não encontrarem o que foi responsado, como Julia, que relata:

Quando a minha cadela sumiu, minha cachorra, eu fui em todos os responsadores que tinha em Mostardas. Todo mundo que me falava “fulano responsa”, eu fui em todo mundo. Fui no Dominginhos, fui no Tio Nilo fui na Tia Irma. Fui em todos os responsadores [...] pra ver se minha cadela ia aparecer. Mas ela não apareceu e cada um deles me falava uma coisa diferente. [...] uns me falaram que ela tinha ido por exemplo tinha ido pro lado da vila, a outra falou que uma pessoa tinha encontrado, mas estava cuidando e outros falarem que ela estava perdida, mas iria aparecer [...] a tia Irma foi uma das que me falou isso, que o animal tipo, caminhava, né, então talvez ele poderia se deslocar e estar em um outro lugar. Mas entendi mais por esse lado também de que um animal é diferente de perder uma coisa dentro de casa que tá no mesmo lugar e não vai sair, né? [...] pode ser que ela realmente estava no lugar, talvez alguém tenha encontrado, porque eu tentei responsar nos mesmos dias, mas... mas não deu, foi um em cada dia, eu fiquei tentando várias semanas responsar [...] pra mim não custa tentar acreditar, sabe. (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023).

Outras respostas manifestam pedidos de Responso que não deram certo, tanto porque nunca foram encontrados, quando porque a “dica” recebida não se confirmou correta:

Minha mãe tinha o costume de mandar responsar os objetos quando se perdia algo aqui em casa e sempre em algum dos três acima citados, algumas vezes deram certas outras não. Lembro de uma vez que perdi celular e cartão TRI (Bilhete único de POA) e a mãe mandou responsar, foi dito que eles estavam guardados bem próximos a mim, mas nunca achei os objetos.¹²⁴

¹²⁴ Resposta do Depoente 24 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

Perdido uma câmera fotográfica, mandei responder pela pessoa citada acima, ela disse via junto a uma caixa com brinquedos, mas não foi encontrada.¹²⁵

Mandei responder uma carteira de identidade, o senhor disse que estava dentro de casa e que iria aparecer. Foi devolvida, mas tinha sido perdida dentro de um táxi de um conhecido que achou e me entregou.¹²⁶

Já respondi vários objetos, porém, não acredito pelo fato de que a maioria das vezes não consegui reencontrar o objeto o qual foi respondido.¹²⁷

Um relato se destacou nesse conjunto de respostas mal sucedidos:

Eu acreditava no resposno até que mandei responder um objeto. Alguns dias depois eu achei um objeto igual ao que eu procurava, porém não conferi direito e avisei a respondora que tinha encontrado e ela concordou. Depois ao verificar melhor o objeto vi que não era o que eu procurava. Logo passei a não acreditar no resposno, pois quando avisei a respondora que tinha encontrado o objeto ele deveria saber que eu não tinha encontrado.¹²⁸

Este depoente acredita que a respondora deveria ser capaz de identificar que o suposto bem encontrado não seria o mesmo bem respondido, declarando-se frustrado com o resultado. O relato demonstra o quanto a figura do respondor é atrelada a uma capacidade sobre-humana.

Tais relatos negativos em relação ao Resposno são importantes para ajudar a compreender a prática, visto que, reforçam que ela não é homogênea, nem pelo lado dos respondores nem pelo lado da comunidade adepta, e enfatizam o seu caráter dinâmico. Além disso, é importante destacar que em alguns casos, conforme foi exposto, ainda que a pessoa tenha narrado que não acreditava muito no Resposno, mesmo assim, procurou a prática. Esse fato reforça o quanto a prática está presente no cotidiano de Mostardas, influenciando socialmente mesmo aqueles que se dizem descrentes, a procurar, em algum momento, os respondores e as respondoras.

Foi possível concluir que, para quem tem uma base, principalmente familiar, que corrobora para a manutenção da fé no Resposno, experienciar um caso negativo não altera sua crença. Mas, para quem não possui uma fé

¹²⁵ Resposta do Depoente 72 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Resposno em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹²⁶ Resposta do Depoente 4 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Resposno em Mostardas/RS” na data 08/03/2022.

¹²⁷ Resposta do Depoente 75 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Resposno em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹²⁸ Resposta do Depoente 143 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Resposno em Mostardas/RS” na data 17/03/2022.

estabelecida na prática, reiterando que essa fé seria cultural e em grande parte herdada geracionalmente, esses casos se somam ao sentimento de descrença.

3.3. “É um patrimônio [...] é algo cultural nosso daqui”¹²⁹

Mas os patrimônios existem também como realidades subjetivas. Eles existem efetivamente na alma e no corpo dos indivíduos.
(GONÇALVES, 2019, p 36).

A prática do Responso em Mostardas, como se pretendeu demonstrar até aqui, tem um papel significativo na cultura local e faz parte da vida da comunidade mostardense. Suas características, apontadas nos capítulos e subcapítulos anteriores, demonstram a complexidade desta prática e como ela é constituída de singularidades oriundas da própria localidade e sua historicidade.

A concepção deste projeto, antes mesmo do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, esteve muito alinhada a inquietações pessoais sobre a ausência do Responso na legislação patrimonial local, conforme exposto anteriormente. Essa prática, assim como tantas outras, pode ser considerada como parte do patrimônio imaterial de Mostardas, mesmo que ela não tenha sido incluída na Lei n. 2.744/2010.

A ideia de que se o Responso seria, ou não, um patrimônio imaterial, está calcada tanto no debate bibliográfico e conceitual, mas, sobretudo pela forma como a comunidade local se relaciona com ele. Dessa forma, neste capítulo pretendo desenvolver essa discussão, ainda que este não seja o principal objetivo desta pesquisa.

Partindo de Ruben Oliven (2003, p. 80), “o termo “patrimônio” refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido”. Do mesmo modo, para Llorenç Prats (2000, p 115), patrimônio cultural é “entendido como todo aquello que socialmente se considera digno de conservación independentemene de sus interes utilitario¹³⁰”, ou seja, tudo a que é atribuído valor, tornando-se digno de preservação. José Reginaldo Gonçalves (2003,

¹²⁹ Gladimir da Silva Lopes (27/12/2022).

¹³⁰ “entendido como todo aquele que socialmente se considera digno de conservação independentemente de seu interesse utilitário” Tradução livre da autora.

p.26) argumenta que patrimônio é “uma categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana”. A contribuição de Gonçalves para esta pesquisa está, sobretudo, na valorização e identificação daquilo que ele chama de percepção nativa do patrimônio. Ou seja, trata-se de uma leitura que considera primordial e essencial a percepção que os indivíduos, e seus coletivos, fazem sobre o que é patrimônio, quais são os bens identificados como tais e como se deve vivê-los e preservá-los. Tais leituras sobre o patrimônio cultural são frutos de uma ampliação do seu conceito, que se deu, sobretudo a partir da década de 1980, e do contínuo debate sobre suas múltiplas definições, usos e experiências. Assim, o atual conceito de patrimônio abrange os bens materiais e imateriais, sendo que patrimônio cultural imaterial ou intangível

[...] designa as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações (VIANNA, 2016).

Patrimônio Imaterial, ou intangível, é também definido pela UNESCO (1993) como

[...] o conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais. (ABREU, 2003, p. 83)

No Brasil, é o Artigo 216 da Constituição Federal de 1988 que constitui o marco legal para a política de patrimônio cultural imaterial, ampliando a noção de patrimônio histórico que existia até então, datada de 1937. É importante ressaltar o protagonismo do Brasil em relação às políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial, pois enquanto a UNESCO mencionava o Registro como instrumento de salvaguarda através da “Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular”, em 1989, no Brasil, a Constituição de 1988, através do Artigo 216 já o havia mencionado. Posteriormente, o decreto 3.551/2000 aprimora a política brasileira de Patrimônio Imaterial, enquanto a UNESCO o faz somente em 2003, através da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial.

Assim, no ano de 2000, o Decreto 3.551, de 4 de agosto, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). O Decreto 3.551/2000 criou quatro Livros de Registro que representam categorias distintas para inscrição dos bens imateriais, são eles:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social.

III - Livro de Registro das Formas de expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000).

Em um movimento de valorização dessa tipologia patrimonial, em 2003, a UNESCO promoveu a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, que:

[...] centra-se nos aspectos intangíveis de cultura, mais sobre as práticas que sobre os objetos, sem excluir os últimos, uma vez que eles abrangem as expressões orais, os saberes fazeres, as festas, os rituais e os espetáculos, bem como os instrumentos, os artefatos, os pequenos objetos da vida cotidiana e os espaços culturais, cujo valor é muitas vezes mais afetivo e memorial do que material. Ela enfatiza o caráter dinâmico do patrimônio sobre a transmissão e a comunicação em relação a simples preservação [Bortolotto, 2007]. Ela considera o patrimônio um processo mais do que um produto. (TURGEON, 2014, p. 69-70).

A Convenção de 2003, voltada para os aspectos imateriais do patrimônio, reflete as mudanças ocorridas na área em relação à Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972, voltada para os aspectos materiais.

Dominique Poulot (2009, p. 235) destaca que “o patrimônio inscreve-se entre a história e a memória” e evoca um conjunto de valores que necessitam estar presentes nas identidades pessoais e sociais e “participa de uma historicidade reconhecida e muitas vezes reivindicada”. Assim, o patrimônio deve representar e abrigar em si a memória de um grupo social, devendo ser significativo para a comunidade onde está inserido, como é o caso do Responso

em Mostardas. Um aspecto importante a ser valorizado, que ganha destaque no novo regime de patrimonialidade, a partir de Laurier Turgeon (2014), é a afetividade:

[...] na verdade, ao longo dos últimos dez anos, passamos de um regime patrimonial preocupado com a autenticidade, com a conservação da cultura material e a contemplação estética do objeto em sua materialidade, para um regime que valoriza a transformação das práticas culturais, a performance das pessoas e da experiência sensível das culturas. O patrimônio é hoje mais uma questão de afeto do que intelecto, de sociabilidade do que de especialização (TURGEON, 2014, p. 69).

Nesse sentido, na prática do Responso também existe a questão do afeto. A relação da comunidade com o Responso é afetiva em muitos aspectos: não se costuma pedir para responder “qualquer coisa”, mas sim objetos importantes, ou animais, dessa forma, ao perder algo significativo, que possui valor não só material, mas muitas vezes sentimental, o sujeito se sente acalentado por ter a quem recorrer. O afeto também está presente no sentimento de pertencimento atrelado à prática, tanto por parte dos responsáveis quanto dos adeptos. A prática permite criar e fortalecer laços de afeto entre responsáveis e utilizadores, entre utilizadores e seus bens, e entre amigos e familiares que transmitem a prática através de suas vivências, experiências e narrativas. Uma demonstração disso é quando as pessoas se referem ao Responso e ao responsável como uma esperança: “é quase que uma esperança que a gente tem de conseguir encontrar algo ou ter uma luz, e ter alguém pra ajudar, alguém que sabe fazer isso, né?” (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023). Indicando a importância atribuída ao bem perdido, bem como ao responsável, que é “alguém para ajudar”. O momento da retribuição espontânea ao responsável pelo resultado positivo obtido no Responso também estreita laços entre responsável e adepto.

Dessa maneira, é importante para a noção de patrimônio aqui abordada os apontamentos de Oliveira e Ribeiro (2019), ao falarem de Patrimônios Afetivos, uma vez que:

não estamos tratando apenas de questões políticas e regulamentares de tombamento e preservação, mas sim de como estes patrimônios serão percebidos pela população e selecionados para representação de uma cultura. Pois, ao refletirmos sobre esta questão, acreditamos que não seria o Estado que elegeria estes patrimônios, mas as pessoas deveriam indicar os elementos que aos seus julgamentos e sentimentos são raros e dignos de preservação. Por conta destes

pensamentos, referimo-nos a um Patrimônio Afetivo. Material ou não, ao nosso ver, ele só ganhará reconhecimento e ressonância se dotado de significado para a população que o escolhe (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p. 852).

Muitas histórias de Responso, por parte da comunidade adepta, são marcantes, pois trata-se do encontro de algo valioso, seja este valor afetivo, simbólico, memorial, identitário, funcional ou monetário. As narrativas a respeito das experiências com o Responso são sensíveis, na medida em que contemplam estes relatos que despertam sensações, de revolta, medo e angústia devido a perda, de otimismo e expectativa ao ir até o responsador e o alívio ao encontrar o que foi perdido, ou frustração de não encontrar.

Esses “causos” quando contados para um grupo, sempre geram entretenimento e curiosidade. Pensemos em uma reunião familiar, todos em volta da mesa após uma refeição e conversa vai, conversa vem, alguém menciona algo que faz parte de uma experiência com o Responso: “perdi tal coisa e mandei responsar”. E aí todos querem saber o que aconteceu, como foi e se o responso deu certo. São momentos importantes de evocação e compartilhamento de memórias e de experiências, nos quais se reafirma a crença no Responso, contribuindo para sua transmissão e permanência na comunidade.

Dessa forma, compreendo o Responso enquanto um patrimônio afetivo, ativo e dinâmico, vivido pela comunidade de Mostardas, individual e coletivamente. A reunião desses fatores que envolvem a prática: a longevidade, a transmissão, a singularidade, a quantidade de responsadores existentes no local, e o quanto ela desperta sentidos e sensibilidades, é o que permite pensar o Responso como um Patrimônio Imaterial do município. Assim, o Responso é um patrimônio como ressonância e não como ato jurídico/administrativo (GONÇALVES, 2005), conforme a concepção de patrimônio apresentada na introdução. É também a vida dinâmica desse patrimônio que justifica essa pesquisa e seu registro, pois enquanto prática cultural não é estático e estagnado, mas sofreu, e continua sofrendo, atualizações e intervenções.

A memória fica em evidência quando tratamos de patrimônio, nesse caso, de patrimônio imaterial, e essa relação é demonstrada a partir da ligação entre memória e identidade. Para Pollak (1992) “a memória é um elemento constituinte

do sentimento de identidade”, essa ideia é também apontada por Candau (2011) ao afirmar que a memória alimenta a identidade e a fortalece, nos níveis individual e coletivo, e que a memória é a identidade em ação, não havendo busca identitária sem memória. Dessa forma, fica estabelecida a relação entre memória e patrimônio imaterial:

sendo a memória um dos fatores de constituição da identidade e o patrimônio imaterial um portador de referência à identidade, através da memória de um grupo, como determina a Carta de 1988 (CAMPOS, 2009, p. 34).

Campos (2009) destaca que a natureza da memória referenciada pelo bem imaterial é a memória de um grupo, ou, memória coletiva. Nesse sentido, se tornam fundamentais as noções de Maurice Halbwachs (2004) que, partindo da sociologia, inaugurou o campo de estudos da Memória Social, pensando a memória enquanto fenômeno coletivo dentro das ciências sociais. Halbwachs (2004, p.8) diz que “es en la sociedad donde normalmente el hombre adquiere sus recuerdos, es donde los evoca, los reconoce y los localiza¹³¹”. Assim, o sujeito não se lembra individualmente, mas enquanto membro de um grupo, influenciado por ele com ação direta dos quadros sociais da memória - o espaço, o tempo e a linguagem. Halbwachs não traz em sua obra o conceito fechado de memória coletiva, mas Lucas Graeff (2018) enquanto seu leitor, a conceitua como sendo o conjunto de lembranças individuais compassadas pelas representações coletivas.

Maurice Halbwachs não inclui o campo das tradições, transmissões e transferências ao discorrer sobre memória coletiva, tópicos que são abordados pela memória cultural, que “é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural” (ASSMANN, 2016, p. 118). Segundo Assmann e Livingstone (2006, p. 8) “nossa memória tem uma base cultural e não apenas social”, é o que Jan e Aleida Assmann chamam de memória cultural. Este termo designa “a memória que permanece viva em uma sociedade a longo prazo e distingue-se da memória comunicativa, que abrange um intervalo de três gerações, e da memória política, perpetuada por meio de

¹³¹ “é na sociedade onde normalmente o homem adquire suas lembranças, é onde as evoca, as reconhece e as localiza.” Tradução livre da autora.

instituições (POSCH, 2020, p. 402). O Responso é uma memória cultural vigente em Mostardas, fortemente enraizada, isso fica claro ao notar que as pessoas, mesmo após casos de Responso que “não deram certo”, ou seja, nos quais o objeto foi encontrado em local diferente do dito pelo responsador, ou que simplesmente não foi encontrado, elas não passaram a “acreditar menos”. A partir de tais leituras e interpretações, a crença no Responso se demonstra muito cultural, pois não é abalada nem mesmo após um responso “dar errado”, configurando algo instituído culturalmente. Quando algo não é encontrado, é comum que as pessoas responsabilizem a si mesmas, justificando que podem não ter procurado o suficiente ou no lugar certo, como fica claro na fala de Dinara:

Sabrina: E essa que tu não achou, a que que tu atribui? [...]

Dinara: [...] de repente eu não procurei no lugar certo, não fui no lugar certo..., mas não digo que não funcionou.

Sabrina: Não te fez...

Dinara: Sei lá, não sei...

Sabrina: Acreditar menos.

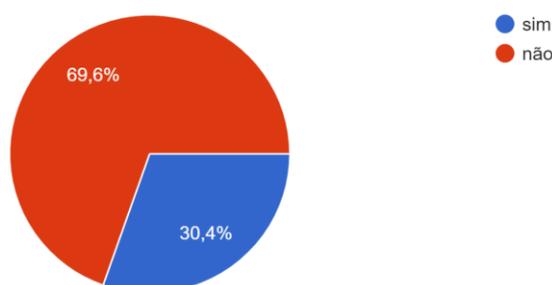
Dinara: É, não, não me faz acreditar menos (Dinara Conceição da Silva, 30/01/2023).

Dando continuidade à perspectiva patrimonial da pesquisa, foi abordada no formulário a percepção da comunidade sobre a lei 2.744/2010, que institui o Patrimônio Cultural Imaterial do município¹³². Ao ter contato com a lei, me chamou atenção a ausência do Responso entre os bens citados, o que me levou à reflexão sobre como se deu a construção da lei, quem decidiu sobre os bens que seriam incluídos e se a comunidade teve alguma participação. Por isso, optei por incluir no formulário quatro perguntas referentes a este assunto. A primeira foi “Você conhece a Lei nº 2.744 de 2010 que institui o Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas?”, cuja maioria (69,6%) das respostas foi negativa (Gráfico 9).

¹³² Devido à limitação de tempo do mestrado, optei por não explorar de forma aprofundada este tópico.

Gráfico 9 - Você conhece a Lei nº 2.744 de 2010 que institui o Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas?

Você conhece a Lei nº 2.744 de 2010 que institui o Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas?
181 respostas



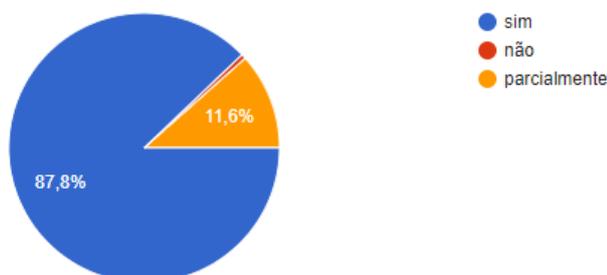
Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

Em seguida, após listar os bens citados pela lei, pergunto “Você concorda com os elementos citados?”. Apenas uma pessoa (0,6%) marcou a resposta “não”, 11,6% marcaram “parcialmente”, enquanto 87,8% das pessoas declararam concordar com os bens citados (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Você concorda com os elementos citados?

Essa lei institui como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Mostardas as Cantorias de Ternos de Reis, o Ensaio de Pagamento de Promessa, as Cavalhadas, a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa em louvor a São Luiz Rei de França, o Artesanato e o Culto às Tradições Gaúchas. Você concorda com os elementos citados?

181 respostas



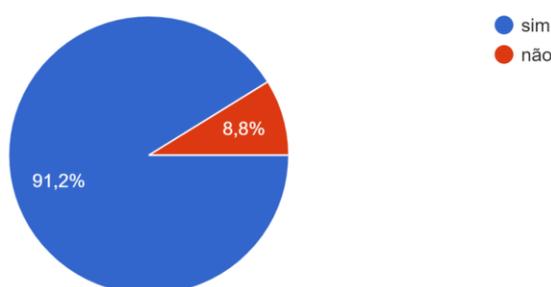
Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

A próxima pergunta foi “Pensando nas manifestações culturais imateriais do município, acredita que o Responso também é uma delas?”, para a qual 8,8%

das pessoas responderam “não”, enquanto 91,2% acreditam que sim (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Pensando nas manifestações culturais imateriais do município, acredita que o Responso também é uma delas?

Pensando nas manifestações culturais imateriais do município, acredita que o Responso também é uma delas?
181 respostas



Fonte: Formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”

Ainda que as respostas possam ter sido influenciadas pelo teor do formulário e a atenção especial dada ao Responso, o expressivo número de 91,2% pode ser interpretado como um indicativo de que essa é uma prática reconhecida pela comunidade como patrimônio. Para além do formulário, conforme foi demonstrado ao longo deste trabalho, sobretudo através da fala das pessoas entrevistadas (Responsadores e Comunidade Adepta), o Responso faz parte da vida e da cultura de Mostardas e é uma prática cultural que carrega diversos elementos que o aproximam da categoria de patrimônio.

Relembrando o que diz José Reginaldo Gonçalves (2007), ao dizer que patrimônio é uma categoria de pensamento, podemos compreendê-lo como a forma como um indivíduo, ou um grupo, entende, categoriza e explica sua realidade. Dessa forma, tal categoria, é, portanto, variável e está de acordo com a sociedade que a enxerga. Por isso, para o autor a *visão nativa de patrimônio* é igualmente importante. Ou seja, o quê e com base em quais valores e critérios a comunidade identifica o que é ou não patrimônio para ela.

Portanto, meu principal objetivo com tais questionamentos e com este subcapítulo, foi compreender se dentro da visão nativa de patrimônio, a

comunidade mostardense identificava o Responso como um patrimônio imaterial. E, além disso, compreender o porquê de, mesmo sendo reconhecido como tal pela comunidade local, não estar mencionado na Lei 2.744/2010.

Essa diferença pode ser interpretada a partir de diferentes perspectivas e interpretações, considerando tanto a forma como são criadas as leis municipais que visam a identificação e preservação de bens materiais e imateriais no país, sem que haja a devida participação e consulta da comunidade. Fato que pode ser interpretado também através da resposta de 69,6% das pessoas afirmarem que não conhecem a respectiva lei. Ademais, outra hipótese possível seria entender tal ausência a partir dos objetivos com a criação da respectiva lei, seu autor e grupo representado, cenário político e partidário, etc. Frente a tal cenário e todos os caminhos possíveis para compreendê-lo, considero que seria necessário realizar novas entrevistas e analisar outras fontes históricas para dar conta de tais problemáticas.

Por fim, através do formulário perguntei “Além do Responso, qual outra(s) manifestações culturais imateriais poderiam ser citadas?”, a pergunta não era obrigatória, e teve cento e três (56%) respostas dentre as quais a benzedura¹³³ foi a mais citada (35%). Outras práticas e manifestações culturais foram sugeridas, como a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, Festa de Nossa Senhora do Rosário, futebol de campo, simpatias, e algumas respostas sugeriram dar mais atenção à cultura afro-brasileira e manifestações religiosas de matriz africana. Abaixo estão três respostas que ilustram esse momento do formulário:

Todas as formas de benzeduras (para curar pessoas e animais, dizimar pestes das plantações).¹³⁴

Teriam outros elementos a serem pensados, como o legado das parteiras, as religiões de matriz africana, por exemplo. Há necessidade de revisão e atualização desta legislação.¹³⁵

¹³³ A benzedura, benzeduras, benzedadeiras, ato de benzer foram variações que apareceram somando 37 respostas.

¹³⁴ Resposta do Depoente 49 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 09/03/2022.

¹³⁵ Resposta do Depoente 54 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 9/03/2022.

A expressão "banzo", utilizada unicamente no município; ouvida fora dele, será somente por alguém que tem contato com a cidade.¹³⁶

Tais respostas dão indícios para o fato de que no processo de seleção patrimonial alguns bens representativos da cultura popular e da cultura afro-brasileira não são incluídos e são igualmente importantes para a comunidade. Da mesma forma, reforça a ausência da população local na hora de identificar o patrimônio cultural local.

Ainda que de forma inicial, tais hipóteses e interpretações aqui apresentadas demonstram a necessidade de investigar e aprofundar sobre o cenário patrimonial de Mostardas, suas discordâncias e suas disputas. Entretanto, é possível afirmar que, a partir das definições de patrimônio imaterial dadas pelo IPHAN e pela UNESCO, o Responso em Mostardas pode ser identificado enquanto patrimônio imaterial do local, pois

O patrimônio imaterial é **transmitido de geração a geração, constantemente recriado** pelas comunidades e grupos em função de seu **ambiente**, de sua interação com a natureza e de sua **história**, gerando um sentimento de **identidade** e **continuidade**, contribuindo para promover o respeito à **diversidade cultural** e à criatividade humana (IPHAN, s/d, grifo meu).

Tal como destacado na definição acima, esses aspectos foram constantemente narrados pela comunidade adepta e pelos responsáveis e responsáveis ao longo deste trabalho. Suas transformações, adaptações e recriações foram exploradas no capítulo anterior, demonstrando o quanto uma das características principais da prática em Mostardas é seu caráter híbrido e originado do encontro de diferentes religiões, culturas e visões de mundo.

No que tange ao sentimento de identidade, as falas de Julia (27/01/2023): “Então, acho que o pessoal ainda recorre muito ao responso em Mostardas, né, é uma característica da nossa cidade”, de Silamar (27/12/2023) “é tudo muito ligado com a nossa cultura, com a nossa vivência né, é natural digamos assim, é natural o responso” e de Aura (18/01/2023) “é um elemento da nossa cultura e

¹³⁶ Resposta do Depoente 55 coletada através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS” na data 9/03/2022.

que é positivo, maravilhoso”, reforçam tal sentimento e sua forte presença na cultura local.

Sobre o aspecto da continuidade, vale citar que o sentimento da iminente perda, e o medo que ela causa, foi também reforçado por alguns entrevistados, como é o caso da fala de Vera Marta ao dizer que:

[...] é uma tradição que não se deve deixar se perder, deve continuar, dar continuidade. Mas é o que eu digo, né, pra dar continuidade o que tem que acontecer? Geralmente tem que ser os filhos da gente, só que a gente fala, né, como eu digo pra Edmara mesmo, eu digo “tem que incentivar vocês pra no dia que não tiver mais eu, vocês benzer, responsar...” (Vera Marta Dias da Silva, 29/01/2023)

A necessidade de incentivar a continuidade da prática é também narrada pela responsadora Irma: “Responso é uma coisa muito boa, uma coisa bem útil, tomara que apareça mais gente nova que queira responsar, né, porque a gente vai ficando velha”. Duas falas de Julia demonstram ainda a compreensão do Responso como algo singular e a necessidade de valorização da prática e do responsador através do registro:

as pessoas costumam “ai, meu São Longuinho, se me ajudar te dou dez pulinhos”, sabe? Isso todo mundo faz e acho que o Responso é muito além disso, né? É algo que tem que acreditar mesmo que acontece, é uma pessoa que faz... e eu acho que faria falta e talvez as pessoas valorizariam mais quando fizesse falta (Julia Barbosa Pacheco, 27/01/2023)

[...] igual tu *falou*, não teve registro sobre o Responso, se a gente perder todas as pessoas e não tiver nenhum registro é algo que talvez daqui há alguns anos vão dizer “será que era verdade que existia mesmo?”, “será que funcionava?” (ibidem)

Para José Reginaldo Gonçalves (2002), tratar sobre a definição e a preservação do patrimônio cultural no país é lidar com práticas de coleção e proteção que visam salvar objetos, ou bens, do desaparecimento. As relações patrimoniais e memoriais lidam, constantemente, com a ideia da perda. Buscando evitá-la, tardá-la, ou diminuí-la, são realizadas ações preservacionistas, sobretudo no ocidente, buscando registrar e garantir sua continuidade. No entanto, alguns bens patrimoniais, como o Responso, não necessitam da patrimonialização para fins de preservação ou proteção. O patrimônio instituído como formalidade não garantiria a continuidade da prática do Responso em Mostardas, visto que ela está relacionada com a fé e com a existência de um dom. A inquietação sobre a ausência do Responso na Lei nº

2.744/10 está mais relacionada à ideia da falta de participação popular em tais ações burocráticas e à desvalorização de práticas culturais importantes para a comunidade. Por outro lado, a institucionalização em termos oficiais, do Responso como patrimônio, viria ao encontro do que aponta Gonçalves (2019, p. 30-31): “Defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público de tais patrimônios significa lutar pela própria existência e pela visibilidade social e cultural desses grupos e segmentos.” Essa seria uma justificativa pertinente, se assim fosse a vontade da comunidade e, essencialmente, dos responsáveis.

Nesse caso, ainda que o Responso não tenha sido identificado oficialmente como patrimônio, a comunidade, através das entrevistas realizadas, demonstra confirmar o entendimento do caráter patrimonial da prática e estar preocupada com sua continuidade, buscando vias para concretizá-la. Como trata-se de um patrimônio vivo, em constante atualização e interação, as ressonâncias que ele provoca são muitas e representam a diversidade cultural do município e da própria prática.

Por último, o registro, importante para que a prática do Responso em Mostardas exista para além da oralidade, e que até o momento inexistia, foi aqui produzido dentro das condições existentes. Se o Responso se tornará patrimônio no campo institucional, é uma questão secundária e menos relevante. Pois o que valida e faz viver o Responso em Mostardas são as pessoas que praticam, que procuram e que repassam essa tradição, conduzidas pela fé e pelo afeto.

Conclusões

Perder e procurar são certezas. Encontrar, nem sempre. Mas, se "mandar responder", a chance aumenta. Como? Por quê? Vivenciar o Responso suscita questionamentos que, como adepta, eram apenas curiosidades, mas como pesquisadora, se tornaram objetivos a serem investigados e respondidos através da pesquisa científica. Aos meus sentidos, a prática de responder se sobressai há muito tempo, dentre as tantas manifestações culturais presentes em Mostardas, e trabalhar com esse elemento da cultura à qual pertenço é, sobretudo, uma realização pessoal. Assim, as páginas desta dissertação contêm meu esforço de buscar registrar o Responso no município de Mostardas/RS.

Os elementos e categorias identificados como constitutivos do Responso, apresentados e discutidos ao longo do trabalho, muitas vezes se repetiram, aparecendo em mais de um momento. Eles se complementam e torna-se difícil, senão impossível, delimitar cada um, pois fazem sentido em conjunto. O Responso é o amálgama de tudo isso: da fé, do dom, do objeto perdido, da figura do responsador, da visão ou percepção, da ancestralidade, da religiosidade e do hibridismo religioso, da devoção à Santo Antônio, da fusão de culturas distintas, da historicidade e do cenário cultural local, da transmissão social e cultural, da memória a respeito da prática e das representações sobre ela. As idas e voltas durante os capítulos, a retomada de alguns pontos e o reforçar de outros, foram necessários para construir uma base sólida sobre o Responso e para que fosse possível entender as características que essa prática carrega.

Desse modo, para responder a questão-problema: “quais as características do Responso em Mostardas/RS?”, identifico dois fatores que se destacaram no sentido de agir para o desenvolvimento da prática do Responso em Mostardas e para definir as particularidades que ela reúne. São eles: a historicidade do local - que leva à combinação das diferentes culturas, negra e luso-açoriana, e a existência de um cenário cultural no qual está o Responso - e o hibridismo religioso - ressalto que o Responso não é um monopólio do catolicismo -, que torna o Responso uma prática heterogênea e plural que tanto transpõe limites religiosos, quanto ganha sentido dentro deles. Assim, sobre as características da prática do Responso em Mostardas, pode-se dizer, sobretudo, que ela possui caráter tradicional, é dinâmica, heterogênea e plural. E isto,

principalmente, devido à fusão de aspectos culturais e religiosos junto com as particularidades históricas do local.

Entender a constituição histórica de Mostardas permite compreender que este local, durante muito tempo, foi isolado devido às péssimas condições da estrada que ligava Mostardas a São José do Norte e também à capital. Fator que contribuiu para que a população recorresse a métodos alternativos de cura e outras práticas nesse sentido, consolidando um universo de crenças e manifestações culturais que foram importantes para suprir a falta de recursos, entre as quais estão a benzedura, o ofício das parteiras e o Responso. Junto a esse ponto, está o fator da presença negra, pois a povoação local pós colonização se deu a partir da presença luso-açoriana, africana e afro-brasileira. Apesar do esforço, dentro de uma lógica eurocêntrica que está presente no Brasil de modo geral, em apresentar e identificar Mostardas enquanto portuguesa e açoriana, a presença negra é marcante devido às fazendas que reuniram grande número de escravizados na região, vindos principalmente de Angola, conforme apontado através de Molet (2018) no capítulo 1 desta dissertação. Mesmo tendo consciência da forte presença negra no local, ao identificar o Responso como uma tradição, a hipótese inicialmente traçada foi de que a prática em Mostardas tivesse origem luso-açoriana. Ou seja, alinhada à visão eurocêntrica de que Mostardas seria, basicamente, de influência cultural europeia.

Em dado momento da pesquisa, durante a leitura em Candau (2011) a respeito das escolhas e buscas no passado de elementos que sirvam à construção identitária e à autenticação do que é tradicional, suas reflexões suscitaram-me uma série de questionamentos e autocrítica sobre minha hipótese inicial. Buscar essa origem do Responso na cultura portuguesa refletiu um pensamento associativo que é fruto de algo já consolidado na identidade de Mostardas: que aquilo que é considerado tradicional tem influência açoriana. As palavras de Candau sobre tradição e memória das origens despertaram a percepção de que eu estava reproduzindo o mesmo discurso, visto que a cultura açoriana e portuguesa já foi tão utilizada para justificar tradições e a identidade mostardense, que foi onde eu também firmei, automaticamente, minha hipótese inicial. Como se para ser tradicional, a prática precisasse ter origem açoriana.

Este momento contribuiu para pensar no poder das construções memoriais, que agem sobre a capacidade de questionar e cogitar outras

vertentes, outros sentidos, outras formas de explicar e buscar respostas. A minha hipótese inicial pode ser entendida como um fruto dessa tradição criada/inventada, percorrida no primeiro capítulo, dessa memória construída em Mostardas, que institui a identidade mostardense enquanto proveniente da açorianidade. Assim, tal tomada de consciência foi fundamental para que eu compreendesse a importância das hipóteses, de onde elas partem e, sobretudo, da necessidade de verificação delas. Sem essa etapa, eu estaria reafirmando sempre a ideia de que o que é tradicional em Mostardas vem do que é açoriano, o que não condiz com a realidade, com a história nem com o Responso.

A objetividade jamais será plena, mas a metodologia, intrínseca à pesquisa científica, permitiu dar um passo atrás, possibilitando o questionamento e o afastamento de ideias instituídas e consolidadas. A testagem da hipótese foi uma virada de chave na pesquisa, pois inicialmente, pesquisei a origem da prática apenas vinculada à religiosidade católica portuguesa/italiana. Investigando em pesquisas e repositórios fontes e dados que demonstrassem a presença do Responso apenas em solo europeu. E minha grande surpresa nesta pesquisa, foi chegar às referências que expressavam a religiosidade católica africana, com ênfase no culto à Santo Antônio pelos povos da África Centro-Ocidental, de onde vieram através do tráfico atlântico, a maioria dos escravizados brasileiros, que também foram enviados para Mostardas. Desse modo, acredito que a origem do Responso em Mostardas pode estar vinculada à religião católica, mas não somente ao catolicismo luso-açoriano, podendo ser também oriunda do catolicismo negro baçongo. Ou seja, é possível dizer que a prática do Responso é resultante dessa união cultural, em conformidade com o que foi apresentado anteriormente, fazendo-o uma prática singular.

A oração do Responso ou Responsório de Santo Antônio tem origem católica, e conforme Mott (1996), é atribuída ao doutor franciscano São Boaventura a autoria da primeira versão da referida oração. Mas, a devoção aos santos é um aspecto central do catolicismo popular, conforme dito no capítulo 2 e, acredito que a prática do Responso também se desenvolveu dentro do contexto da religiosidade popular católica, como uma prática heterodoxa. Pois, foi, de acordo com o registro inquisitorial datado de 1694 apresentado na página 97, razão da acusação e sentença de Ana Martins, por feitiçaria e uso de artes divinatórias, envolvendo Santo Antônio nas chamadas orações fortes. Pela

descrição do caso, acredito tratar-se da mesma prática que hoje existe, tanto em Mostardas como em outros locais, apresentados no primeiro capítulo. Todas as práticas possuem muitas semelhanças e identifico que, embora em cada lugar ela tenha suas particularidades, trata-se do “mesmo” Responso, utilizado para encontrar objetos perdidos com intervenção de Santo Antônio e com a presença de uma visão. A partir disso, fica evidente, mais uma vez, a singularidade do Responso em Mostardas, que embora seja, geralmente, uma prática com maior presença católica, no município ela nem sempre está vinculada à Santo Antônio e se faz presente em distintas religiões, sofrendo influência de todas elas e tornando-se cada vez mais híbrida e sincrética.

É interessante perceber que o enraizamento cultural da prática em Mostardas faz com que, embora a religião evangélica não aprove práticas como o Responso, muitos dos seus seguidores o procuram. Isso também demonstra o sincretismo/hibridismo religioso presente no Responso. Neste caso, é significativa a existência do responsador Nilo Chaves, que sendo evangélico e “responsando” sem a influência de Santo Antônio, atrai pessoas dessa religião para a crença no Responso. No entanto, reforço que a forte cultura e *status* tradicional em torno da prática, ultrapassam, em muitos casos, a questão religiosa. Algumas contradições também são percebidas, como em relação às práticas divinatórias que foram, historicamente, associadas à heresia pela igreja católica. Por este motivo, ainda são relacionadas, de forma pejorativa ao “bатуque” ou “outro lado”, mas também são vistas por muitas pessoas enquanto um dom recebido por Deus, pelo Espírito Santo, ou herdado através da ancestralidade. Fica evidente que cada religiosidade e espiritualidade interfere e cria uma prática diferente, por isso a prática de cada responsador possui singularidades. Esses elementos também determinam a fé dos indivíduos e, por isso, a comunidade adepta escolhe e acredita mais em uns do que em outros responsadores.

Por fim, julgo ter atendido aos objetivos propostos, do geral aos específicos, registrando o Responso em Mostardas através da abordagem dos três fatores considerados basilares para a prática: local, responsadores e comunidade adepta. O fator local se mostrou essencial para a compreensão do Responso e das suas características. Pois, a partir do exercício de investigar o município de Mostardas, identificando questões históricas, culturais e religiosas

locais, entende-se que elas originaram a diversidade presente na prática do Responso, bem como os tensionamentos existentes neste ofício. A partir dos responsáveis foi possível identificar os elementos presentes e necessários para a realização da prática do Responso. Além disso, acessar suas narrativas permitiu entender como a prática acontece e distinguir as formas como cada um desempenha este ofício. A comunidade adepta, através de entrevistas e do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”, foi crucial para que eu percebesse o Responso pelo lado de quem “manda responder”, para além das minhas próprias experiências e percepções. Dessa forma, a pesquisa, a partir dessas três vias, proporcionou um domínio mais amplo da prática, viabilizando compreender suas características e a forma como é identificada, praticada e apropriada pelos responsáveis e pela comunidade adepta.

Acredito que a segunda hipótese traçada, de que o Responso é entendido pela comunidade mostardense como um patrimônio imaterial do município, ficou comprovada através das entrevistas e relatos. As narrativas compartilhadas tanto pelos responsáveis quanto comunidade adepta, apontam para o caráter tradicional e patrimonial do Responso em Mostardas, na medida em que se remetem à forte transmissão intergeracional que impulsiona a prática, à sua longevidade no município, à singularidade inerente ao Responso em Mostardas devido ao hibridismo religioso e cultural, bem como à afetividade que desperta entre a comunidade mostardense.

São diversas subjetividades religiosas e culturais que fazem com que a prática do Responso em Mostardas desvie da homogeneidade e é importante destacar que não há hierarquia entre a pluralidade de formas de responder e que a prática não é um monopólio do catolicismo. Além do hibridismo religioso, o Responso expressa a dinamicidade de uma tradição cultural transmitida socialmente. E, ainda que exista o medo da perda associado à não garantia da continuidade da prática devido à impossibilidade de “ensinar a responder”, ou seja, de transmitir o saber-fazer, podemos ter esperança de que novos responsáveis continuem surgindo, como vem acontecendo com o passar dos anos. Essencialmente, importa reconhecer o caráter tradicional e patrimonial do Responso em Mostardas, que segue sendo parte do cotidiano da comunidade mostardense e fazendo sentido para aqueles que a procuram. As narrativas e relatos dos entrevistados e colaboradores do formulário demonstram o

envolvimento das pessoas com a prática, que enquanto for compartilhada, segue se fortalecendo. Concluo que o ponto final colocado neste trabalho não esgota as possibilidades de pesquisa acerca do Responso em Mostardas, pelo contrário, abrem espaço para outros questionamentos e direcionamentos. Exemplo disso, é a visível necessidade de retomar e prosseguir as discussões referentes à legislação patrimonial do município.

Para de fato encerrar esta dissertação, saliento que a realização desta pesquisa reforçou ainda mais meu apreço pela metodologia da história oral, que através da sensibilidade da escuta, permite que as memórias narradas sejam fontes para a pesquisa científica. Mas, para além disso, possibilita o compartilhamento de vivências e a aproximação entre as pessoas envolvidas e o objeto de estudo, engrandecendo a experiência de pesquisa. Assim, escrevo estas últimas linhas feliz pelas trocas realizadas e ainda mais fascinada pelas “histórias de Responso”.

Referências

FONTES ORAIS

Alberi Santos Araujo; Salete Machado Araujo. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 20 de setembro de 2019. (42min03seg).

Ana Lucia Souza Libano. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 01 de setembro de 2019. (31min11seg).

Aura Maria Teixeira Stephanou. **Depoimento oral online.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS / Rio Grande - RS, no dia 18 de janeiro de 2023. (26min59seg).

Dinara Conceição da Silva. **Depoimento oral online.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS / Rio Grande - RS, no dia 30 de janeiro de 2023. (11min05seg).

Hilma Rosa Kenne Machado. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 30 de abril de 2018. (11min04seg).

Irma da Conceição Lemos; Jurema da Silva Lima. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 21 de dezembro de 2022. (30min28seg).

Iolanda Bandeira. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 17 de março de 2022.

Julia Barbosa Pacheco. **Depoimento oral online.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS / Rio Grande - RS, no dia 27 de janeiro de 2023. (29min20seg).

Márcio da Costa Carneiro; Magda Carneiro Vieira. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 27 de dezembro de 2022. (75min14seg)

Nilo Ferreira Chaves. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 21 de junho de 2019. (33min25seg).

Raissa Bitencourt Dias. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 27 de dezembro de 2022. (09min30seg).

Silamar Antiqueira da Silva; Gladimir da Silva Lopes. **Depoimento oral.** Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 27 de dezembro de 2022. (28min36seg).

Terezinha de Jesus Machado Araujo. **Depoimento oral**. Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS, no dia 01 de setembro de 2019. (13min34seg).

Vera Marta Dias da Silva. **Depoimento oral online**. Entrevista concedida para SABRINA MACHADO ARAÚJO, Mostardas - RS / Rio Grande - RS, no dia 29 de janeiro de 2023. (44min02seg).

DEPOIMENTOS ESCRITOS

Depoimento do interagente nº 1, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 2, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 3, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 4, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 5, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 6, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 7, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 8, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 9, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 10, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 12, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 13, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 14, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 15, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 16, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 17, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 18, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 19, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 20, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 21, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 22, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 23, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 24, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 26, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 27, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 28, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 29, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 30, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 31, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 32, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 33, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 34, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 35, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 36, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 37, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 38, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 39, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 40, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 41, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 42, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 43, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 44, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 45, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 46, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 47, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 48, fornecido no dia 08/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 49, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 50, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 51, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 52, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 53, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 54, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 55, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 56, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 57, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 58, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 59, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 60, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 61, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 62, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 63, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 64, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 65, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 66, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 67, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 68, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 69, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 70, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 71, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 72, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 73, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 74, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 75, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 76, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 77, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 78, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 79, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 80, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 81, fornecido no dia 09/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 82, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 83, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 84, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 85, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 86, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 87, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 88, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 89, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 90, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 91, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 92, fornecido no dia 10/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 93, fornecido no dia 12/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 94, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 95, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 96, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 97, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 98, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 99, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 100, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 101, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 102, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 103, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 104, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 105, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 106, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 107, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 108, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 109, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 110, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 111, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 112, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 113, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 114, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 115, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 116, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 117, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 118, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 119, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 120, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 121, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 122, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 123, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 124, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 125, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 126, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 127, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 128, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 129, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 130, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 131, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 132, fornecido no dia 16/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 133, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 134, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 135, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 136, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 137, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 138, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 139, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 140, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 141, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 142, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 143, fornecido no dia 17/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 144, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 145, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 146, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 147, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 148, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 149, fornecido no dia 18/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 150, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 151, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 152, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 153, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 154, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 155, fornecido no dia 19/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 156, fornecido no dia 22/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 157, fornecido no dia 23/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 158, fornecido no dia 24/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 159, fornecido no dia 24/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 160, fornecido no dia 24/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 161, fornecido no dia 25/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 162, fornecido no dia 25/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 163, fornecido no dia 28/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 164, fornecido no dia 28/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 165, fornecido no dia 28/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 166, fornecido no dia 28/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 167, fornecido no dia 28/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 168, fornecido no dia 29/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 169, fornecido no dia 31/03/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 170, fornecido no dia 06/04/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 171, fornecido no dia 09/04/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 172, fornecido no dia 30/04/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 173, fornecido no dia 04/06/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 174, fornecido no dia 09/06/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 175, fornecido no dia 24/06/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 176, fornecido no dia 24/06/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 177, fornecido no dia 24/06/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 178, fornecido no dia 14/07/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 179, fornecido no dia 16/11/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 180, fornecido no dia 16/11/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

Depoimento do interagente nº 181, fornecido no dia 16/11/2022, através do formulário “Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural—notas sobre a experiência francesa de distinção do “Mestre da Arte”. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, p. 81-94, 2003.

AFRICAN STUDIES LIBRARY. Disponível em: <<https://africanstudieslibrary.org/en/>> acesso em: 09/02/2023.

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *IN*: PINSKY, Carla B.(org.). **Fontes históricas**, v. 2, p. 155-202, 2005.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. FGV Editora, 2004.
- ALOISE, Julia Miranda. Revitalização do Núcleo Histórico de Mostardas: normativas e projeto de intervenção no conjunto tradicional.
- ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de estudios extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, 2016.
- ASSMANN, Jan; LIVINGSTONE, Rodney. **Religion and cultural memory: ten studies**. Stanford University Press, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAGGIO, Camila. Esqueceu onde está? Reza o “siqueris!”. 28 de setembro de 2014. Disponível em: <<https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/esqueceu-onde-esta-reza-o-siqueris-/4531#:~:text=Reza%20o%20'siqueris'!,%28%2F09%2F2014&text=%E2%80%9CPerdeu%20o%20qu%C3%AA%3F,siqueris%20que%20vai%20aparecer!%E2%80%9D>> Acesso em: 10/05/2021.
- BARALE, Ana Maria Peppino. El papel de la memoria oral para determinar identidad local. **Revista Casa del Tiempo**, v. 6, pág. 6-11, 2005.
- BARBOSA, Maiara. Devotos mantêm tradição de oração e pedidos para São Longuinho. **G1, Mogi das Cruzes e Suzano**. 11/03/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2017/03/devotos-mantem-tradicao-de-oracao-e-pedidos-para-sao-longuinho.html>> acesso em: 15/06/2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, José D’Assunção. **O Lugar da História Local**. São Paulo: Intervezes, 2013.
- BASTOS, Celina. SOUSA, Maria da Conceição Borges de. **Normas de Inventário - Artes Plásticas e Artes Decorativas** - Mobiliário. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004. p. 112. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/download/normas/ap_ad_normasgerais.pdf> Acesso em: 20/06/2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Institui o registro de Bens Culturais de natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm> acesso em: 10/10/2022.

BUNSE, Heinrich AW. **São José do Norte, aspectos lingüístico-etnográficos do antigo município**. Mercado Aberto co-edição com o Instituto Estadual do Livro, RS, 1981.

CAMARGO, Adilson. **Ver objetos perdidos é 'dom' que caminha para a extinção**. JCNET. 21 de junho de 2009. Disponível em: <<https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2009/06/600262-ver-objetos-perdidos-e----dom----que-caminha-para-a-extincao.html>> Acesso em: 22/09/2020.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. Patrimônio Imaterial e Memória Coletiva em Minas Gerais. **Revista Cadernos de Ceom**, v. 22, n. 31, p. 33-44, 2009.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. Os conceitos de lugar e território na composição do Patrimônio Cultural: Quilombos e terras indígenas na Constituição Federal brasileira. In: **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 99 - 114, jul./set. 2018.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. LUGAR DE MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA: QUESTÕES EPISTÊMICAS SOBRE O PATRIMÔNIO IMATERIAL. In: **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade**. Porto Alegre: Casaletas; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, v. 1, n. 1, p. 37-52, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CHAVES, Cátia Simone da Silva. **Lago do Segredo: Saberes e Práticas Educativas de uma Rezadeira de Responso da Amazônia Bragantina (Segredinho-PA)**, 2014. 102f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Capítulo IX: Espaços privados. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **UNESCO**, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Convencao_Salvaguada_Patrimonio_Imaterial.pdf> acesso em: 30/07/2023.

DE SOUZA, Ricardo Luiz. O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. **História Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 127-139, 2008.

Dom. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vwVX>>. Acesso em: 10/06/2022

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: un panorama. **Astrolábio**, n. 14, pág. 249-273, 2015.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A Religião Popular Portuguesa**. 2ª ed, Lisboa: Assírio&Alvim, 1990.

EUROPEANA. Disponível em: <<https://www.europeana.eu/pt>> acesso em: 08/02/2023.

FARINHA, Alessandra Buriol. Vestígios Étnicos na Península de São José do Norte RS: Memória, Cultura e Identidade Luso-Brasileira. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 815-830, 2016.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memoria social**. Universitat de València, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais - cultura é memória. **Revista USP**, n. 29, p. 102-106, 1996.

FERRETTI, Sérgio. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. **Revista Pós Ciências Sociais**, 2014.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. **Manual de aplicação do INRC**. Brasília: MinC/IPHAN/Departamento de Documentação e Identificação, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: a trajetória da política de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio cultural**: por uma abordagem integrada (considerações sobre materialidade e imaterialidade na prática da preservação). 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Ligian Cristiano. Estudo ecossistêmico do município de Mostardas-RS e o turismo fotográfico. **Geopauta**, v. 2, n. 1, p. 43-57, 2018.

GONÇALVES, André Gustavo Papera. A Bíblia e o Culto às Imagens. **Boletim do CEIB**, Belo Horizonte, v. 8, n. 27, p. 4-6, mar. 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica Da Perda: Os Discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. 2. ed. UFRJ IPHAN, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, p. 239-248, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva. **Antropologia da esfera pública**, 2019.

GONÇALVES, Leonor de Azevedo e Bourbon Padinha Ribeiro. **Santo António no mercado de arte em Lisboa**. Instituto Universitário de Lisboa. Dissertação de Mestrado, 2018.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul. **Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 2007.

GRAEFF, Lucas. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa M. G (orgs.) **Memória Social, Revisitando autores e conceitos**. Canoas: Editora Unilasalle, 2018.

GUERRA, Wilton; DA CASA, Documentação do Museu. Oratórios– artefatos de devoção doméstica. **ACERVO**, n. 13, 2021.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2.ed. - Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Los cuadros sociales de la memoria**. Rubi/Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IPHAN. **Manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais**. Brasília: IPHAN, 2000

IPHAN. **Os Sambas, as Rodas, os Bumbas, os Meus e os Bois: a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil**. 1936/2006. Brasília: Instituto Patrimônio Histórico Nacional/Departamento de Patrimônio Imaterial, jun. 2006b.

KARNAL, Leandro; DE OLIVEIRA FERNANDES, Luiz Estevam. **Santos fortes: raízes do sagrado no Brasil**. Editora Rocco, 2017.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, v. 12, p. 51-59, 2007.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Clube de Autores, 2021.

MARQUES, Gabriela Pôrto. **O cuidar feminino: saberes e fazeres tradicionais de benzedeadas quilombolas de Mostardas-RS**. 2019.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 73, p. 45-66, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; ALONSO, Leandro Seawright. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. Editora Contexto, 2020.

MENEZES, Renata de Castro. Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo Antônio num convento carioca. **Revista USP**, n. 67, p. 24-35, 2005.

MESQUITA, Fabio de Azevedo. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro—Uma aproximação histórico-teológica. **REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 9, n. 15, p. 155-174, 2015.

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais**: estratégias de manutenção de um campesinato negro no litoral negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente), Cidade: Editora, 2018.

MOSTARDAS. Lei nº 2744 de 10 de outubro de 2010. **Institui Patrimônio Cultural Imaterial do município de Mostardas e dá outras providências**. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/m/mostardas/lei-ordinaria/2010/275/2744/lei-ordinaria-n-2744-2010-institui-patrimonio-cultural-imaterial-do-municipio-de-mostardas-e-da-outras-providencias?q=patrimonio+cultural+imaterial>> acesso em: 19/09/2020.

MOSTARDAS. **IBGE Censo 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/pesquisa/23/26170?detalhes=true>> acesso em: 02/04/2023.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org). **História da vida privada no Brasil**, v. 1, São Paulo: Companhia das Letras, p. 155-220, 1997.

MOTT, Luiz. Feiticeiros de Angola na América portuguesa vítimas da Inquisição. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 5, n. 9/10, 2012.

MOTT, Luiz. Santo Antônio. O divino capitão-do-mato. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, p. 110-138, 1996.

NEIS, Ruben. **A fundação de Mostardas**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em: <<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Ruben%20Neis%20-%20A%20FUNDA%C3%87%C3%83O%20DE%20MOSTARDAS.pdf.>>> Acessado em: 19/11/2022.

NERY, Olivia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista memória em rede**, v. 9, n. 17, p. 144-161, 2017.

NOGUEIRA, Ismael David; SILVA, Armando Honorio da. Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX. **Goiânia: Gráfica UFG**, 2017.

RIBEIRO, Diego Lemos. O patrimônio na ponta do novelo. In: NUNES, João Fernando Igansi; CONCHA, Jennifer Paola Pisso (orgs). **FOTOGRAFEANDO** - Jovens Trabalhadores Rurais, Educação e Patrimônio Cultural, Morro Redondo – Rio Grande do Sul – Brasil. Instituto Terra e Memória, série AREA DOMENIU, suplemento especial ao vol. 15, 2023.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios Afetivos: um novo recurso para o turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. **ROSA DOS VENTOS**, v. 11, p. 847-860, 2019.

PARÉ, Marilene Leal.; OLIVEIRA, Luana Paré de; VELLOSO, Alessandra D'Aqui. A Educação para Quilombolas: Experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga do Engenho II (GO). **Centro de Estudos Educação e Sociedade - CEDES**, Campinas-SP, v. 27, n. 72, 2007, p.215-232.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**, 2008.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, no 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. Aberaldo & Rothschild Editores, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POSCH, Patricia. Meios e formas de recordar: Aleida Assmann e as transformações da memória cultural. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 23, p. 401-406, 2020.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do documento aos valores**. Estação Liberdade, 2009.

PÓVOA, Liberato. **Você sabe o que é responder? O responso de Joaquim de Azevedo era tiro e queda**. Diário da Manhã, 17 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.dm.jor.br/opiniaio/2017/12/voce-sabe-o-que-e-responder-o-responso-de-joaquim-azevedo-era-tiro-e-queda>> acesso em: 22/09/2020.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Cuadernos de antropología social**, n. 11, p. 115-136, 2000.

RECOMENDAÇÃO SOBRE A SALVAGUARDA DA CULTURA TRADICIONAL E POPULAR. **UNESCO**, 1989. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>> acesso em: 30/07/2023.

RED DE REPOSITARIOS LATINOAMERICANOS. Disponível em: <<https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/>> acesso em: 08/02/2023.

REIS, Marla Elizabeth Almeida; PEDROSA, Dyedre Alves; RUFINO, Márcia Regina Calderipe Farias. Devoção no círio fluvial de Oriximiná: “brincadeiras”, “aperreios” e rezas para Santo Antônio. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 55, 2020.

RODRIGUES, Luiz Augusto. O lugar da cultura. A cultura do lugar. **PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, p. 76-91, 2013.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 363-365, 2005.

RUBINO, Silvana; FONTENELE, Sabrina. Mulheres e Patrimônio. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Ed.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Editora da Unicamp, 2020.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista brasileira de História**, v. 9, n. 19, p. 219-243, 1989.

SANTHIAGO, Ricardo; DE MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 27, 2020.

SÃO LONGUINHO: HISTÓRIA, VIDA, ORAÇÃO E DIA DE SÃO LONGUINHO. **Cadê meu santo**. Disponível em: <<https://www.cademeusanto.com.br/sao-longuinho/>> acesso em: 15/06/2022.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. En su lugar. Una reflexión sobre la historia local y el microanálisis. **Contribuciones desde Coatepec**, n. 4, p. 35-56, 2003.

SILVA, Juliani Borchardt da. **A construção das identidades dos benzedores de São Miguel das Missões/RS a partir de suas memórias e tradições**. 2021.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho. **PROMESSAS E MILAGRES NA DANÇA DE SÃO GONÇALO: Etnografia de uma devoção**. 2018.

SLENES, Robert W. Saint Anthony at the Crossroads in Kongo and Brazil: ‘Creolization’ and Identity Politics in the Black South Atlantic, ca. 1700/1850. **Africa, Brazil and the Construction of Trans-Atlantic Black Identities**, p. 209-54, 2008.

SLENES, Robert W. " Malungu, ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil. **Revista Usp**, n. 12, p. 48-67, 1992.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**, v. 6, n. 11, p. 171-188, 2001.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. A devoção do Espírito Santo na cultura luso-açoriana. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 237-243, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista Usp**, n. 67, p. 14-23, 2005.

THIESEN, Beatriz Valladão. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade - Rio Grande (RS). **Métis: história e cultura**, Caxias do Sul, v.8, n.16, p.143-155, 2009.

THORNTON, John. **The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706**. Cambridge University Press, 1998.

TURGEON, Laurier. Do material ao imaterial. Novos desafios, novas questões. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 5, n. 1, p. 67-79, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, n. 57, p. 28-37, 2003.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Tempo: Revista do Departamento de História da UFF**, v. 3, n. 6, 1998.

VIANA, Talita. Congados, Capitães e Curandeiros: apontamentos sobre práticas de cura do universo do Congado de Fagundes-MG. **Revista Pós**, Brasília, v. 12, p. 1, 2013.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. *In*: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

WEDIG, Josiane Carine; RAMOS, João Daniel Dorneles. A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzedeadas e mães de santo. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 2, p. 488-503, 2020.

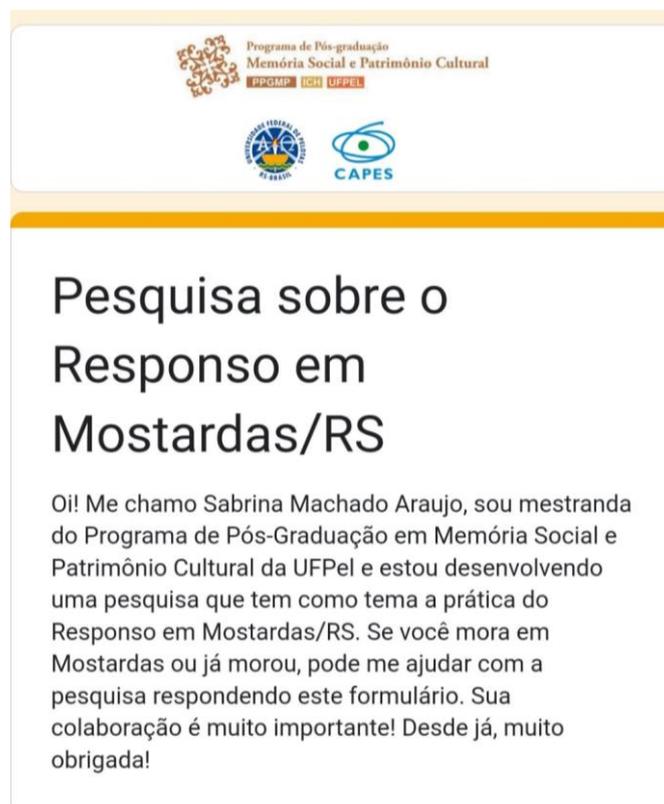
XAVIER, Marlon. O conceito de religiosidade em CG Jung. **Psico**, v. 37, n. 2, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A

FORMULÁRIO “PESQUISA SOBRE O RESPONSO EM MOSTARDAS/RS”

Imagem da tela inicial do Formulário



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural
PPGMP IGH UFPel

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAPES

Pesquisa sobre o Responso em Mostardas/RS

Oi! Me chamo Sabrina Machado Araujo, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel e estou desenvolvendo uma pesquisa que tem como tema a prática do Responso em Mostardas/RS. Se você mora em Mostardas ou já morou, pode me ajudar com a pesquisa respondendo este formulário. Sua colaboração é muito importante! Desde já, muito obrigada!

Seguem abaixo as perguntas que constam no formulário:

1 - Seu nome completo?

2 - Qual sua idade?

até 18 anos

19 a 25

26 a 35

36 a 45

46 a 55

56 a 65

acima de 65 anos

3 - Qual seu gênero?

- feminino
- masculino
- neutro
- outro
- prefiro não dizer

4 - Seu email ou telefone para contato?

5 - Qual seu endereço?

6 - Qual sua escolaridade?

- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo

7 - Você segue alguma religião? Se sim, qual?

8 - Você conhece a prática do Responso?

- sim
- não

9 - Como você conheceu o Responso?

- através da família
- através de amigos
- através de vizinhos
- outro
- não conheço

10 - Qual seu nível de proximidade com o Responso? (onde 1 significa que conhece pouco e 5 significa que conhece bastante)

11 - Você acredita em Responso?

- sim
- não
- não sei

11 - Você já "mandou resposar" objetos/animais perdidos?

sim

não

12 - Quais "responsadores" você conhece?

13 - Estou coletando relatos de pessoas que já mandaram responder objetos/animais perdidos. Você gostaria de compartilhar comigo sua experiência?

sim

não

14 - Você pode utilizar o espaço abaixo para escrever brevemente uma experiência com o Responso (o que foi perdido, com quem "mandou responder", o que foi dito, se foi encontrado ou não e outros detalhes que julgar importante):

15 - Você conhece a Lei nº 2.744 de 2010 que institui o Patrimônio Cultural Imaterial de Mostardas?

sim

não

16 - Essa lei institui como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Mostardas as Cantorias de Ternos de Reis, o Ensaio de Pagamento de Promessa, as Cavalhadas, a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa em louvor a São Luiz Rei de França, o Artesanato e o Culto às Tradições Gaúchas. Você concorda com os elementos citados?

sim

não

parcialmente

17 - Pensando nas manifestações culturais imateriais do município, acredita que o Responso também é uma delas?

sim

não

18 - Além do Responso, qual outra(s) manifestações culturais imateriais poderiam ser citadas?

19 - Para minha pesquisa, preciso entrevistar algumas pessoas pertencentes à comunidade mostardense, você gostaria de ser uma delas e me ajudar? Se sim, entrarei em contato para combinar.

sim

não

APÊNDICE B

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO UTILIZADOS NAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL COM RESPONSADORES

(iniciar pedindo que fale um pouco sobre sua trajetória de vida, se sempre morou em Mostardas, no que trabalhou...)

- 1 - Sobre o Responso - Como explicarias o que é para alguém que não conhece? O que é e como se faz?
- 2 - É um dom ou algo que se aprende?
- 3 - Lembra quando começou a Responso e como foi?
- 4 - Como se sente fazendo isso?
- 5 - Muita gente procura? A procura tem diminuído ao longo do tempo ou se mantém?
- 6 - E com a pandemia, o que mudou?
- 7 - Nota um perfil nas pessoas que te procuram?
- 8 - Como a questão da religião influencia?
- 9 - Sente que é uma prática que está se perdendo?
- 10 - Tu consideras importante dentro da cultura de Mostardas?
- 11 - Tem algum caso que foi mais marcante e gostaria de compartilhar?

APÊNDICE C

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL COM A COMUNIDADE ADEPTA

- 1 - Como tu explicarias o que é o responso para alguém que não conhece?
- 2 - Desde quando tu escutas falar sobre o responso? Como conheceu?
- 3 - Muita gente procura?
- 4 - Já mandou responder muitas coisas? Conte um caso.
- 5 - Quais responsáveis conhece? Atualmente e mais antigos.
- 6 - Acredita que é um dom ou algo que se aprende?
- 7 - Sente que é uma prática que está se perdendo?
- 8 - Tu consideras importante dentro da cultura de Mostardas?
- 9 - E se não existisse mais, sentiria falta? Acredita que seria uma perda significativa?

